Grandes Vultos Portuguêses

II

GIL VICENTE

GRANDES VULTOS PORTUGUÊSES

II

GIL VICENTE

(1470 (?) — 1540 (?))

POR

J. I. DE BRITO REBELLO

LISBOA

LIVRARIA FERIN, EDITORA

BAPTISTA, TORRES & C.TA

70, Rua Nova do Almada, 74

1912

GIL VICENTE

I

Teatro na antiguidade — Destruição do imperio romano — Formação de novas nacionalidades — A aparição dos muçulmanos — Constituição do reino de Portugal.

São conhecidos de todos a origem e desenvolvimento do teatro na antiguidade, e todos sabem os nomes dos autores que ilustraram a sua patria nesse brilhante ramo da literatura.

E' certo porém, que a invasão do imperio romano, pelos barbaros do norte, e o seu esfacelamento, abafou quasi toda a espansão literaria, que, posto que um tanto desmaiada do antigo esplendor, ainda, de quando em quando, soltava alguns lampejos que iam conservando a tradição.

Seguiu-se a este cataclismo uma era de agitação politica e de reconstrução social, que não permitia grande desenvolvimento em tudo o que respeitava ás artes.

Se se aviam esquecido os principios moralistas de Socrates e de seu discipulo Platão, que aliás nunca entraram no espirito e nos habitos comuns, um elemento novo comtudo, espalhando e disseminando pelas classes menos esclarecidas, noções de uma moral pura e umana, que em breve subiu até ás classes mais elevadas, foi transformando lentamente a sociedade. Esse elemento era o cristianismo. A religião, como em todos os tempos, influiu poderosamente na vida da umanidade, e o novo credo transformando as condi-

ções da familia e dos Estados, fez com que as artes despontassem tambem de novo do meio das trevas, que pareciam ter retraído a umanidade ao primitivo caos.

A escultura, a musica, a pintura, a poesia foram desenvolvendo as suas manifestações, que não tardaram a receber o influcso dos reflessos artisticos, ainda vívidos, do imperio do Oriente.

No entanto outra seita se levantára nas regiões orientaes, a qual apoiando-se nos principios fundamentaes do cristianismo, mas divergindo deste em seu desenvolvimento, se estendeu com rapidez, e veio, com as suas vagas impetuosas, embater nos paises da Europa, formados mais ou menos recentemente: era o islamismo.

A repulsão não se fez esperar, comtudo levou alguns seculos a enxotar do solo europeu esses ousados sectarios de Mafoma.

Foi neste periodo que teve nascimento o nosso Portugal: primeiro como um simples condado, pouco depois como reino. Sendo o chefe um principe francês que á peninsula ispanica viera tomar parte, com os nacionaes, na luta contra os antigos invasores, onde casára com uma filha do rei de Lião e Castella, é obvio que avia de atrair ao seu vasto condado muitos dos seus compatricios.

Essa corrente continuou pelos tempos adeante, quando o condado se converteu em reino independente, não só por aquela causa, mas ainda pela sucessiva passagem de cruzados para os logares santos, que encontrando aqui incentivo bastante para o emprego do seu destino, se deixavam ficar, encorporando-se na nova nacionalidade.

Elles traziam abitos e costumes diferentes, tradições e praticas do seu pais natal.

II

Origens do teatro português — Seu fundador — Facto que motivou a sua creação.

Subsiste a memoria de dois truões ou farçantes, de certo francêses, que logo no segundo reinado (D. Sancho I), representavam uma especie de farças, *arremedilhos,* pelo que receberam uma certa recompensa: eram elles Bonamis e Acompaniado, seu irmão.

Faltam-nos documentos que nos esclareçam ácerca do que se passava entre nós a este respeito durante dois seculos, mas pelos factos posteriores e pelo que sucedia em outros paises, podemos deduzir, com toda a probabilidade, como o veio dramatico se ia desenvolvendo no nosso.

Nos templos, em certas solenidades religiosas, exibiam-se alguns quadros hieraticos, respigados da Escritura Sagrada; nas procissões tambem a par com essas cenas, outras figuras profanas atraíam as atenções do publico, com os seus movimentos, atitudes ou esgares.

Nos salões regios ou da nobreza produziam-se certos entretenimentos, mais ou menos faustuosos, sob a designação de *Momos,* que eram verdadeiras representações cenicas, embora apenas executadas por mimica, ou quando muito precedidas algumas vezes de uma esplanação dita por qualquer figura.

Dizidores ou istriões tambem pelas cidades, vilas ou aldeias deduziam galhofeiras pantominas faladas ou

entoadas, arremedando cantos liturgicos, e imitações de figuras mais ou menos conhecidas.

Estes elementos que se foram condensando e amalgamando, fizeram despontar na Espanha Fernando de Rojas com a comedia *Celestina*, ou antes de *Calisto* e *Melibea*, e Juan del Encina com as suas representações, e as *Eglogas de Vergilio*, trasladadas e adaptadas a varios sucessos. Estas obras publicadas nos fins do seculo XV, principios do XVI, foram logo difundidas em Portugal, pois as relações de estreito parentesco entre as duas coroas, impunham essa difusão.

Começára, avia algum tempo, a tornar-se notado por varias producções poeticas de genero ligeiro um moço, cujo talento ninguem sabia a que altura poderia subir. Este moço era Gil Vicente.

Sentindo borbulhar em si o fervor do ingenho, e despertado pelo ezemplo que lhe davam esses autores espanhoes, aproveitou a ocasião mais propicia que se lhe deparou, para apresentar o seu primeiro esboço.

Achava-se prossima do termo da sua gravidez a rainha D. Maria, segunda mulher del-rei D. Manuel, o qual era almejado por toda a côrte. Gil Vicente prepára uma cena engraçada para celebrar aquele termo.

Na madrugada do dia 6 de junho de 1502, teve a soberana o seu livramento, dando á luz uma creança do secso masculino, que foi o principe D. João, depois rei D. João III.

Na segunda noite desse parto, entrou na camara respetiva, onde se achava a familia real, uma figura em trage de vaqueiro, fingindo-se escapo das mãos dos guardas, exibindo um monologo em castelhano, apropriado ao caso.

Era Gil Vicente, que inaugurava por este modo o teatro, ou antes, as representações cenicas em Portugal.

III

Quem era Gil Vicente — Sua origem — Duvidas quanto á sua profissão — Suas primeiras producções.

E' vulgar o nome de Gil Vicente. Nenhum apelido nos apresenta, por onde possamos ir destrinçar-lhe a ascendencia. Padres, frades, artifices, funcionarios, encontrâmos em todas as épocas e em diversas localidades com igual nome.

Até á poucos anos todos o consideravam como filho de um ourives de Guimarães, Martim Vicente; uma nova genealogia, porém, surdiu, mas não se apoiando em monumentos de irrefragavel autoridade, não nos póde inspirar absoluta confiança. Documentos nenhuns publicos ou particulares, ao alcance de todos, nos confirmam essa genealogia. Continuâmos pois no mesmo estado, sobre este ponto, em que se achavam os primeiros biografos.

Que profissão exercia, tambem se não póde afirmar com segurança.

Na epoca em que se manifesta o poeta, manifesta-se com igual celebridade um ourives do mesmo nome, cujos artefactos, uns conhecidos, outros nomeados em testamentos regios, o colocam na primeira plana dos artistas daquela especialidade.

A opinião, dos que teem versado o assunto, tem balouçado entre a idea de conjugar as duas celebridades num só individuo, e a de desdobra-las em dois.

Nós mesmo temos tido esses balanços, e, apesar dos documentos que reproduzimos em fac-simile a pag.

94 e 95 da nossa segunda *Ementa Historica,* sob o titulo de *Gil Vicente,* ainda nos não afoutariamos a asseverar, qual das duas ipoteses, parece mais provavel.

Se laborâmos em duvida sobre a sua origem, ascendencia e profissão, não menos duvidosa se nos apresenta a data do seu nascimento.

Pareceu plausivel aos benemeritos editores das Obras de Gil Vicente, publicadas em Hamburgo no anno de 1834, por uma expressão escavada de um dos autos do poeta, que elle deveria ter nascido por 1470, mostrámos, porém, (1) que outros teistos do proprio poeta podiam contradizer aquela opinião, aliás razoavel. Comtudo, pelo que Gil Vicente diz na carta de 1531 a D. João III, e pelo que escreveu no prologo para as suas obras, que estava coligindo no ultimo periodo da sua existencia, parece que o facto se deve ter dado entre 1470 e 1475.

Teria por tanto Gil Vicente, quando apresentou o seu primeiro ensaio dramatico, de 31 a 36 anos.

De certo que não foi esta a sua primeira producção poetica; outras, dos generos então cultivados, deveria ter escrito, das quaes poucas chegaram até nós.

(1) Veja a *Ementa Historica*, já citada a pag. 77.

IV

Um novo documento para a biografia de Gil Vicente.

Iamos formulando as nossas considerações á cerca deste e outros pontos, quando, ao continuar o ezame de alguns maços do *Corpo Cronologico*, para outro proposito, subitamente se nos depara um documento importante relativo a Gil Vicente.

E' elle um mandado ou desembargo do soberano, ordenando que se pague áquele oito mil reaes de sua vestiaria, o qual pela sua importancia passamos a transcrever:

Dom Joham por graça de Deus Rey de portuguall e dos alguarues daquem e dalem mar em affrica senhor de guiné e etc. mando a vos Manuell Velho tesoureiro do tesouro de minha casa que dêis a Gill Viçemte oyto mill reaes que lhe mando dar e o dito ano de mim hadaver de sua vestiaria, e per este com seu conheçimento vos seram leuados em conta el Rey o mandou per dom Rodrigo Lobo do seu comselho e veador de sua ffazenda, Diogo d'Oliueira o fez em Evora a xix dias de junho de mill b^c^xxxb.

Dom Rodrigo Lobo.

bilj reaes no tesouro a Gill Vicemte de sua vestiaria deste ano de xxxb.

per seu filho *Belchior Vicente.*

Registado *Jorge de Fygueiredo Correa.*

Recebeo Gill Vicente de Manuell Velho tisoureyro estes oyto mill reaes em mercadaria emEuora a xj dias daguosto de 1535.

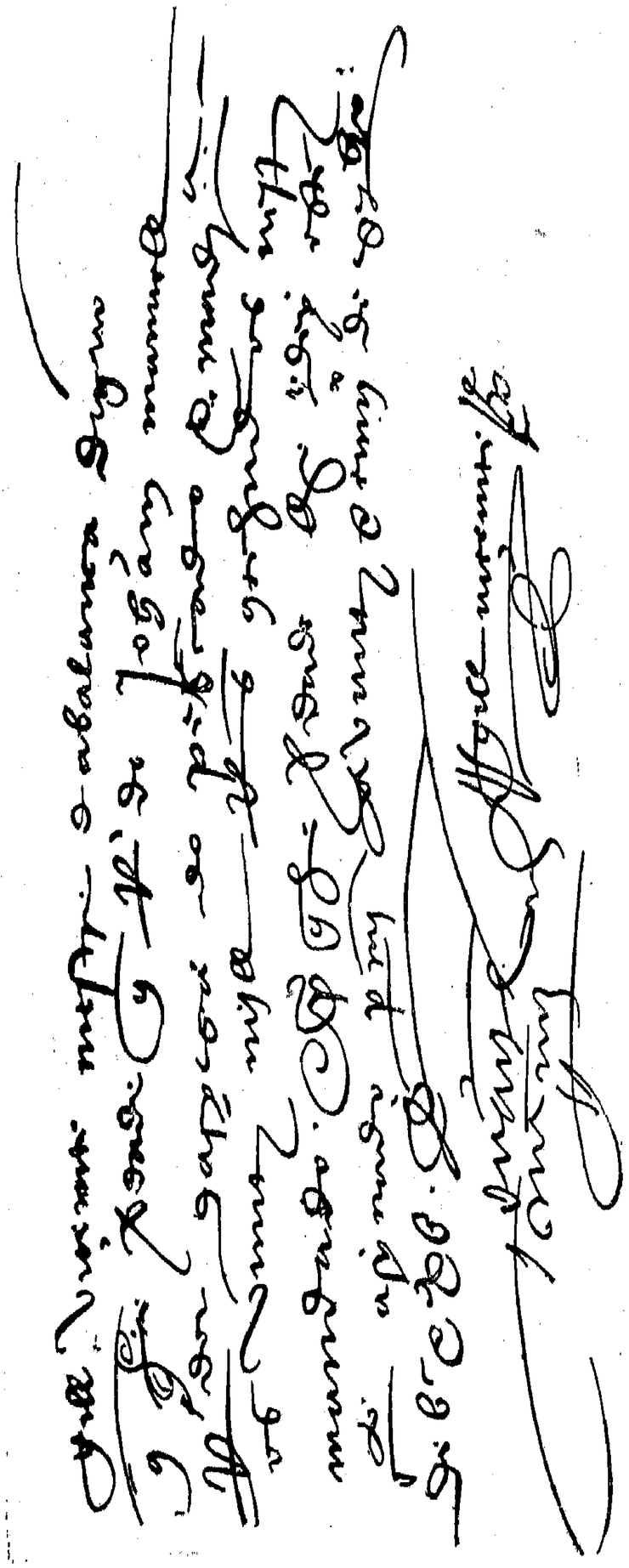
Gil Vicete. *Aspam pires.*

Muitas vezes taes desembargos não primam pela clareza, e este é um deles, pois não só nos não declara por que motivo é mandada pagar vestiaria a Gil Vicente, a qual era vencida pelos diversos empregados da casa real, nem tão pouco saberiamos a que ano ela dizia respeito, se na *vista* não tivesse havido o cuidado de o espressar; por que o *dito ano* do corpo do documento não se poderia referir a nenhum mencionado antes. Encerra comtudo, tres circumstancias importantissimas: a já apontada, da *vestiaria,* que prova estar G. Vicente assentado, de qualquer modo, entre os funcionarios da casa real, embora fiquemos ignorando em que qualidade; em seguida ser o pae de Belchior Vicente (o que ainda nos a-de suscitar outras reflessões) e portanto ser o pae de Luis, Paula Vicente e de Valeria Borges, conforme a demonstração já dada (1); por ultimo temos a assinatura, que é muito diferente da que autentica o recibo de 25 de setembro de 1525, dez anos antes (2), mostrando que são dois individuos.

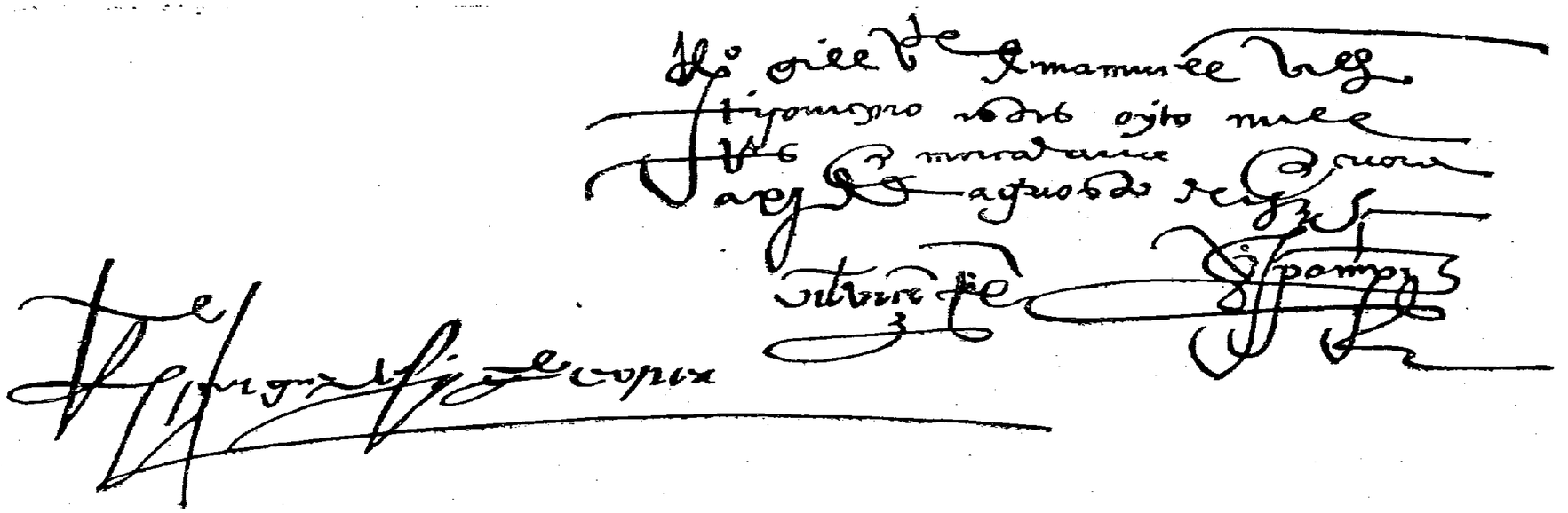
Voltando a Belchior Vicente, é certo que na nossa *Ementa Historica,* reproduzimos, *nota XI,* uma verba extraída do *liv. 4, do maç. I das Moradias da Casa Real,* e na fé do autor da *Historia Genealogica,* démos ao individuo, de que trata essa verba, aquele nome, comtudo, tornando a ezaminar o livro, um tanto dilacerado, onde ela se encontra, e recorrendo ao *Indice* dele, que felizmente subsiste em bom estado, achámos que o nome que ali se deveria ler era Gaspar Vicente e não Belchior.

Isto ainda nos suscita outra reflessão. Sendo inegavel a ezistencia de um filho Belchior, quasi indubitavel a de um Gaspar, era provavel que tivesse havido outro Baltazar, segundo uma custumeira muito inveterada no nosso país, pelo seculo XV e parte do XVI entre alguma gente, de dar a tres filhos, talvez os pri-

(1) De pag. 72 a 74 da nossa já citada *Ementa Historica.*
(2) Vej. o fac-simile a pag. 95 da dita *Ementa* e aqui.



Assinatura de Gil Vicente, ourives, no recibo de vinte mil reis, de mercê para o casamento de sua irman Filipa Borges, em 25 de setembro de 1515.
Torre do Tombo, Corp. Cronol. P.e II, maç. 60, n.º 152



Assinatura de Gil Vicente no recibo de oito mil reis de sua vestiaria em Evora a 11 dagosto de 1535.
Torre do Tombo, Corp. Cronol. P.e II, maç. 202, n.º 12

meiros, os pretensos nomes dos magos que vieram adorar Jesus Cristo, guiados pela estrela, tambem mais tarde classificados como reis.

Se nos não repugna aceitar esta ipotese, temos porém, que confessar que os dois, Gaspar e Baltazar, desapareceram cedo da face da terra, deixando apenas o primeiro, qual uma estrela cadente, um tenue e fugitivo rasto.

Em fac-simile damos a parte mais interessante do documento, que ainda nos ministra outra circumstancia que não devemos esquecer, a presença em Evora de Gil Vicente, pelo menos de junho a agosto de 1535. E' mais um periodo a acrescentar á lista das temporadas da permanencia do poeta naquela cidade, formulada pelo falecido e benemerito A. F. Barata, no seu opusculo *Gil Vicente e Evora.*

Para confronto reproduzimos aqui o fac-simile do outro documento já apresentado por nós na mencionada *Ementa*: assim todos podem reconhecer a diferença das duas assinaturas.

V

Primeira peça dramatica de Gil Vicente — Incitamento para proseguir nesse ramo da arte.

Como dissemos, foi na segunda noite do parto da rainha D. Maria, que Gil Vicente apresentou o seu primeiro trabalho dramatico.

Achavam-se na camara da real puérpera, além de D. Manuel, seu esposo, a duquesa de Bragança, irmã deste, e a mãe de ambos a infanta D. Beatriz, a quem a rubrica chama rainha. Entrou a certo tempo um vaqueiro, que fingindo-se agredido pelos guardas á entrada, refere o que passou nesse conflito; depois dirigindo-se ao principe e á rainha apresenta-lhe as suas felicitações, em frase apropriada, exaltando-lhe os seus ascendentes, e termina por fazer entrar diversas figuras em trajo de pastores, que oferecem ao recemnascido varios presentes.

Quem representou o papel do Vaqueiro supõe-se ter sido o proprio Gil Vicente, posto que a rubrica o não diga, e necessariamente os companheiros deviam ser alguns moços fidalgos, escudeiros e cavaleiros, gente emfim que tinha entrada no Paço.

A letra desta composição, posto que em linguagem castelhana, revela-nos um espirito e um pulso firme e muito habituado ao cultivo do metro.

A impressão que nos principes e nos mais dignitarios, que assistiram a este áto, causára semelhante novidade, deve ter sido imensamente agradavel. A propria rubrica no lo indica.

Efectivamente segundo ela nos diz no final: *E por ser cousa nova em Portugal, gostou tanto a rainha velha desta representação, que pediu que isto mesmo lhe representasse endereçado ao nascimento do Redemptor.* Gil Vicente reconhecendo que este esboço, para o caso a que o destinou tinha uma decidida oportunidade, mas não podia ter igual aplicação, ao que lhe indicavam, visto que o tempo lho permitia, e naturalmente com a aquiescencia da alta personagem que lhe fazia o pedido, resolveu, com o seu elevado bom senso, elaborar outra peça, mais ampla, mais desenvolvida e de maior movimento, isto é, mais consentanea ao assunto que lhe era indicado. E' isto o que se traduz da rubrica — *e por que a substancia era mui desviada, em logar disto fez a seguinte obra.*

Eis, pois lançada a pedra fundamental do teatro português, eis as mãos artisticas que a lavraram, e eis a inspiração que eiscitou a proseguir e a elevar o grandioso edificio.

Quem lavrou a pedra foi Gil Vicente, quem incitou a levantar o monumento foi a infanta D. Beatriz, mãe del-rei D. Manuel, que por um descuido, inadvertencia ou ignorancia de Luis Vicente, publicador das obras de seu pai, é aí intitulada rainha.

A infanta D. Beatriz, viuva havia mais de vinte anos do infante D. Fernando, irmão de D. Afonso V, se teve a gloria de ver no trono português uma filha, D. Leonor, mulher de D. João II, e o monarca *afortunado* D. Manuel I, tambem sofreu desgostos cruciantes, e a sua vida passava-se quasi sempre longe da côrte portuguêsa pelas suas residencias de Beja, Moura, etc. Acidentalmente encontrava-se então em Lisboa, onde parece averem-se reunido os principaes membros da familia real, para estarem presentes por ocasião do parto da rainha D. Maria, caso que se esperava com bastante anciedade.

D. Manuel fôra casado em primeiras nupcias com a infanta D. Isabel de Espanha, viuva do principe D. Afonso, unico fruto do matrimonio de D. João II;

dela teve o principe D. Miguel: mãe e filho aviam em breve falecido; eis por que era esperado com anceio o aparecimento do novo rebento do segundo enlace do rei. O feliz livramento da rainha veio pôr termo aos receios de todos, encher de alegria tantos corações palpitantes de duvidas, e fazer desabrochar o ingenho de Gil Vicente.

D. Beatriz até então quasi sempre meio cenobita, teve um momento de goso, e tocada pelo espirito do poeta, desejou vê-lo repetir a engraçada cena, o que deu logar á elaboração doutro produto dramatico de maior folego, como vamos ver.

VI

Segunda peça de Gil Vicente — Analise dela

Gil Vicente lia as obras de Encina, e se o principio do monologo da *Visitação* ou do *Vaqueiro* apresenta uns longes do auto del *Repelón* do poeta castelhano, na segunda produção dramatica do autor português, a idea é imitada d'aquele. Em Encina os quatro pastores que aparecem no auto, teem propositadamente os nomes dos quatro evangelistas, Mateus, Marcos, Lucas e João, reproduzindo quasi os teistos destes, dando á peça um tom pesado e monotono.

Gil Vicente porém, apoderando-se da idea, soube dar-lhe outro geito, imprimindo-lhe diverso caracter.

E' tambem este dramasinho que se intitula *Auto pastoril castelhano*, escrito no idioma natural da rainha D. Maria, e que era muito conhecido e falado na côrte portuguêsa. Infelizmente, o poeta não soube ou não quiz abandonar esse pernicioso costume, que tantas joias roubou á literatura portuguêsa, e contra o qual se insurgia pouco depois o patriotico ingenho de Antonio Ferreira.

«Não devemos procurar em Gil Vicente, dissemos em tempo, (1) uma ação muito complicada, caractéres bem distintos, dialogação nervosa nos primeiros ensaios do poeta; como no *Prometeu* de Eschylo, apesar da diferença de genero entre este e aqueles, a ação reduz-se a pouco, o fundo do drama e a linguagem são tudo.»

Vamos pois dar um esboço do referido auto.

---

(1) Veja *Ementa* já citada, pag. 17.

A' um pastor, Gil Terron, que, tocado por um espirito superior, ao que parece, se entrega á vida contemplativa, pelo que vaga sempre desviado e afastado dos mais. Encontra-se com elle Bras, outro pastor, seu amigo, que lhe pergunta porque anda assim apartado de todos? A que Gil responde, e tu que folgas sempre em festas, em bodas, correndo toiros e vacas, o que tiras d'isso? não vês que te entranhas no lodo? eu repasto por estas serras as cabrinhas, e quando volvo os olhos ao ceu, e admiro ali tanta formosura não julgo nada tão belo, nem zagala que se lhe possa comparar; e continuando a discorrer por este modo, diz que a soldada se lhe escoa das mãos, e que pelos caminhos e soledade em que anda, nem sabe se o gado será de outro dono.

Bras, porém ás reflessões de Gil Terron, responde-lhe se o clerigo de Vico Nuno lhe ensinou essas coisas na pratica de domingo; que se deixe d'isso, que viva acompanhado, cante e folgue nas malhadas, etc. Gil Terron explica que, apesar de andar assim, não deseja mal a ninguem.

Neste entrementes são avistados pelo pastor Lucas, que lhes brada de longe, se viram umas cabras que se lhe descarriaram, emquanto elle embevecido e boquiaberto via Marta bailar. E' por isso, acrecenta Gil, que eu fujo d'essas folganças; e continuam um dialogo animado, pelo diverso modo por que eles encaram a vida.

Aparecem então outros pastores e o dialogo agita-se mais. Procuram entreter-se com qualquer jogo, até que, tomados do sono, se deixam adormecer.

Desce depois um anjo que os desperta e clama cantando que é nascido o redemtor. Então Gil Terron faz acordar os pastores, dá-lhes a grande nova e combinam ir visitar o menino nascido, para o que mandam buscar á aldeia alguns instrumentos musicos e presentes, proprios de pastores, com que se dirigem ao presepio saudando o menino e a mãe e apresentando-lhe as suas ofertas.

Depois Gil Terron diz-lhes que aquela senhora é a

esposa dos *Cantares*, pelo que lhe cita não só alguns versiculos do *Cantico dos Canticos*, como lhes expõe as profecias de Malaquias, de Miqueas e outras referencias biblicas, o que incita o pastor Bras a dizer-lhe

—Gil Terron lletrudo estás
Muy hondo te encaramillas!

—Dios hace estas maravillas

responde Gil

Quien te viere no dirá
Que naciste en serrania

acrecenta Bras, e Lucas fecha o auto exclamando

Cantemos con alegria
Que en eso despues se hablará.

e cantando se vão.

Se o entrecho, aliás simplissimo, nos satisfaz e alegraria a côrte, onde era representado, nem por isso se deixa de notar alguma incongruencia nas personagens. Gil Terron, que é o mais desenvolvido dos caractéres, se se mostra com certa instrução, citando passos e teistos da Biblia, alguns no proprio latim, desdobra uma assaz burlesca genealogia de Teresa, a noiva do pastor Silvestre, que estaria melhor em outra boca e que desarmonisa com o genio sisudo, retraido e contemplativo de tal pastor; da mesma maneira quando os pastores se vão deitar, e ele os aconselha a benzerem-se primeiro, e que repitam as palavras que disser, em vez da formula—*em nome do padre, do filho e do espirito santo*—diz disparatadamente:

En el mes del padre
En el mes del hijo—
El otro mes se me olvidó.

o que é inverosimil em semelhante individuo.

Daqui já se poderá depreender, que alguns defeitos de composição se devem encontrar nos autos de Gil Vicente, os quaes, porem veremos sobradamente compensados, por muitas belezas de dição e abundantes cintilações de espirito.

VII

Reflessões sobre uma copla do auto precedente

No seu dialogo com o pastor Bras, Gil Terron, como já vimos, diz que, andando só, imagina que a soldada que ganha se lhe perde das mãos por qualquer caminho, e que o gado que apascenta, não saberá como nem quando, segundo, julga, venha ser de outro dono, e é, em continuação desses pensamentos, que exclama:

Conociste a Juan Domado
Que era pastor de pastores?
Yo lo vi entre estas flores
Con gran hato de ganado
Con su cayado real,
Repastando en la frescura
Con favor de la ventura:
Di zagal
Que se hizo de su corral?

A alusão é palpitante e manifesta a D. João II. Não é facil, porem, interpretar o epiteto — *domado* — que aplica a semelhante rei.

Deduz-se d'aí que Gil Vicente conhecia muito bem os tempos do filho de Afonso V, em que se criára e desenvolvera, e que falava deante de altas personagens, que, embora podessem ter alguns motivos de resentimento contra o *principe perfeito*, não lhes era dissaboroso ouvir invocar a sua memoria.

A pergunta com que termina a alusão é bem formada, porque efectivamente aquele rei não deixou des-

cendencia legitima, e o cetro, a coroa, o reino passáram a um colateral, seu primo e cunhado.

Cremos que Gil Vicente desempenharia o papel de Gil Terron, porque não é natural que introduzisse tantas espressões latinas nas falas do pastor, para as deixar adulterar pelos labios inscientes de qualquer actor improvisado.

Quanto ao que tinha dito antes, com relação á perda dos ganhos etc., parece-nos tambem aludir aos proventos que auferia no tempo do ultimo reinado, e como o gado passou a novo dono, não o diz, mas é claro que, tem esperança que esse não lhe faltará com o premio devido.

VIII

Proseguem as composições literarias de G. Vicente

Agora já a alta personagem que pedia a Gil Vicente, que lhe repetisse o monologo da *Visitação* pelas matinas do Natal, não póde ter duvidas sobre a facilidade com que ele comporá qualquer representação para dia ou festividade designada. Assim nos diz a rubrica:

«A dita senhora rainha, satisfeita d'esta pobre coisa (o auto antecedente) pedio ao autor que para dia de Reis, logo seguinte, lhe fizesse outra obra. E fez a seguinte, cuja introdução é, que um pastor determinou de ir a Belem e errou o caminho».

Se no auto precedente o poeta tomou o argumento duma das representações de Juan del Encina, dando-lhe porém outra feição menos pesada, mais alegre e viva; neste terceiro dramasinho, não se encostou a ninguem, embora a ação seja igualmente simples, e ainda mais breve que a daquela peça. Vejamos.

O pastor Gregorio desde a noite de Natal que anda apreensivo e perdido á procura de ver o redentor; encontra-se com o pastor Valerio, que, depois de conhecer o que ele deseja, lhe responde que certamente o ermitão que topou ali no deserto, lhe saberá dar razão disso. Trava-se então um coloquio espirituoso entre os tres, em que ás reflessões moraes do cenobita, opoem os dois pastores umas perguntas mais ou menos chistosas, mas proprias do seu rustico discorrer. E' inter-

rompido este coloquio, pelo aparecimento de um cavaleiro, que se perdeu da companhia dos magos com quem vinha, aos quaes guiava uma estrela. Ao descrever esse astro, enuncia o cavaleiro uma circumstancia, que não consta de nenhum dos evangelhos, tidos como canonicos, nem sequer do proprio e apocrifo *Evangelho da Infancia*, mas que resultava, ao que parece, de lendas igualmente apocrifas, havia muito perdidas, e é que a estrela apresentava a forma de uma creancinha tendo por cima uma especie de cruz

Es muy reluciente estrella
Y un niño en medio della,
Muy mas que ella
Reluciente en gran manera,
Una cruz en su cimera
Por bandera.

E' muito natural que G. Vicente recolhesse esta tradição dos judeus e muçulmanos existentes no nosso país, visto que a primeira vez que se publicaram algumas lendas apocrifas, relativas ao Novo Testamento, foi em 1543, e em aditamento a um livro que, se o poeta fosse vivo, provavelmente não leria, qual era o Catecismo de Luthero.

Emfim aparecem os reis magos cantando, e todos se dirigem ao presepio, onde aqueles oferecem os seus presentes, e saem todos cantando.

E acaba em breve, diz à rubrica, *porque não houve espaço para mais.*

Segue-se a este o *Auto da Sibila Cassandra*, tambem em castelhano, e representado á mesma senhora no mosteiro de Xabregas, provavelmente em 1503.

Figura-se que esta sibila não queria casar, imaginando que era ela a Virgem predestinada a ser mãe do Salvador. Debalde o pastor Salomão a requesta para esposa, debalde chama em seu auxilio as outras sibilas Erutea, Peresica e Cimeria, não logram demovê-la do seu proposito. Concordam que se chamem seus tios

Moisés, Abraão e Isaias, cujas razões nada aproveitam. Emfim abrem-se as cortinas do presepio, todos adoram, e Cassandra, convencida do seu erro, nada ousa pedir ao nascido, e, como nunca deu na vida passos concertados, pede apenas á Virgem Maria que rogue por nós.

A mistura de personagens verdadeiras ou imaginarias, celebradas na mitologia pagan, e na biblia, e que, segundo essas tradições, floreceram em epocas tão desviadas umas das outras, é mais um traço a acrecentar ás incongruencias que mencionámos ao fechar o § VI.

Neste auto temos a notar varias cantigas, uma das quais é tambem *ensoada*, isto é, posta em musica pelo autor. Termina porem estranhamente com um vilancete incitando e animando os cavaleiros á guerra, o que não tem relação alguma com a materia do auto, e só pode ter esplicação ou por noticias chegadas de Africa, pedindo socorros, ou pelas que trousse da India o grande almirante, e que determinaram a preparação e partida, no ano seguinte, da poderosa esquadra comandada por Lopo Soares d'Albergaria.

IX

Novas producções literarias de Gil Vicente — Auto de S. Martinho — Auto d'Obidos (?) — Auto dos Quatro tempos.

Em 1504 achava-se a rainha D. Leonor, viuva de D. João II, e irmã de D. Manoel, no logar das Caldas, que, dela, sua fundadora, tomou o nome, e assistindo aí á festividade de *Corpus Christi*, que nesse anno caiu a 6 de junho, e na igreja, ao efectuar-se a procissão, foi representado o *auto de S. Martinho*, que apenas consta de dez oitavas em verso de arte maior, e é como que uma alusão á caridade com que o estabelecimento termal, fundado ou ampliado por aquela senhora, vinha beneficiar a pobreza.

Diz a rubrica final — *nam foi mais, por que foi pedida muito tarde.* A rubrica inicial, dizendo-nos qual o tema da composição, tirado da caridade com que o santo partiu a capa para dar ao pobre, tambem nos demostra outra circumstancia importante, ser esta obrinha talvez a primeira de Gil Vicente representada fóra do paço e da côrte.

Neste mesmo ano, ou em outro posterior, achando-se a vila de Obidos, maguada, por não ter a rainha, ao dirigir-se ás Caldas, dado aviso da sua passagem, nem visitado aquela vila, lembraram-se os vereadores dela de dirigir a essa princeza a sua queixa por tal motivo. Alguem lhes sugeriu a idea de o fazer pela forma de um auto, enviando-lhe com ele um presente. O dito auto, que se acha publicado por nós, (1) e que

(1) *Ementa Historica II*, já citada, not. II, pag. 99.

muito provavelmente pode ter sido composto por Gil Vicente, é escrito, como o de S. Martinho em versos de arte-maior, mas em linguagem portuguêsa, apresentando a singularidade de constar tambem de dez oitavas como aquele. Esta composiçãosinha nem pelo metro, nem pelo conceito é indigna do poeta, comtudo só a recolhemos como um facto possivel.

E' pela rubrica que se conhece ser o *auto dos Quatro tempos*, o que se deve seguir ao *auto de S. Martinho*. Diz-se nela que foi representado a el-rei D. Manoel nos paços de Alcaçova, na capela de S. Miguel, por mandado da sobredita senhora, sua irmã, nas matinas do Natal. Não traz o ano declarado, mas por todas aquelas circumstancias, principalmente por ser no *auto de S. Martinho* que se nomeia a rainha D. Leonor pela primeira vez nas Obras de Gil Vicente, que o colocamos no ano de 1504.

Um serafim, em companhia de um arcanjo e de dois anjos, espõe a gloria do nascimento do Redentor, e todos quatro, cantando um vilancete, chegam ao presepio e adoram o menino nascido. Vem depois as quatro estações, ou quatro tempos, cada um por sua vez, diagolando todos. Entra então Jupiter, que discursando sobre o desaparecimento dos deuses, (menos elle segundo parece) chama os tempos, seus irmãos, convidando-os a adorar o menino. No fim chega David em traje de pastor, e todos adôram, acabando o auto com *Te deum laudamos*. Nota-se a mistura das entidades do paganismo com as do cristianismo, como no auto da sibila Cassandra, e quando Jupiter e os tempos se dirigem ao presepio irem cantando uma cantiga francêsa, que diz:

Ay de la noble
Ville de Paris

talvez oferecida pelo representante da França e em seu obsequio. Não é esta a unica peça onde se introduz alguma composição francêsa; infelizmente este auto é ainda todo escrito em castelhano.

X

Auto do Escudeiro pobre, ou de Quem tem farelos

Até aqui as peças de G. Vicente tem sido todas de feição religiosa, mas não tardou que elle, seguindo as pisadas de Francisco de Rojas, de Plauto e Terencio, tratasse de assuntos da vida comum, e deixando por um pouco o recinto dos oratorios e capelas, das naves ou adros das igrejas, esquecendo as alcatifas e esteiras do paço, viesse comunicar com o povo, fazendo-o partilhar do seu espirito, não só nos pateos das comedias, mas tambem pela imprensa, em folhas volantes que lhe entreteriam as oras de lazer, nas longas noites de inverno ao calor da lareira, ou nas tardes de estio á sombra dos alpendres, cabanaes ou dos arvoredos copados.

Foi a sua, talvez, primeira producção deste genero e em 1505, a farça ou auto do *Escudeiro pobre* que, logo pela rubrica, se percebe quanto agradou ao povo, que, mal o viu representar, o batisou com um titulo seu —*Quem tem farelos*— que não é mais que a primeira frase pronunciada pelo criado do escudeiro, ao começar a representação.

Que a peça foi a primeira representada ao grande publico, julgamos não poder duvidar-se; se foi tambem representada na côrte, é o que se não pode assegurar. Os contemporaneos do poeta, os poucos que dele falam, escassas noticias nos dão a seu respeito, e essas mesmo são em sentido geral, não indicando particularidade alguma, nem sequer quando se lhes oferecia ocasião

de dizer-nos alguma coisa que nos podesse interessar. Por isso laboramos em tantas duvidas ácerca d'esta grande individualidade.

Constitue o assunto da peça a vida, ou um trecho da vida, do escudeiro Aires Rosado, suficientemente pobre, que tendo para viver a mingoada moradia do paço, nem sempre paga-no devido tempo, quer fingir de abastado, tange viola, dá descantes á sua namorada, a quem dirige os seus improvisos, e a quem ilude; já afectando averes que não possue, já alardeando grande valimento na côrte, como privando muito com o rei, etc. A namorada, que é fantasiosa, almejando grandezas, tudo acredita e opõe os seus loucos pensamentos ás sisudas reflessões da mãe. Os criados, tanto do protagonista, como de outro tal escudeiro como aquele, em conversa viva e engraçada descrevem os ábitos, desvarios, jactancias e miserias de seus amos; ao primeiro dos quais, para nada lhe faltar de vaidoso, até possue o seu Cancioneiro. A serenada que dá á sua querida, que é interrompida pelo ladrar dos cães e miar dos gatos, e por fim surpreendida pela mãe da joven, é de um grande efeito, e patenteia por primeira vez o talento verdadeiramente comico de Gil Vicente.

Ao concluir na nossa *Ementa historica*, já citada, a analise desta farça dissemos, o que vamos transcrever:

«Assim termina este quadro, o primeiro da vida real e comum que traçou Gil Vicente, onde os caracteres estão habil e magistralmente desenhados, onde se sente a verdade de certas situações sociaes do seu tempo, quadro que com uma ação mais desenvolvida, travada e completa, daria uma comedia de primeira ordem, pois não se póde ser mais rapido, mais analista, mais espirituoso, mais cintilante do que o foi Gil Vicente n'este primeiro e brilhante ensaio. Faltou-lhe só aparecer cincoenta anos mais tarde.» (1)

(1) *Ementas Historicas, II*, pag. 36.

Eis um parentesis nas composições dramaticas de Gil Vicente, e comtudo é aqui onde ele é indubitavelmente o ator.

Nascia a 3 de março de 1506 o infante D. Luis, e na festividade, que em Abrantes se celebrou na noite d'esse dia, recitou o poeta á rainha D. Leonor um sermão, subordinado ao tema—*non volo, volo, et deficior* —isto é,—não quero, quero, e é escusado ou por de mais.—

Não percebemos bem a oportunidade de tal sermão em semelhante conjuntura. Parece que d'este sentir partilharam então alguns individuos sensatos, como nos explica a rubrica por este modo: *e porque alguns forão em contrario parecer, que se não prégasse sermão dhomem leigo, começou primeiro dizendo antes de entrar no sermão.*

Em duas a tres oitavas de artemaior, metro em que é escrito o sermão, infelizmente no idioma castelhano, começa pedindo perdão a seus contraditores, visto dizerem ser erro eisceder os limites da sua jurisdição, comtudo pede licença para ser louco por esta noite, e naquele logar, concedendo-lha para que o sejam sempre e em toda a parte; beliscão agudo e espirituoso, com que responde ao conceito contrario. Depois de pronunciar o *per signum crucis* e invocar a graça de Maria *gratia plena*, segundo o estilo, sauda a rainha, o devoto auditorio, e seus irmãos em Cristo, e entra a desdobrar as tres partes do discurso. São alegados S. Thomaz, Santo Agostinho, Scoto, e discorrendo pelo que não quer saber ou perguntar, já de assuntos religiosos, já profanos, misturando a filosoficas reflessões, outras duvidas sempre apolvilhadas de espirito. Passando á segunda parte diz que nunca no mundo houve tanta fé com o inferno, que o mundo está para acabar, pelos sinaes de moribundo que mostra e que são deduzidos com muita graça, e chega á terceira parte declarando com muita finura o que é escusado, terminando por dizer que é por demais o proprio sermão.

Critica de facto, da vida publica e particular, filosofia amena sob uma aparencia leve e espirituosa, e se não tem relação com a solenidade que se celebrava, tem-na com a vida de todos os dias, de todos os tempos, e de toda a umanidade ainda a mais civilisada.

Neste ano a 30 de setembro faleceu a infanta D. Beatriz, mãe de D. Manuel, uma das protectoras do poeta, facto que lhe devia causar grande abalo, e determinou o luto prolongado da côrte.

XI

Auto da Alma, Auto da India

Era em 1508. No alto do Castelo viam-se ainda os antigos paços da Alcaçova, um tanto acanhados para o desenvolvimento que a vida publica e particular ia tomando. A população começára havia tempos a regorgitar das velhas muralhas com que já el-rei D. Fernando I tinha alargado a cidade. Grandes dignitarios iam construindo seus palacios em sitios mais desafogados. Ao *Cata que farás* os Corte Reaes, no bairro da pedreira o Conde Almirante, a S. Francisco os donatarios de S. Miguel. Os Olivaes que revestiam as encostas de S. Roque, Moinho de Vento, etc., iam pouco a pouco cedendo o logar a novas construções, D. Manuel, o rei Afortunado intendeu tambem em mandar edificar novos paços na ribeira do mar, proximo á Casa, ou repartição de Guiné e India, onde vinham depositar os produtos que lhes entumeciam os seios, as naus, as caravelas e as taforeas, que da Africa e da Asia chegavam repletas de oiro, ou de generos e drogas ezoticas que valiam tanto ou mais que ele.

Para esses paços, que ficaram sendo chamados da *ribeira,* avia transferido algum tempo antes a sua residencia, D. Manuel, e aí se continuavam aqueles famosos serões de Portugal, não já só restritos aos simples, bem que faustuosos momos, mas dando logar a verdadeiras representações, bem temperadas do sal, cuja falta injustamente lamentava o poeta filosofo Sá de Miranda, e mais condimentadas com a estimu-

lante pimenta que um talento, mais aristofanesco do que horaciano, nelas lançava ás mãos cheias.

Ora parece que a primeira obra de Gil Vicente representada nesses paços foi o *Auto da Alma*, e não podia estreiar-se neles com espirito mais elevado, filosofia mais celestial do que a que ressuma de todo esse poema.

Nestes tempos de descrença, em que á idea de um ser supremo bom e glorificador, se substitue um culto passageiro e efêmero de idolos do barro quebradiço que hoje se adoram, amanhan se enxovalham com lama, ou espedaçam á pedrada, ao talante dos nossos pensamentos mesquinhos e ruins paixões, não é facil dar uma esplicação nitida e perfeita da beleza ideal deste auto.

Proximo aos limiares da eterna escuridade, onde é tão facil o descer, quanto dela impossivel o regressar, livre, como sempre, de preconceitos, e importando-nos pouco com o juizo que de nós se faça, vamos espôr com a maior singeleza e verdade o entrecho desta obra tão distinta.

Tem a palavra o proprio Gil Vicente. Eis como ele nos espõe o argumento do seu drama.

«Assi como foi cousa muito necessaria aver nos caminhos estalajens para repouso e refeição dos cansados caminhantes, assi foi cousa conveniente que nesta caminhante vida ouvesse ũa estalajadeira pera refeição e descanso das almas que vão caminhantes para a eternal morada de Deos. Esta estalajadeira he a Madre Samta Igreja: a mesa he o altar, os manjares as insignias da paixão. E desta perfiguração trata a obra seguinte.»

E assim descreve a cena: «Está posta hũa mesa com ũa cadeira. Vem a Madre Santa Igreja com seus quatro doutores San Thomaz, San Jeronimo, Santo Ambrosio, Santo Agostinho diz:»

Espõe este santo doutor o fim, que é em verso o mesmo argumento, mais desenvolvido, que na prosa transcrita, e logo em seguida chega a alma acompanhada pelo seu anjo custodio.

Dirige-se á mesa, expondo os seus sentimentos altamente morais; breve porem o espirito do mal vem tentá-la. Ora representando-lhe os gosos da terra, ora procurando excitar-lhe a vaidade, ora a soberba, ora o amor do luxo, oferecendo-lhe colares, aneis e outros objectos. Periclita a pobre alma entre encontrados sentimentos, comtudo a cada ataque do inimigo, vem o anjo mostrar-lhe a falsidade e inanidade de tais pensamentos, até que em fim o espirito do bem consegue salva-la dos latifundios onde a pretendia lançar o espirito do mal, e ela se decide a procurar o abrigo da Santa Igreja com o que os diabos, que acorreram a auxiliar o seu chefe na iniqua empresa, desesperam, e os santos doutores acolhem e iluminam a preciosa peregrina, com a luz da mais elevada filosofia cristan.

E' de notar, e já o sr. Prestage (1) o acentuou, que o diabo em Gil Vicente não tenta seduzir a alma com sarcasmos e ditos mefistofelicos, como no Fausto de Goethe, mas sim convertê-la pelos argumentos que mais podem excitar as paixões, vaidades e fraquezas humanas.

Sejam quaes forem as ideias religiosas ou anti-religiosas que cada um professe, em quanto se não apagar da face da terra o sentimento do bem, a elevação do espirito humano, e o fundo da idea moral, o *Auto da Alma* será uma das joias mais puras da literatura portuguêsa.

Contraste bem marcado com o auto precedente, é o *Auto da India*, representado á *catolica rainha D. Leonor*, em Almada em 1509.

As nossas empresas na Africa e na India absorviam não só a atenção do monarca, cuja perseverança em continuar a obra dos seus antecessores e consolida-la com largas vistas é assaz notoria, mas tambem o concurso de muitos braços que eram mister, para sustentar tão vasto e grandioso proposito.

(1) The Portuguese drama in the sixteenth century—Gil Vicente—Cy Edgar Prestage—pag. 16.

Sobretudo a India, como ainda hoje a America, seduzia com a miragem de lucros importantes as imaginações dos nossos conterraneos, cujas almas crentes impelindo-os á propagação da doutrina cristan, os faziam deixar tudo, para correr ás aventuras e aos perigos que os atraiam.

Camões descreve-nos com veementes cores a partida da armada de Vasco da Gama; segundo o que ele mais tarde observaria, presenciando a de outras. As mães, as irmans, as esposas vertem lagrimas ao verem desaparecer os entes queridos. Se umas conservam firme e quente na sua alma o sentimento da saudade, quantas não esquecerão prestemente esses aventureiros, já por um natural pendor para a volubilidade, já pelas assiduidades lisonjeiras com que astuciosos libertinos as saberão embelecar. Da mesma maneira que la nesses paizes da canela, do cravo e da pimenta, onde a puberdade é tão precoce, esses erradios se olvidarão entre os encantos das naturaes ou creoulas que os embriagam com *mil feitiços*, como confessava Bocage.

Aproveitando pois esta ocorrencia, traça o poeta o quadro d'uma esposa leviana, cujo marido parte para a India. As duvidas que a contrariam quando a moça lhe diz que parece que a armada já não parte, o jubilo que revela ao saber que já vai toda vogando de verga de alto, estão bem desenhados. Eila livre podendo entregar-se aos seus desvarios e deleites. Aparece-lhe primeiro um castelhano que ela já conhecia, que com suas bravatas a embala, ostentando boas promessas, motejando do proprio marido querer outra India quando a tinha a ela. Promete-lhe uma entrevista para noite, convencionando certo sinal. Após a saida do castelhano, eis a procura um certo Lemos, que já em tempos a requestára. Depois de certos remoques pelo seu desaparecimento durante tanto tempo, é bem aceito, e fica. Mas em quanto estão neste coloquio, chega o castelhano que dá o sinal convencionado; vê-se ella em apuros para eisplicar ao que está, o ruido que se sente

fóra, e ao outro o que a impede de lhe abrir: em fim ladina como é, tudo remedeia, fingindo que tem cá o irmão e em outro dia o primeiro virá, o que a moça resume neste conceito

Quantas artes quantas manhas
Que sabe fazer minha ama
Um na rua outro na cama!

Ah! mas a armada de Tristão da Cunha, que havia partido em 1506, e que tanto se havia ilustrado por esses longos mares e regiões, regressava quasi ao fim de tres anos, e a moça que assim o diz, e a ama de julgar que apenas havia decorrido ano e meio! Que tal lhe soubera o tempo! A moça fôra fazer umas compras, no entanto a ama faz estas considerações

Mas que graça que seria
Se este negro meu marido
Tornasse a Lisboa vivo
Para minha companhia!
Mas isto não póde ser,
Que ele havia de morrer
Sómente de vêr o mar.
Quero fiar e cantar
Segura de o nunca ver.

Não lhe sucedeu, porém, como cuidava. Chega a moça esbofada

Ai! senhora, venho morta:
Nosso amo é hoje aqui...

e a ama de responder

Má nova venha por ti
Perra, escomungada, torta.

Continua asseverando que a nau *Garça*, em que ele fôra, vinha vogando com galhardia para cá de Rastelo, e pessoa que o viu lhe afirmára que vem gordo

que espanta. Ao ouvir isto diz que não caiará a casa, manda quebrar malgas, panelas, que deite a carne aos gatos, desfaça a cama, que estinga o lume, e como a moça dá seus remoques

Perra, cadela tinhosa
Que rosmeas aleivosa?

e ainda exclama

Não sei para que é viver!

Ou lá, soa a voz do marido

Alli, ma ora, este é.

profere ela, acrescentando

Quem é?
Homem de pé.

e ela de retorquir

Gracioso se quer fazer!
Subi, subi para cima

Entrando eis que diz logo:

Abraçai-me minha prima,

E ela, ao vê-lo, fazendo-se piegas

Jesu! tão negro e tostado
Não vos quero, não vos quero.

Eu a vos si, porque espero
Serdes mulher de recado

responde ele. Então pergunta ela á moça que está olhando? acenda o lume, e vá logo saltando buscar vinho, e metade de um cabrito, em quanto conversam. Nesta ultima cena desenvolve a fingida esposa toda a sua astucia e ipocrisia, como se vai ver

Ama Ora como vos foi lá?
Mar. Muita fortuna passei.
Ama E eu? oh! quanto chorei
Quando a armada foi de cá!
E quando vi desferir
Que começaste de partir
Jesu! eu fiquei finada!
Tres dias não comi nada
A alma se me queria sair.
Mar. E nós cem leguas daqui
Saltou tanto sudueste
Sudoeste e oes-sudoeste
Que nunca tal tormenta vi.
Ama Foi isso á quarta feira,
Aquella logo primeira?
Mar. Si; e começou n'alvorada.
Ama E eu fui-me de madrugada
A Nossa Senhora da Oliveira,
E co'a memoria da cruz
Fui-lhe dizer uma missa
E prometi-vos em camisa
A Nossa Senhora da Luz:
E logo á quinta feira
Fui-me ao Espirito Santo
Com outra missa tambem,
Chorei tanto, que ninguem
Nunca cuidou ver tal pranto.
Correste aquella tormenta?
Andar.
Mar. Durou-nos tres dias
Ama As minhas tres romarias
Com outras mais de quarenta.
Mar. Fomos na volta do mar
Quasi quasi a quartelar:
A nossa *Garça* voava,
Que o mar se espedaçava.
Fomos ao rio de Meca
Pelejámos e roubámos
E muito risco passámos
A' vela e arvore sêca.
Ama E eu cá esmorecer,
Fazendo mil devoções
Mil choros, mil orações.
Mar. Assi havia de ser
Ama Juro-vos que de saudade
Tanto de pão não comia
A triste de mi cada dia.
Doente, era ua piedade.

Já carne nunca a comi:
Esta camisa que trago
Em vossa dita a vesti,
Por que vinha bom mandado.
Aonde não ha marido
Cuidai que tudo é tristura,
Não ha prazer nem folgura;
Sabei que é viver perdido.
Alembrava-vos eu la?
Mar. E como?
Ama A'gora, aramá:
La ha indias mui fermosas,
Lá farieis vós das vossas,
E a triste de mi cá,
Encerrada nesta casa
Sem consentir que vizinha
Entrasse por uma braza
Por honestidade minha.
Mar. Lá vos digo que ha fadigas
Tantas mortes, tantas brigas
E p'rigos descompassados,
Que assi vimos destroçados
Pellados como formigas.
Ama Porem vindes muito rico?
Mar. Se não fora o capitão
Eu trouxera a meu quinhão
Um milhão vos certifico.
Calai-vos que vós vereis
Quão louçan haveis de sair.
Ama Agora me quero eu rir
Disso que me vos dizeis.
Pois que vós vivo viestes
Que quero eu de mais riqueza?
Louvada seja a grandeza
De vós, Senhor, que mo trouxestes!
A nau vem bem carregada?
Mar. Vem tão doce embandeirada!
Ama Vamo-la, rogovo-lo, ver.
Mar. For-vos-hei nisso prazer?
Ama Si, que estou muito enfadada.

Esta cena que nos desenha o caracter aberto e confiante do marido, e onde a mulher, aproveitando todos os processos das crenças religiosas do tempo, astuciosamente embaindo aquele acerca do seu bom procedimento, não deixa de aventurar uma pontinha de ciume ao perguntar-lhe pelas indias, e fazendo perceber que não

são as riquezas nem as galas que a comovem, mas a presença viva do marido, nada deixa a desejar sobre a ezactidão do desenho. Dividido em tres *jornadas* ou *átos* como ao diante se procedeu; a *partida*, a *ausencia*, e a *chegada*, dava uma composição completa e regular. Algumas imperfeições no metro, faceis de apagar, devem atribuir-se a descuidos tipograficos, de copia ou de revisão.

XII

Auto da Fé — Farça do Velho da Horta

E' o Auto da Fé o unico que traz em si mesmo a data da sua representação, sem necessidade de recorrer ás rubricas, nas quaes ha varios erros tipograficos que nos enganam.

E' outra especie de misterio pelo teor do *Auto da Alma*. Eis como expõe G. Vicente o seu argumento:

«A seguinte representação foi representada em Almeirim ao mui poderoso rei D. Manuel. Cuja invenção he, que estando nas matinas do Natal entrão dous pastores simpres na capella; e estando maravilhados no pontifical de todas aquellas cousas, entra a Fé, que lhe declara a significação dellas. Entra primeiramente um pastor chamado Braz, e vendo assi aquella festa chama seu companheiro:»

E' claro que devia estar o presepio disposto n'um altar, e a côrte e uma colegiada de clerigos, para a celebração das matinas, como dizem os pastores:

Braz Aqui esta la gente toda,
Bento Cuantos que estes zotes son,
O' cregos ó son personas?
Braz Mas que monton de coronas!
Bendigalos Santo Anton

E continuam dialogando sobre tudo o que ali veem em modo rustico e chocarreiro, pois nunca viram tal na sua igreja. Estando nestas duvidas e comentos, e desejando um letrado que lhe soubesse explicar tudo, entra uma dama, cujo trajo lhe parece mourisco, que

faz reverencia, naturalmente ajoelha e põe as mãos, e logo os pastores supoem que lhes poderá dar a explicação que precisam. Querem perguntar, mas retraem-se; emfim Braz arrisca-se

Braz No me tengo de ir ansi.
Sepamos d'esta zagala
Quien és y lo que fiñita
O' zagalega bendita
Quien sois vós de tanta gala?
No hablais? pues no sois muda.
Bento Espera; ya se levanta.
.....
Fé Vós outros que demandais?
Braz Nos otros qué os queremos?
Si a nós lo perguntades
Nos otros no lo sabemos.
Fé A divinal claridade
Seja em vosso entendimento,
E vos dê conhecimento
Da sua natividade.

A' pergunta que lhe fazem, explica ela o que é a fé e como esta solenidade é uma perfiguração do que sucedeu ha muito tempo

Braz Que años ha que acaeció?
Fé Mil e quinhentos e dez

e continua a fé esclarecendo-os sobre o nascimento, sobre a virgem mãi, sobre a pobreza do presepio onde quiz nascer

Por mostrar que a pobreza
Actual e esp'ritual
E' o toque principal
Da celestial riqueza:
Porqu é porta da umildade
Caminho da paciencia
Horto de santa prudencia
Esteio de santidade,
etc., etc.

diz-lhes que cantem nesta festa alguma das suas cantigas, o que elles fazem entoando um villancico. Nisto aparece o pastor Silvestre que lhes diz que bem ouviu

o que falavam com a figura da fé, e que nesta alegria cantará melodia com os seus tres companheiros.

E fecha o auto Braz assim

Vos prehecha Fé sagrada
Vida de nuestro consuelo,
Pues nos mostrastes el cielo,
Seiaes por siempre loada

E cantando a quatro vozes uma enselada que veio de França, saem dando fim á representação.

Já no *Auto dos quatro tempos*, ou estações, se entoou uma cantiga francesa. Como se vê, começava ou ezistia já um certo comercio literario com aquele pais. Portuguezes iam ali estudar; um dos antigos professores de D. Manuel ali publicou as suas obras, e em breve uma familia distinta de eruditos portuguêses dirigirá em França os principaes colegios de educação. Assim se podem explicar estas relações.

Nota-se ainda nesta peça que emquanto os pastores se exprimem em castelhano, a Fé é a unica personagem que fala em português.

Em 1512 representa-se a farça do *Velho da Horta*. Eis o argumento segundo o declára o proprio autor:

«A seguinte farça é o seu argumento que um homem honrado e muito rico, já velho tinha ũa orta; e andando ũa manhan por ela espairecendo, sendo o ortelão fora, veio ũa moça de muito bom parecer buscar ortaliça, e o velho em tanta maneira se namorou dela, que por via de ũa alcoviteira gastou toda sua fazenda. A alcoviteira foi açoutada, e a moça casou honradamente.»

Na cena anda o velho na sua orta resando e glosando o seu *Padre Nosso*, quando chega uma joven á procura do ortelão

Velho Senhora, benza-vos deos.
Moça Deus vos mantenha, senhor.
Velho Onde se criou tal flor?
Eu diria que nos ceos.
Moça Mas no chão.

Velho Pois damas se acharão
Que não são vosso çapato
Moça Ai! como isso é tão vão
E como as lisonjas são
De barato.
Velho Que buscaes vós cá, donzela,
Senhora, meu coração?
M. Vinha ao vosso ortelão
Por cheiros para a panela
V. E a isso
Vindes vós, meu paraiso,
Minha senhora e al não?
M. Vistes vós! segundo isso
Nenhum velho não tem siso
Natural?
V. O' meus olhinhos garridos
Minha rosa, meu arminho!
M. Onde é o vosso ratinho? (1)
Não tem os cheiros colhidos?
V. Tão de pressa
Vindes vós, minha condessa
Meu amor, meu coração?
M. Jesu! Jesu! que cousa é essa?
E que pratica tão avessa
Da razão!
Falai, falai doutra maneira
Mandai-me dar a ortaliça
V. Grão fogo damor m'atiça
Oh! minh'alma verdadeira!
....
M. E qual será a desastrada
Que atente em vosso amor?
V. O! minh'alma e minha dor
Quem vos tivesse furtada!
M. Que prazer!
Quem vos isso ouvir dizer
Cuidará que estais vós vivo,
Ou que sois para viver.
V. Vivo não no quero ser,
Mas cativo
.....
M. Ora dá-lhe lá favores
Velhice, como te enganas!
V. Essas palavras ufanas
Acendem mais os amores

(1) Jornaleiro, ordinariamente das Beiras, que vem ás partes do sul do país, trabalhar nas plantações, mondas, ceifas, etc.

Mas vejo as desaventuras
....
M. Não vedes que sois já morto
E andais contra natura?
V. O' flôr da mor formosura
Quem vos trouxe a este meu orto?
Ai! de mi!
Por que assi como vos vi
Cegou minh'alma, e a vida
Está tão fóra de si,
Que em vos partindo daqui
E' partida.
M. Já perto sois de morrer,
Donde nace esta sandice
Que quanto mais na velhice
Amais os velhos viver?
E mais querida,
Quando estais mais de partida
E' a vida que deixais?
.....
V. Que amor não quer razão
Nem contrato, nem cautela
Nem preito, nem condição,
Mas penar de coração
Sem querela.
M. Ulos'esses namorados?
Desinçada é a terra deles
Olho mau se meteu neles,
Namorados de cruzados
Isso si.
V. Senhora eis-me eu aqui
Que não sei senão amar.
O! meu rosto d'alfeni,
Que em forte ponto vos vi
Neste pomar!
.....
M. O vosso ortelão não vem?
Quero-me ir que estou de pressa
V. Oh! fermosa
Toda minha orta é vossa.
M. Não quero tanta franqueza.
V. Não por me serdes piedosa,
Por que quanto mais graciosa
Soes crueza.
Cortai tudo sem partido,
Senhora, se sois servida
Seja a orta destruida,
Pois seu dono é destruido.
.....

M. Colherei algũa cousinha
Somente por ir asinha
E não tardar.
V. Colhei rosa dessas rosas,
Minhas flores, colhei flores,
Quizera eu que esses amores
Foram perlas preciosas,
.....
Ditoso é o jardim
Que está em vosso poder;
Podeis, senhora, fazer
Dele o que fazeis de mim.

responde a joven gabando o que vê e cantando uma pequena cantiga castelhana, vai apanhando o que precisa, dizendo em seguida

M. Eis aqui o que colhi,
Vede o que vos ei dar?
V. Que me haveis vos de pagar
Pois que me levais a mi?
.....
M. Senhor, com vossa mercê
V. Por eu não ficar sem a vossa
Queria de vós ũa rosa.
M. Ua rosa? para que?
V. Por que são
Colhidas de vossa mão,
Leixar-me-eis algua vida
Não isenta de paixão,
Mas será consolação
Na partida.
M. Isso é por me deter:
Ora tomai, acabar.
(toma lhe o velho a mão)
Jesu! e quereis brincar
Que galante e que prazer!
V. Já me deixais?
Lembre-vos que me lembrais
E que não fico comigo,
Oh! martirios (1) infernais!
Não sei porque me matais
Nem o que digo.

(1) *Marteiros* é como se lê no original.

Carecia aqui dum monologo ou soliloquio afim de preparar a tranzição para a cena imediata, em que o creado aparvalhado o vem chamar da parte da ama para jantar, travando-se entre os dois um dialogo chistoso.

Em seguida vem a mulher chamá-lo, mas não consegue movê-lo, antes ás suas instancias só colhe esta ultima resposta

Dona torta
Acertar por essa porta,
Velha mal aventurada
Sair-me ora, da orta.
Mulh. Ui! amara, aqui sou morta
Ou espancada!
V. Estas velhas são pecados,
Santa Maria Val com a praga!
Quanto as homem mais afaga
Tanto são mais endiabradas

E' nesta cena onde a mulher lhe diz:

A cabo de sessenta anos
Que sondes já carantonha

o que se se tomasse á letra, e aplicado a G. V., que provavelmente desempenharia o papel do velho, lhe recuaria o nascimento a 1452 e por tanto o começo da sua carreira dramatica aos cincoenta anos, e o termo aos oitenta, o que não nos parece admissivel.

Ida a mulher, canta o velho, mas acabada uma copla, chega uma grande alcaiota, Branca Gil, que o anima no seu desejo, como porem ele desmaia, entoa ela uma ladainha muito curiosa a todos os galantes e donzelas da côrte, até que ele volta a si. Incumbe-se de mover a moça, indo e vindo varias vezes, levando de cada uma boa dose de cruzados, de que vai limpando o velho.

Mas ai! no meio destes desvarios, enleios e ladroices é Branca Gil presa e vai ser açoutada pela quarta vez, e a moça casa com um mancebo seu namorado.

Sabido isto pelo velho, lamenta os seus dislates e a sorte das filhas, a quem com eles empobreceu.

A conclusão da farça, posto que natural e bem concebida, é comtudo precipitada e incongruente, pois não se podiam em nove ou dez estrofes desenvolver e completar os factos descritos. E' bom o plano e o pensamento, deficiente, porem, a execução.

XIII

«Exortação da guerra», tragicomedia

A politica portuguesa, iniciada por D. João I, era a conquista da Africa. Bem sucedido na tomada de Ceuta, não proseguiu, como fôra conveniente, deixando aos seus sucesores esse cuidado.

Em tempo de D. Duarte intenta-se a tomada de Tanger, mal sucedida, não por falta de valor, mas de um plano bem combinado pelo infante Dom Henrique, capitão general dessa empreza.

Logo que D. Afonso V se julgou apto a passar a Africa, em sucessivas entradas se apoderou de Alcacer Ceguer, Arzilla e Tanger.

Ao mesmo tempo iam as navegações descobrindo a costa ocidental d'Africa, os archipelagos da Madeira, Açores e Cabo Verde.

D. João II funda o castelo de S. Jorge da Mina, envia emissarios por terra em busca do pretenso Preste João, consegue o reconhecimento do Zaire e o descobrimento do Cabo da Boa Esperança. Uma tentativa ao sitio da Graciosa no norte d'Africa, não teve bom resultado.

No reinado de D. Manuel, apesar dos negocios da India atrairem as suas atenções, a compreensão lucida deste rei, e as suas largas vistas, não o deixaram esquecer a verdadeira linha da politica portuguêsa, infelizmente mal compreendida, ou irreflectidamente mal seguida pelos seus imediatos sucessores.

Nos primeiros quinze anos do seu reinado funda João Lopes de Sequeira o castelo de Santa Cruz do Cabo d'Aguer ou Agadir (1505), Diogo d'Azambuja levanta o castelo real do Mogador, (1506), funda-se Mazagão, em 1507 ocupa-se Çafim, dominando-se pouco depois todo o Dekkala (Duquela).

Comtudo algumas agressões dos mouros e a traição de Muley Sidan, que, havendo solicitado de D. Manuel a tomada de Azamor, e oferecido o seu concurso para esse feito, depois de desembarcadas as tropas, as veio atacar, causando grande prejuizo na gente e navios, por uma precipitada e desastrosa embarcação e retirada, reclamavam uma veemente desforra.

Em 1513 resolve-se enviar uma expedição contra aquela praça,(1) composta de mais de trezentas velas, com doze a dezoito mil homens de desembarque, sob o comando de D. Jayme, duque de Bragança. E' a este proposito que é endereçada a chamada tragicomedia *Exortação da Guerra*. Aquela designação não se coaduna bem com a classe de dramas a que depois ela foi dada, nem ás mesmas do nosso poeta, como *Amadiz de Gaula, Dom Duardos, Serra da Estrella*, etc.

O seu desenho é simples. Um clerigo nigromante entra em cena, e prepára o desenho numa longa fala, lardeada de muito chiste, e repleta de muitas verdades á guisa das de Mr. La Palice, taes como

Farei por meio vintem
Que uma dama muito feia
Que de noite sem candeia
Não pareça mal nem bem
.....
Far-vos-ei todos dormir
Emquanto o sono durar
.....

(1) Vej. *Livro de Marinharia*, 1903, pag. XLIX.

Far-vos-ei que desejeis
Cousas que estão por fazer,
E far-vos-ei receber
N'ora em que vos desposeis
.....
E farei a torre da Sé,
Asi grande como é,
Per graça de sua clima
Que tenha o alicece ao pé,
E as ameias em cima
etc., etc.

Não se querendo gabar mais. recomenda que não se espantem, e esconjura Satanaz, Lucifer e Berzebu, aparecendo então os diabos Danor e Zebron que o cobrem de chufas, até que ele lhes determina que façam aparecer Policena. Vinda esta ordena-lhe o clerigo que diga qual é maior dor, se a que se sofre no inferno, se a que os amantes sofrem neste mundo? a que ela responde

Muito triste padecer
No inferno sinto eu,
Mas a dor que o amor me deu
Nunca a mais pude esquecer.

Sauda e louva a côrte, o rei, o principe, as infantas, e declara mais, a convite do clerigo, quaes as prendas que deve ter o bom galante ou amador. O que faziam as damas troianas na ocasião da guerra, é o que aconselha ás damas portuguesas:

Senhores guerreiros, guerreiros
E vós senhoras guerreiras,
Bandeiras e não gorgueiras
Lavrae para os cavaleiros.
Que assi nas guerras troians
Eu mesma e minhas irmans
Teciamos os estandartes
Bordados de todas partes
Com devisas mui louçans·
Com cantares e alegrias
Davamos nossos colares,
E nossas joias a pares

Por essas capitanias.
Renegai dos desfiados
E dos pontos enlevados
Destrua-se aquela terra
Dos perros arrenegados
Oh! quem viu Pantasilea
Com quarenta mil donzellas
Armadas como as estrellas
No campo de Palomea!

Manda então o clerigo aos demonios que tragam esta dama. Aparecendo ela, exclama:

Que quereis a esta chorosa
Rainha Pantasilêa,
A penada, triste e fêa
Pera côrte tão fermosa?
Por que me quereis vos ver
Deante vosso poder
Rei das grandes maravilhas,
Que com pequenas quadrilhas
Venceis quem quereis vencer?
....
Oh! famoso Portugal
Conhece teu bem profundo,
Pois té ao pólo segundo
Chega o teu poder real.
Avante, avante senhores
Pois que com grandes favores
Todo o ceu vos favorece,
El-rei de Fez esmorece,
E Marrocos dá clamores.
Oh! deixai de edificar
Tantas camaras dobradas,
Mui pintadas e doiradas,
Que é gastar sem prestar.
Alabardas, alabardas,
Espingardas espingardas!
Não queirais ser genoêses,
Se não muito portuguêses
E morar em casas pardas.

E em que casas e quasi choças não se acoutavam eles por esses desvãos de Africa e palmares do Oriente, onde ainda hoje as suas abitações, em grande parte dessas paragens, contrastam singularmente com as dos

vizinhos estranjeiros, em terras, cuja maior parte eles *cristanmente* nos roubaram? Continuai Pantasilêa, que ao menos, a recordação do grandioso passado, nos eleve e alevante o espirito no meio do abatimento e miseria do presente.

Avante, avante Lisboa
Que por todo o mundo soa
Tua prospera fortuna
....
Achiles que foi d'aqui
De perto desta cidade, (1)
Chamai-o, dirá verdade,
Se não quereis crer em mi.

manda chamar o heroi grego, que, discursando sobre a gloria da terra portuguêsa, deste modo faz uma viva incitação:

O' nobres seus naturaes:
Por deus não vos descuideis;
Lembre-vos que triunfais:
O' prelados não durmais,
Clerigos não murmureis.

e finaliza dizendo que venham Anibal e Scipião, e logo que chegam, levanta Anibal a voz, e da sua exclamação extraimos os seguintes periodos

Africa foi de cristãos,
Mouros vo-la tem roubada,
Capitães ponde-lhe as mãos
.....
O' senhoras portuguesas
Gastai pedras preciosas,
Donas, donzelas, duquesas
Que as taes guerras e emprezas
São propriamente vossas.
E' guerra de devoção, (2)
Por honra de vossa terra

(1) Parece uma antecipação ao chistoso livro de Martim Cardoso d'Azevedo parodia ao das Antiguidades de André de Rezende.
(2) Devação é como se escrevia nesse tempo.

Cometida com razão,
Formada com discrição
Contra aquela gente perra
.....

dirigindo-se aos eclesiasticos

E vós priores honrados
Reparti os priorados
A suiços e soldados.
.....

aos grandes, altos funcionarios e povo tambem excita assim

O' senhores cidadãos
Fidalgos e regedores
Escutai os atambores
Com ouvidos de cristãos.
E a gente popular
Avante! não refusar,
Ponde a vida e a fazenda,
Porque para tal contenda
Ninguem deve recear.

Diz a rubrica: todas estas figuras se ordenaram em caracol (1) e, a vozes, cantaram e representaram o que se segue, cantando todos

Tra la la la lão, tra la la la lão
Anib. Avante, avante senhores!
Que na guerra com razão
Anda deos por capitão
todos Tra la la la lão, tra la la la lão
Anib. Guerra, guerra todo estado!
Guerra, guerra mui cruel!
Que o grão rei Dom Manuel
Contra mouros está irado,
Tem prometido e jurado
Dentro do seu coração
Que poucos lhe escaparão.

(1) Era uma sorte de formatura militar antiga.

E com mais duas coplas por este teor termina a tragicomedia, saindo todos com esta soiça.

Esta peça foi com certeza retocada por G. V. ao coligir as suas obras, porque em 1513 não se podia sonhar sequer que as duas creanças, as infantas D. Isabel e D. Beatriz haviam de vir a ser, uma imperatriz, e outra duqueza de Saboia. Apesar desses retoques, houve erros na impressão, pois até falta algum verso, como é denunciado pela rima.

XIV

Comedia do Viuvo e Auto das Fadas

Em 1514 representa-se a *Comedia do Viuvo*, diz-se que por ocasião da vinda a Portugal duma embaixada do *negus* da Abissinia. Por esse tempo parece ter G. V. enviuvado. O lirismo do poeta, que se tem patenteado nas outras composições dramaticas e que tão alto se eleva no auto da Alma, revela-se na de que tratamos duma maneira tão suave e sentimental, que deixa perceber que alguma dôr lhe pungiria a alma.

O lamento ou monologo, com que o viuvo abre a cena, é belissimo, pena é que enriquecesse com ele a lingua castelhana, por isso que o caso se passa em Burgos, comtudo dele destacaremos alguns ramos:

Alegre con mi alegria
Con mi tristeza llorava;
Pronta a quanto yo decia,
Queria lo que yo queria,
Amaba lo que yo amava
.....
Pués que tanto bien perdi
Porqué naci?
O' muger flor de las castas
Donde estás que tu te gastas
Y a mi!
En el punto que partiste
No debera quedar yo;
Por que la vida, que és triste,
Mas muere quien la resiste
Que el muerto que la dejó!
A' quel diós que la llevó

Pido yo
Muerte luego por victoria,
Pués la vida de mi gloria
Ya pasó!

O viuvo tem duas filhas—*Paula e Melicia*—. Um frade seu amigo, vem consola-lo na sua desventura, e tambem com doce lirismo são deduzidas as suas razões de salutar e cristan filosofia. Por exemplo

Tomad un consejo, hermano,
Deste amigo singular;
Pensad como lo humano
Unos tarde otros temprano
Nacimos para acabar:
Y todo nuestro tardar,
A' bien juzgar,
Por mas trabajo se cuenta:
Pués no se escusa tormenta
Neste mar.
....
Vuestras hijas consolad
Con gracia muy amorosa;
Vos hermanas descansad,
A dios os encomendad
Ya la Virgen gloriosa.
Inclinaos a toda cosa
Virtuosa,
Terneis vida descansada,
Que sin esto és la pasada
Peligrosa.
Quedad con nuestro Señor
Viuvo. Padre, quedo consolado.
Frade. El vero consolador
Cristo nuestro redentor
Esfuerce vuestro cuidado.
Paula. Oh! que padre tan honrado!

A estes conselhos do frade acrescenta o viuvo as suas recomendações ás filhas, porque o que mais o aflige, é temer que lhes sobrevenha algum dano, por que na mocidade ha muitos enganos e perigos, o que lhe dá cuidado, mas que se recordem das virtudes da mãe para a imitarem.

No meio destas reflexões e lembranças vem visita-

lo um compadre, que forma um perfeito contraste com o desconsolado viuvo. Trocára de boa mente com ele a sua felicidade, pois que sua esposa é tão dura, que se dá melhor nela a vida, do que a verdura na serra da Estrela, que teve boa estrea. A's respostas e exclamações do viuvo e das filhas sempre replica gracejando, que a alma não é capaz de a deixar, pois que maior cadeia pode ter o homem do que mulher de longa vida, ainda que seja boa? mas se ella é uma serpente, e por seu dano é imortal, tanto faz bater nela como na parede; quando casou e depois reparou bem nela, viu-lhe um rosto de lamprea, a fala rude, o meneio de uma preta; quanto mais se enfeita mais feia fica; não é capaz de estar sem dizer mal; por dá cá uma palha põe em desordem a rua, mentirosa não pode ser mais, e teimosa? nega tudo:

Yo no la puedo trocar,
Yo no la puedo vender,
Yo no la puedo amansar,
Yo no la puedo dejar,
Yo no la puedo esconder,
Yo no la puedo entender,
Sino que es ela una rosa,
Y qué está mui desdichosa
En mi poder.

e está tão cheia de vida, que nem com duas bombardas grossas, nem com lanças pode ser combatida. Quando o viuvo lamenta a desventura da perda que sofreu, diz-lhe ele que a sua desgraça foi que a sua não morresse em seguida, por que lhe faria levantar uma bela sepultura, lhe faria rezar as horas dos dragões, e cantar missas alumiadas com tições, etc.

Formoso elogio faz este da mulher, e soberba oração funebre pronunciaria se ela morresse.

Ora as filhas do viuvo ficando sós, lamentavam a rapida e inesperada morte da mãi, quando Dom Rosvel, principe de Huxonia, enamorado delas, fingindo-se rustico e que o haviam ofendido na rua, acolheu-se a casa daquele, onde se ajustou por soldada a servir, cum-

prindo e satisfazendo aos trabalhos grosseiros. Pouco a pouco, porem, foi-se-lhes descobrindo, ficando elas cuidadosas e mui receosas do que podia suceder, rogando-lhe que se fosse e não se submetese a taes trabalhos, o que ele não quiz consentir, por que o seu desejo era contemplá-las, não se sabendo decidir por qualquer delas. O pai porem, preocupado com a sorte das filhas, chega, dizendo que vem de combinar um casamento para Paula, e por toda a semana espera arranjar outro para Melicia. Rosvel é tomado de grande aflição por tal caso; elas que o percebem, juram entre ambas de não aceitar marido até que ele retome a sua alegria. Volta Rosvel e pede-lhes que ainda que se casem, o deixem guardar o gado por ser delas, as quais lhe afirmam não tenha de sofrer por isso, por que nesse assunto estão frias. Então ele apresentando-se como quem é, e não podendo casar com as duas, pede-lhes, deitem sortes.

Aqui entra um elemento estranho, por isso que se dirijem ao principe D. João (depois rei) que se achava no serão, perguntando-lhe:

Principe. que dios prospere
En grandeza principal
Juzgad vos:
La una dios casar quiere
Dicid vos, señor real
Cual de nós?

Julgou o dito senhor que a mais velha, isto é, Paula, casasse primeiro.

Mel. En Paula cayo la suerte,
Dios se acordará de mi.

Aparece então D. Gilberto, que andava á procura do irmão, e depois de explicações que se deram, por pedido do irmão, e agradando-se de Melicia, desposa-se com ela, e com este duplo enlace termina a Comedia.

Não podemos deixar de notar a circunstancia de se encontrarem nesta comedia os nomes de *Paula*, que acharemos em uma filha e em uma neta de G. Vicente, e o de *Melicia*, que veremos ser o da sua viuva.

Não se póde bem determinar o ano em que foi composto o auto das *Fadas*, mas tendo falecido em 1517 a rainha D. Maria, e tendo-se a côrte ausentado para fora de Lisboa, por causa da peste que começára a picar desde 1516, é muito provavel que fosse neste ano representado, e talvez pelo entrudo, porque a peça tem seus visos de carnavalesca.

Uma feiticeira entra no paço, não se sabe por quê; embaraçada de se ver em tal lugar, cumprimenta o rei, a rainha, o principe, infantes e damas, diz quem é, que nunca fez mal, antes bem, por que tratou sempre de satisfazer os desejos daqueles que se amam, e vai citando alguns galantes da côrte e as damas por quem suspiram, para provar os bons oficios que lhes pode prestar.

Com tudo para melhor satisfazer o seu mister, invoca um diabo que lhe fala em picardo, a quem ordena lhe traga ali duas fadas; ele porem traz-lhe dois frades, um tocando viola, outro que havia sido prégador, mas ambos durante a vida, bons namorados. Depois da feiticeira ver os frades, diz ao diabo:

Mau sumiço e mau marteiro
Venha por tuas queixadas,
Eu mandei-te polas fadas,
E tu trazes-me um gaiteiro?
E estes frades a que vem?
.....
Não te dixe eu a ti fadas?
Diabo Fradas?
Feitic. Fadas
Diabo Frades.
Feitiç. Inda vos aporfiades.

Como os frades lhe perguntam que hão de fazer, sabendo a profissão que haviam exercido, manda ao pregador que faça um sermão ás damas, o que ele faz

em algumas oitavas de arte maior, tomando por tema: *omnia vincit amor*, (o amor tudo vence) no qual se rea alguns galantes e damas.

Emfim vem as fadas marinhas cantando. Depois dirijem-se ao rei, á rainha, principe e infantas, a quem entregam as sortes que lhe cabem sob o titulo de planetas, aos cortezãos, sob o de animaes, e ás damas, sob o de aves. Acabadas de dar as sortes, sairam todos com a sua musica.

Pelo numero das sortes, podemos julgar que alem das pessoas reais, assistiram ao serão trinte e seis cavalheiros e vinte e tres damas.

XV

Auto da Fama

O contexto do auto, segundo enuncia o poeta, vamos conhecê-lo.

«O argumento desta farça é, que a Fama é uma tão gloriosa excellencia, que muito se deve desejar: a qual este reino de Portugal está de posse da maior de todolos outros reinos. Segue-se que esta fama portuguêsa é desejada de todalas outras terras, não tão sómente pola gloria interessal dos comercios, mas principalmente pelo infinito dano que os mouros, imigos da nossa fé, recebem dos portuguêses na indica navegação. E porque antigamente a fama desta nossa provincia, era em preço de pequena estima, significando isto, será a primeira figura uma mocinha, chamada portuguêsa Fama, guardando patas, a qual será requerida por França, por Italia, por Castella, e de todos se escusará, porque cada um a quererá levar; e provará, por evidentes razões, que este reino a merece mais que outro nenhum. Polo qual será posta no fim do auto em carro triunfal per duas virtudes, a saber, Fé e Fortaleza.»

Eis o argumento que bem nos elucida sobre o sentido moral e perceptivel dos intuitos de G. Vicente. Se no tempo em que o poeta compoz o seu drama, cheio do entusiasmo que lhe trasbordava da alma, contemplando a patria no maior auge da sua gloria, julgou do seu dever comunicar aos seus conterraneos o calor desse entusiasmo, para que não arrefecessem na Fé, nem afrouxassem na fortaleza, quanto mais preciso não fôra hoje galvanizar os hodiernos com sentimentos tão elevados,

quando a fama é uma memoria, e a Fé um abatimento!

Na primeira edição tem esta farça a data de 1510, que supomos um erro tipografico, facil de cometer numa impressão tão imperfeita e mal revista, como é a das obras do poeta. Falando da tomada de Azamor, que foi em 1513, da de Malaca, em 1511, e que só se poderia saber no reino pelos fins de 1514, julgamos que a verdadeira data da representação seria em 1516.

A cena abre com a Fama guardando patas, acompanhada d'um criado parvo, que, depois de alguma troca de palavras a respeito da guarda daquelas aves, se deita a dormir.

Chega então um francês, que, numa linguagem mascavada, requesta a Fama para que o acompanhe a Paris, que é a porta do paraizo; ela porem responde-lhe com izenção, o que o faz retirar despeitado.

Vem em seguida um italiano, que, depois de explanar o seu amor pela fama e lhe rogar muito que o siga, acrecenta:

Yo sui en tu prisione
Y la morte no me vale
.....
Insule eu es tuta terra.
Vamo, ando vemo en Pavia.
Qui le romani sun con via
De la pace e de la guerra

Responde-lhe a Fama:

Oh! que bem!
Que esforçada gente tem!
Que victorias! — Mau pezar
Sois de quem vos conquistar.
Vedes o demo em que vem!

Continuando ele nas suas instancias, chega a dizer-lhe:

Yo te doneré ducate,
Y le joie preciosa,

Y tu seray venturosa
Y de riqueza abastate.

A isto redargue a Fama:

Perguntai ora a Veneza
Como lhe vai de seu jogo:
Eu vos ensinarei logo
De que se fez sua grandeza.
Começai de navegar
Ireis ao porto de Guiné;
Perguntai-lhe cujo é,
Que o não pode negar.
Com ilhas mil
Deixai a terra do Brazil;
Tende-vos á mão do Sol,
E vereis homens de prol,
Gente esforçada e varonil.
Aos comercios perguntareis
D'Arabia, Persia a quem se deram
Ou quando os homens tiveram
Este mundo que vereis.
E não fique
Perguntar a Moçambique
Quem é o alferes da Fé,
E rei do mar quem o é,
Ou se ha outre, a quem se aplique.
Ormuz, Quiloa, Mombaça
Sofala, Cochim, Melinde,
Como em espelhos d'alinde
Reluze, quanta é sua graça.
E chegareis
A Goa e perguntareis
Se é ainda subjugada,
Por peita, rogo ou espada?
Veremos se pasmareis.
Perguntai á populosa
Prospera e forte Malaca,
Se lhe leixaram nem estaca
Pouca gente mas furiosa.
E verês
De longe e de travês
Se treme todo o sertão:
Vede se feito romão
Com ele m'igualarês.

Ainda não pára aqui, nem a admiração do italiano, nem o entusiasmo da Fama. O estreito de Meca, Aden,

a ilha de Camarão aumentam os desejos do italiano, mas a portuguêsa rebate-os, exclamando:

Por amores não se ha Fama

comtudo persistindo ele ainda nos seus anceios, põe-lhe ela remate, exclamando:

Para que é essa porfia
Que esta moça é portuguêsa.

desenganado por esta maneira, termina as suas porfias, dizendo:

Que paciencia basta al core
Del pastore disperato!
Congregar lo y grave fato
Si la mente vir o amore
Al foco eterno
Della flame del inferno
Fará partito col mio
Tu lo sa, domine dio
Que mi mal es sempiterno.

Encontram-se os dois desenganados, francês e italiano, referindo um ao outro a sua desilusão, e emquanto o primeiro patentea o seu despeito, o segundo faz votos para que seja abençoada pelo ceu a terra que ela habita, e tudo quanto desejar.

Chega então um castelhano, que a enche de gabos e lhe pede vá com ele a Castella, cujos feitos engrandece, como os proclama a Italia e as nações cristans; emfim, Granada ganha com tantas forças, que é coisa de espanto, a que ella responde:

Fam. Oh! Jesu! vos falais tanto
Que ja estou enfastiada.
Olhai castelhão de bem,
Dizeis verdade, bem sabemos,
Mas ha mister mais extremos
Para me levar ninguem.
Cas. Oh! señora.
Que estremos quereis ahora?

Reconta ela as grandes vitorias portuguêsas, apon-

ta-lhe a tomada de Hespanha pela gente de Marrocos, e cita-lhe a conquista d'Azamor, que causou tal impressão, que a trinta leguas para o interior se tornaram os mouros tributarios.

Retirando-se o castelhano, encontram-se os tres; lamentam que a Fama os não tenha aceitado, mas concordam no seu grande valor, por que como diz o primeiro:

Por que sus victorias son
Muy lejos, y por la Fe.

por tanto

El muy alto dios sin par
La quiera siempre ayudar.

Ao retirar-se deparam-se-lhes as duas virtudes, a Fé e Fortaleza, e exclamam:

Ital. Que es aquesto dito acora?
Franc. Oh! le bele polideza!
Cast. La Fé y la Fortaleza
Vienen honrar la pastora

Fala então a Fé, concluindo o seu pequeno discurso deste modo:

Por que o triumfo do vosso vencer
E as vossas victorias exalçam a fé,
De serdes laureada grande rezão é
Princeza das famas por vosso valer
Não achamos outra de mais merecer,
Pois tantos destroços fazeis a Ismael,
Em nome de Cristo tomae o laurel,
Ao qual, senhor praza sempre em vos crecer,

Coroando as duas virtudes, a Fama e colocando a no carro triunfal ao som da musica, assim a levam, com o que termina a farça.

A peça, que é uma grandiosa glorificação da patria portuguêsa, foi primeiro representada á rainha D. Leonor, viuva de D. João II, irman de D. Manuel, e depois a este. Pena é que tanto nesta como nas mais composições dramaticas, G. Vicente ou os seus herdeiros nos não houvessem conservado a musica que as adornava.

XVI

Os autos das barcas do Inferno, do purgatorio e da gloria

Foi nos anos de 1517, 18, e 19 que G. Vicente apresentou esta soberba trilogia dramatica, cuja ousadia é de espantar, numa corte, considerada como a mais fanatica da Europa, a qual marca a pujança e segurança que tinha atingido o genio de Gil Vicente.

Se varios espiritos cultos tinham expandido algumas invectivas contra a relaxação dos costumes das classes mais elevadas, em livros (1), cujo peso e sustancia não permitia que fossem lidos pela grande massa do publico, apresenta-las a este e á côrte, sob uma forma leve, rapida, chistosa, tangivel e perceptivel das suas muito ou pouco esclarecidas inteligencias, foi o grande merito do poeta.

Viu bem, expoz bem, e tanto que esta sua produção é a que mais edições conta pelos seculos fóra, provando assim que quando o valor de uma obra é verdadeiramente relevante, todos, desde o mais alto até o mais baixo, o sabem reconhecer e apreciar.

A verdadeira originalidade impõe-se, e conquista de um só golpe o consenso e o aplauso universal.

Vamos pois dar uma breve idea dessa famosa trilogia pelas proprias palavras de G. Vicente:

«Representa-se na obra seguinte, uma perfiguração sobre a rigorosa acusação, que os inimigos fazem a todas as almas humanas, no ponto que per morte, de

(1) Veja-se Menendes y Pelayo — *Los heterodoxos.*

seus terrestres corpos se partem. E por tratar desta materia, põe o autor por figura, que no dito momento elas chegam a um profundo braço de mar, onde estão dous bateis: um deles passa para a Gloria, outro para o Purgatorio (1). E' repartida em tres partes a saber de cada embarcação uma sena. Esta primeira, é da viagem do inferno.»

Ainda explica mais que as duas cenas das barcas do Purgatorio e da Gloria foram representadas na capela, e a primeira da Barca do Inferno *foi representada de camara para consolação da muito catolica e santa rainha D. Maria, estando enferma do mal de que faleceu.*

Chama o diabo:

A' barca, á barca, hou lá
Que temos gentil maré!
Ora venha o carro (2) á ré;
Feito, feito, bem está.
.....
Oh! que caravela esta!
Põe bandeiras que é festa:
Verga alto, ancora a pique.

Chega um fidalgo:

O' precioso Dom Henrique!
Cá vindes vós? que cousa é esta?

Trava-se o dialogo entre o diabo e o fidalgo, e depois deste saber para onde a barca vai, diz:

E passageiros achais
Para tal habitação?
Diabo Vejo-vos eu em feição

(1) Luis Vicente, os copistas ou os tipografos, erraram, ou alteraram o que devia estar no original; como se vê, pelo que se segue do argumento, as barcas em cena são só a do Inferno, e a da Gloria.

(2) Segundo a feliz e tecnica restituição do sr. H. Lopes de Mendonça.

Para ir ao nosso cáes.
Fid. Parece-te a ti assim:
Diabo Em que esperais ter guarida?
Fid. Que deixo na outra vida
Quem reze sempre por mim,

zomba o diabo do que elle diz e acrecenta:

Embarca, ou embarcai,
Que haveis de ir á derradeira,
Mandai meter a cadeira,
Que assim passou vosso pai.

Procura o fidalgo o barco da gloria, mas aí recusam-lhe a entrada, dizendo-lhe por fim o anjo; que vá para a outra barca:

Ireis la mais espaçoso,
Vós e vossa Senhoria,
Contando da tirania
De que ereis tão curioso.
E porque de generoso
Despresastes os pequenos;
Achar-vos-eis tanto menos,
Quanto mais fostes fumoso.

Volta á barca do inferno, e, antes de embarcar, diz:

Mas esperai-me aqui
Tornarei á outra vida,
Ver minha dama querida
Que se quer matar por mi.
Diabo Que se quer matar por ti?
Fid. Isto bem certo o sei eu.
Diabo Oh! namorado sandeu
O maior que nunca vi.
.....
Fid. Isto quanto o que eu conheço.
Diabo Pois estando tu espirando
Se estava ela requebrando
Com outro de menos preço.
Fid. Dá-me licença, te peço,
Que vá ver minha mulher.
Diabo E ella por te não ver
Despenhar-se-ha dum cabeço.

Diabo Quanto ella hoje rezou
Antre seus gritos e gritas,
Foi dar glorias infinitas
A quem na desabafou.
. .....
Fid. E as lastimas que dizia
Diabo Sua mãe lhas ensinou.

Detestado pela sua tirania e soberba, iludido pela amante, aborrecido pela mulher. a quem enganava, eis os ultimos toques com què desce ao inferno, despedindo o diabo o moço, que lhe trazia a cadeira em que se havia assentado na igreja, por que lhe darão outra marchetada de dores e lavrada de maneira que ele ha de estar fora de si.

Chega em seguida um onzeneiro, ou usurario, dizendo-lhe o diabo:

Oh! que em ma hora venhais
Onzeneiro, meu parente!
Como tardastes vós tanto!
Onz. Mais quizera eu tardar;
Na safra do apanhar
Me deu Saturno quebranto,
Diabo Ora muito m'eu espanto
Não vos livrar o dinheiro;
Onz. Nem tão soes para o barqueiro
Não me deixaram nem tanto.

Sabendo para onde é a viagem, vai-se á outra barca; o anjo, porem, repele-o, por que o bolção que traz, encherá o barco; vai vazio, afirma ele, o que lhe não vale, e comtudo ficaram-lhe vinte e seis milhões numa arca, pelo que o diabo diz ao anjo:

Pois que onzena tanto abarca
Não lhe deis embarcação

Aviar, não percamos maré, entra, entra e cá remarás:

Onz. Todavia....
Diabo Por força é:

Que te pez, cá entrarás,
Irás servir Satanaz,
Pois que sempre te ajudou.

Entrando o Onzeneiro na barca, vendo o fidalgo, e exclamando: então Vossa Senhoria aqui? dai ao demo a cortezia! responde o segundo. Mas o diabo recomenda-lhe que seja cortez, não julgue estar ainda na sua casa, se não que lhe dará tanta pancada com um remo, que o ha de fazer arrenegar.

Vem então um parvo com quem o diabo troca alguns gracejos, quando porem o idiota conhece que a barca vai para o inferno, desembesta numa saraivada de chufas contra o diabo, e vai pedir passagem ao anjo da barca da gloria.

Anjo Quem és tu?
Parv. Não sou ninguem.
Anjo Tu passarás se quizeres.
Por que em todos teus fazeres
Por malicia não erraste,
Tua simpreza te abaste,
Para gozar dos prazeres.

ordena-lhe, contudo, que se deixe estar por ali, até ver se vem mais alguem que mereça entrar.

Chega em seguida um çapateiro carregado de fôrmas, e apesar de confessado e comungado, diz-lhe o diabo:

Tu morreste escomungado
E não no quizeste dizer:
Esperavas de viver,
Calaste dez mil enganos,
Tu roubaste bem trint'anos
O povo com teu mister.

Vai então procurar a barca da Gloria, onde lhe respondem:

Essa barca que está la
Leva quem rouba de praça.
.....
Çap. Assi que determinais

Que vá cozer ao inferno?
Anjo Escrito estás no caderno
Das ementas infernais.

Vem em seguida um frade, dançando com uma moça pela mão e fazendo a baixa, ou o acompanhamento com a boca; ás perguntas do diabo, responde o frade de varios modos, concluindo:

Como! por ser namorado
E folgar c'uma mulher,
Se ha de um frade de perder
Com tanto salmo rezado?

como traz espada e broquel, que diz serem rolões, convida-o o diabo a dar uma lição de esgrima, o que ele faz com bastante desenvoltura, findo o que se dirige á barca da Gloria, onde não lhe respondem, apenas o parvo lhe joga uma chufa.

Vem agora uma alcoviteira, Brizida Vaz, cujo realismo das peças que traz para embarcar, não transcreveremos, e o mesmo praticamos com relação aos merecimentos, que ela alega ao anjo, para subir ao paraizo, mas devem ser lidos. Quando porem o diabo insta para que embarque logo, replica:

Se eu fosse ao fogo infernal
La iria todo o mundo.

não deixa de referir que foi martirizada e açoutada, e ao anjo ainda acrecenta:

Santa Ursula não converteu
Tantas cachopas como eu,
Todas salvas pelo meu
Que nenhuma se perdeo.
E prouve áquele do ceo
Que todas acharam dono.

voltando á barca do inferno, diz ao diabo que ponha a prancha, que ja parece mal cá fóra, ao que ele responde:

Ora entrai, minha senhora,
E sereis bem recebida,
Se vivestes santa vida,
Vos o sentireis agora.

Eis, surde um judeu com um bode ás costas, e depois de alguns gracejos do diabo, tambem o parvo lhe atirou o seu, pelo que elle fez aos finados no adro de S. Gião:

E comia a carne da panela
No dia de Nosso Senhor

nem o diabo o quer na barca, mas leva-o á toa porque é coisa muito ruim, e que ele leve o bode pela trela.

Agora é um corregedor que chega, e depois um procurador que com ele se encontra, pergunta o diabo ao primeiro:

Como vai la o direito?
Cor. Nestes feitos o vereis.

o dialogo é animado, mas não o transcrevemos, sómente uns pequenos trechos:

Diabo Entrai entrai Corregedor
Cor. Hou, *videtis qui petatis*
Super jure majestatis
Tem vosso mando vigor?
Diabo Quando ereis ouvidor
Nonne accepistis rapina
.....
Cor. *Domine, memento mei!*
Diabo *Non est tempus*, bacharel
.....
Quia judicasti malitia
Cor. *Semper ego in justitia*
Feci e bem por nivel.
Diabo E as peitas dos judeus
Que vossa mulher levava?
Cor. Isso eu não no tomava
Eram la precalços seus:
Non sunt peccatus meus,
Peccavit uxor mea.

Diabo *Et vobis quoque cum ea.*
Nemo timuistis Deus.
A largo modo *acquiristis*
Sanguinis laboratorum
Ignorantes peccatorum
Ut quid eos non audistis.
Cor. Vos arraiz, *nonne legistis*
Que o dar quebra os penedos?
Os direitos estão quedos
Si aliquid tradidistis.

Quando o Corregedor se encontra com o procurador, que é bacharel, sabendo para onde os querem levar, pergunta-lhe se se confessou, ao que o outro satisfazendo, diz que não, por julgar não ser a sua dor estrema, e vós fizeste-lo?

Cor. Eu mui bem me confessei,
Mas tudo quanto roubei
Encobri ao confessor.
Porque se o não tornais
Não vos querem absolver;
E é mui mau de volver
Depois que o apanhais.

Indo á barca da Gloria, recebem cruel repulsa do Anjo, e o parvo solta-lhe as suas vaias, tais como:

Hou homens dos breviairos
Rapinastis coelhorum
Et pernis perdigotorum...

vão todos para a barca do inferno, quando chega um enforcado; este julga ir para o Ceo, que lho disseram la, e lhe recitaram mil latins, como se elle latim soubesse, e no extremo passo lhe disseram aos ouvidos, que o logar dos escolhidos, era a forca e o Limoeiro.

Diabo Dava-te consolação
Isso, ou algum esforço?
Enf. C'o baraço no pescoço
Mui mal presta a pregação.
Ele leva a devoção
Que ha-de tornar a jentar,

Mas quem ha de estar no ar
Aborrece-lhe o sermão!

Ainda o demonio lhe acaba com esta ultima:

Ora entra, pois has de entrar
Não esperes por teu pai.

Como porem, a carga é pesada, e o batel está em sêco, manda saltar todos á agua para o botarem.

Vem então quatro cavaleiros de Cristo, mortos nas partes d'Africa, cantando uma letra apropriada, o diabo ainda lhes pergunta para onde vão, mas o anjo acolhe-os por este modo:

O' cavaleiros de Deos
A' vos estou esperando,
Que morrestes pelejando
Por Cristo, Senhor dos Ceos.
Sois livres de todo o mal
Santos por certo sem falha,
Que quem morre em tal batalha
Merece paz eternal.

e aqui fenece a primeira cena.

Tratada com arte, e critica fina e severa, todas as classes são escalpeladas pela mão do poeta, e esvurmadas pelo seu afiado bistori. A nobreza representada pelo fidalgo soberbo e espoliador, a classe eclesiastica, pelo frade brigão e sensual; a judicial, pelo doutor corregedor e procurador bacharel mercadejando com a justiça; a dos capitalistas, pelo onzeneiro e judeu gananciosos; a classe popular, pelo operario çapateiro enganador, e pelo ladrão enforcado; o sexo de Eva, pela alcaiota desbragada, mestra do lenocinio e perversão, emfim dentre toda essa sociedade alta e baixa, salvam-se os cavaleiros que morreram combatendo pela patria e pela Fé, e o idiota, pois segundo o sermão da montanha é bem-aventurado, por que a natureza lhe foi escassa com o espirito. Toda esta primeira parte é de uma filosofia simples, perceptivel e humana.

Passaremos á segunda cena, que foi representada

no hospital de todos os santos á rainha D. Léonor, nas matinas do Natal. E' chamada da barca do Purgatorio, posto não figure tal barca.

A cena apresenta as mesmas duas barcas do inferno e da gloria ou paraizo. Abre com tres anjos, cantando um curto, mas bonito romance. Findo ele, entra o arraiz do inferno que se admira de não ver ninguem, agora que tem o caravelão mais largo, espalmado, breado e aparelhado de novo, e continúa:

Quanto mais se chega a fim
Do mundo, a todo o andar,
Tanto a gente é mais ruim;
E juro ó corpo de mim
Que ja canso de remar.
Cumpre-me de aparelhar
Um valente barinel,
Ou uma nau singular,
Em que possa mais levar
Que num batel.
.....
E depois haver carraca
Que cobiça e simonia
Inveja e tirania
Nenhuma delas afraca.

Depois o anjo, arraiz da barca da gloria, chama quem quer ir ao paraizo, aviar, que esta noite é bela para isso, aviar e partir:

Que vossa vida é sonhar,
E a morte é despertar,
Para nunca mais dormir
Nem acordar.

Avisa a todos que entrem em barco seguro, tomem conselho, pois na primeira viagem quantos embarcaram todos foram alagados, e foram parar ao fundo da ribeira, onde estão penando. Que como a mãe, flor de perfeição, está agora com toda a alegria, lhe peçam que advogue a sua causa, e que lhes apareça com tais poderes, para que as almas se não percam. O diabo, porem, vai meter vela, preparar o caravelão e deitar-

lhe junco para receber qualquer dama que apareça.

Vem primeiro um lavrador de arado ás costas, e o diabo começa logo a querel-o embarcar; vai contando os seus suores, as suas fadigas, e o diabo a acusá-lo de varias tropelias:

Lav. Como eu a morte passei,
Logo o medo ficou finto,
Minha cedula amanhei,
E meus negocios deixei
Como homem de bom retinto.
Nem fico a dever duas favas
Nem um preto (1) por pagar.
Diabo E os marcos que mudavas,
Dize, porque os não tornavas
Outra vez a seu lugar?
Lav. E quem tirava do meu
Os meus marcos quantos são
E os chantava no seu...

Depois de mais algumas escaramuças de palavras entre um e outro, chama-o o anjo, e elle diz o que quer, refere os seus trabalhos, as perseguições e tiranias que sofre. Não obstante outras malversações que o diabo mais lhe aponta, o anjo diz-lhe que não pode ainda ir ao paraizo, que se fique andando e depurando nessa ribeira, até que Deus o julgue limpo para subir á gloria.

Eis chega Marta Gil, uma lavradora e regateira. Passa-se entre ela e o diabo, disputa similhante ás que se tem dado com as outras pessoas que tem figurado nestas cenas.

Diabo Não sabes tu que viveste
Lavradora e regateira?
.....
Mart. Não sabes tu que o respeito
Do mundo é em ganhar?
E sobre isso é seu proveito
Ou a torto ou a direito
Apanhar?

(1) Isto é — um *real preto*, dos quaes oito ou dez entravam num real branco.

Fui em tempos de cubiça;
Cada tempo sua usança;
Se eu morrera de preguiça,
Tiveras muita justiça,
E eu pequena esperança.

Continua referindo o preço porque vendia os produtos da sua lavoura e industria, mas o diabo, que não perde ponto, sempre lhe pergunta para que era agua no leite? Ela então dirige-se aos anjos e fazendo sua oração pela noite que é, e piedade que ella inspira, consegue que o anjo a mande ficar na ribeira purgando seus pecados, até que deus queira que a passem para a gloria.

Um pastor que chega depois, a quem o diabo increpa de ter sido grande pecador, não se dá de todo por vencido.

Esta noite é dos pastores
E tu, decho, estás em seco
E salvam-se os pecadores
Criados de lavradores...

dirigindo-se ao anjo pergunta-lhe este pelas orações, de que já soube alguma coisa mas está esquecido, comtudo sempre afirma que:

Assaz avonda ao pastor
Crer em deus, e não furtar,
E fazer bem seu lavor,
E dar graças ao Senhor,
E fugir de não pecar.

Ainda o diabo o acusa de andar namorado de uma certa Madanela, e de a ter ido esperar a um caminho para a danar, mas como ela fugiu, responde-lhe o bronco, que mal se seguiu d'isso? Então o anjo ordena-lhe que se fique purgando ao longo da ribeira, e depois o passará.

Vem em seguida uma pastora menina, brada e chama pela mãe, que quando de lá partiu não julgou de encontrar o demo. Foge dele, vai-se ter com o anjo, e com quanto o diabo a acuse de mentirosa e gulosa, ela clama que a livrem daquele ladrão, e a levem logo.

Não podes ainda ir lá, responde o anjo, mas diz-lhe que ande aí ao longo daquele mar, onde purgará seus pecadilhos, e, quando deus o ordenar, ele a virá passar da pena á eterna gloria.

Chega após isto um menino de tenra idade, que vendo o diabo entra a bradar:

Mãe, e o côco está ali

o diabo pretende agarrá-lo, mas ele quer que o pai lhe bata etc. A cada lamento do pequenito, o diabo exclama — *bé* a que ele responde:

Men. Não queres senão berrar?
Diabo Onde has-de ir ou para quê?
Men. Fica minha mãe chorando
Só por que me eu vim de lá.
Anjo Mas fica desvariando,
Que tu és do nosso bando
E para sempre será.
Fez-te Deus secretamente
A mais profunda mercê
Em idade de inocente:
Eu não sei se sabe a gente
A causa por que isto é.

Dito isto e cantando metem os anjos o menino no batel.

Aparece por fim um taful.

Diabo O' meu socio e meu amigo
Meu bem, e meu cabedal!
Vós irmão ireis comigo
Que não temeste o perigo
Da viagem infernal.
Taf. Eis aqui flux dum metal
Diabo Pois sabe que eu te ganhei.
Taf. Mostra, se tens jogo tal
Diabo Tu perdes o enxoval.
Taf. Não é isto flux com rei.
Diabo Baralha o jogo e partamos
Taf. Paga, que eu não jogo em vão;
Diabo Lá no frete descontamos,
Quer ganhemos, quer percamos
Tudo nos fica na mão.

O taful contudo não lhe parece bem demorar-se ali, por que o acha de mau semblante, dizendo-lhe:

E pareces-me emfim,
Por da ré muito ruim,
E malino por davante.
Diabo Mas tornemos a jogar
Por que tenho saudade
De te ouvir arrenegar,
E descrer e blasfemar,
Do misterio da Trindade.

continuam nesta pratica, até que o taful se dirige ao anjo perguntando se haverá ali piedade para um homem tão carregado? por que arrenegaste, lhe diz o anjo, que culpa tem deus das tuas perdas?

Arderás no fogo ardente
Com toda a ira de deus·

ouvindo isto, sente que é má nova para ele, por isso, pede ainda um momento de espera, para dizer uma pequena coisa:

Deus não quiz hoje nacer
Por remir os peçadores?
Anjo E pois que queres dizer
Que só com seu padecer
Se salvam renegadores?
Taf. A planeta (1) me forçou
Que era senhora de mim

A isto acode o diabo

Mente que ele se inclinou:
Nunca estrela renegou
Nem ha i
.....
Anjo Tomai-o dai-lhe de pé.

ele ainda torna a empregar o mesmo esforço e ardil, exclamando:

(1) *Perneta* (talvez erro por *preneta*, ou *praneta*) traz o original.

Estai, imigos! Senhores
Deste santo nacimento
Não terei alguns favores?
Anjo Tafues e renegadores
Não tem nenhum salvamento.

Saem então os diabos do batel, e com uma cantiga muito desacordada, segundo diz a rubrica, levam o taful, e os anjos cantando levam o menino, e acaba a segunda parte das barcas.

Vemos por tanto que, seguindo a sua filosofica observação, os lavradores, dum e doutro sexo, as suas filhas, já moças, os seus criados e pastores, posto vivam uma vida mais simples, não deixam de cometer algumas faltas que a san moral reprova, e por isso, segundo as ideas religiosas do autor, tem de ficar no purgatorio, até se acharem mundificados de todo, e poderem subir ao paraizo; o pequenino, inocente ainda das maldades da terra, que nada tem que purgar, não só os anjos o levam logo á gloria, mas o mundo não deve portanto lamentar a sua morte; o taful porem jogador que ajuda a estragar a fortuna e a vida dos outros, e arrenega de tudo o que é santo, justo e bom, deve ser execrado, e votada a eterna condenação a sua memoria.

Chegâmos finalmente, ao derradeiro lance desta famosa trilogia, que é a barca da gloria. E' aqui onde o genio de Gil Vicente atinge a maior elevação, aplicando com superior audacia e firmeza o escalpelo da sua critica ás mais subidas posições sociaes.

Esta terceira parte do auto ou autos das barcas é toda escrita em castelhano, o que deu logar ás varias reproducções dela, impressas em Espanha, provavelmente acrecentadas por outras mãos, como se nos afigura. D. Manuel havia desposado, em terceiras nupcias D. Leonor a 24 de novembro de 1518, e como a rainha não poderia compreender ainda bem o português, foi naturalmente esta circunstancia que moveu o poeta a escrever a referida parte em castelhano, para poder ser apreciada em 1519, pela nova soberana em Almeirim, onde se achava a côrte.

Primeiramente, segundo a rubrica, apparecem cinco anjos cantando, os quais trazem cinco remos, com as cinco chagas e entram no seu batel. Vem o arraiz do inferno e fala aos companheiros, a quem diz que lhe vão chamar a morte. Chegando esta pergunta-lhe porque é tanto dos pequenos, quer sejam homens, quer mulheres, pois destes mata quantos quer, e tardam os grandes e os ricos? ao que ela responde que já o houvera feito, se eles se não guardassem tanto, e com preces a deus, lhes não demorasse este a partida,—e podéra acrecentar que o seu numero é muito inferior ao dos outros,—mas que seguirá a sua estrada, donde espreitando á sob capa, verá como dentro em breve ha de fazer a sua colheita, não lhe escapando ninguem desde o conde até o papa. O anjo que ouve este sinistro concerto, dirige a sua prece á Virgem Maria, pedindo-lhe que os socorra na hora extrema.

Eis a morte aparece trazendo um conde. O dialogo que se trava entre os dois, e em seguida entre o conde e o diabo não deixa de ser curioso, infelizmente é em castelhano. A's perguntas do fidalgo, responde o diabo que ha mais de dois mil anos que é barqueiro, mas não passa ninguem por dinheiro.

Conde Nunca tu me passarás!

Diabo Y pués quien?
Mirad Señor, por iten
Os tengo acá en mi rol,
Y habeis de pasar allen.

Mostra-lhe então os fogos que se vêem a distancia, e os fumos que saem dentre os penedos, pois ali ha-de perder tudo; o fidalgo porem, exclama:

Grande és Dios!

mas o diabo responde-lhe logo:

A eso os ateneis vós
Gozando ufanos la vida
Con vicios de dos en dos

Sin haber miedo de Dios
Ni temor de la partida.

Conde Tengo mui firme esperanza
Y tuve dende la cuna
Y fé sin tener mudanza.

Diabo Sin obras la confianza
Hace acá poca fortuna.

Conde Voyme a estotra enbarcacion

Diabo Id que nos esperaremos.

Dirige-se o conde á outra barca.

Conde O' muy preciosos remos
Socorred mi aflicion!

e, como se estivesse rezando matinas, entoa uma *Lição* glozada sobre as palavras do oficio dos defuntos; no fim da qual lhe diz o diabo: — foi agora que vos lembrou isso, é cevada ao asno morto! Julgais que não sei qual foi vossa vida passada?

Conde Yo te requiero.....

Diabo Vos, señor conde agorero
Fuistes a dios perezoso,
A lo vano muy ligero,
A las hembras placentero
A los pobres rigoroso.
Viva Vosa señoria
Para sienpre con querella.

Conde O' gloriosa Maria

Diabo Nunca un hora, ni dia
Os vi dar paso por ella.

Torna a aparecer a morte trazendo um duque, que se lamenta de que a alma saisse de tão fraco logar etc. O diabo chama-lhe seu duque e seu castello, que sempre foi amarello, julgando-se oiro batido; mostra-lhe

os tormentos que ha-de sofrer. O duque, porem, assim como o conde, lhe afirma que o não ha-de passar.

Conde Retro vaya, Satanás.

Diabo Lucifer que m'acreciente!
Señor duque, alla irás
Que la hiel se te reviente

Entoa ele então, pelo mesmo modo que o fez o conde, uma Lição, mas o diabo, a essas suplicas, opõe as suas razões, acrecentando:

Por demás és el rezar,
Que lo mio me han de dar,
Y vos mismo a mi os disteis

O duque, continuando os seus lamentos, invoca a chaga aberta no lado de Cristo, e que um dos remos da barca patentea,

Redemid al desterrado
De su patria gloriosa.
Embarquemos
Porque vuestros son los remos,
Nuestro és el capitan.

Eso está en velo hemos.

replica-lhe o diabo. O duque, então, dirigindo-se aos anjos, pergunta-lhes que fará pois que Satan o não deixa?

Anjo Son las leis divinales
Tan fundadas en derecho,
Tan primas y tan iguales
Que dios os quiere, mortales,
Remediar vueso hecho.

Belos pensamentos põe Gil Vicente nos labios do duque, mas o diabo sempre o vai reclamando.

Eis que a morte colheu agora um rei, e o traz consigo perguntando-lhe que foi feito dele? rigorosa pergunta é essa, responde, pois acabou, escurece a ventura desaparecendo a vida.

Adonde estás gloria segura?
Que dichoso te merece?

Aviar que temos que partir, suscita o diabo; como! e tenho que ir por mar? replica o rei; e haveis de suar, continua o diabo, olhai, e vereis onde ides habitar: vedes aqueles fogos? pois ali haveis de cantar.

Nunca fué pena maior!

exclama então o rei, e levanta como os anteriores a sua Lição pelo mesmo estilo, acrecentada com o responso — *Ne recorderis* — e o diabo, de retorquir-lhe que nada ali aproveita, concluindo:

Porque fuistes adorado
Sin pensar serdes de tierra;
Con los grandes alterado,
De los chicos descuidado,
Fulminando injusta guerra.

Em seguida conduz a morte um Imperador, a quem diz, que ele ignorava a grande dor que é acabar a idade, principalmente ele que era considerado quasi um deus. Não me firas mais, roga ele; fazei-vos forte, replica ela, por que a van gloria vos matou. Lá fica tudo, adita o imperador, os triunfos, e desfeitos os adornos de oiro e seda encontra-se deante do inimigo, o qual lhe diz que ha-de entrar no seu navio.

Por que usaste crueldad
E infinito desvario.

e acrecenta que de lindo imperador se ha-de tornar bem feio, e mostra lhe os que lançam pelos despenhadeiros: são os que viveram adorados, não castigando os soberbos e roendo os pequenos.

Começa logo o imperador a sua Lição, seguida do

responso, glosa do *Libera me,* depois do que se dirige ás chagas e aos anjos, a que o diabo acode:

Alla vays? acá verneis,
Que acá vos tengo escrito.
Por mas que me receleis,
Vós y los otros ireis
Para el infierno bendito.

e os anjos apenas lhe podem dizer:

No podemos mas hacer
Que desear vuestro bien,
Vuestro bien nuestro placer:
Nuestro placer es querer
Que no se pierda alguien.

Começa agora a ceifa pelos magnates da ordem eclesiastica. Ei-la que chega com um bispo, que se vem lamentando de que os gusanos o comam, e as suas mãos e pés como em breve serão terra! E o diabo logo o convida a entrar e descançar no seu batel, já que vem tão cançado, pois tem bons bancos para se assentar.

Tal barco não é para passar bispos, diz o prelado, mas o diabo replica-lhe:

Que este batel infernal
Ganaste por fantasia
Halcones e altanaria,
Y cosas deste metal.

e mostrando-lhe umas caldeiras de pez, aonde será cosido e a sua coroa assada, aponta-lhe ainda:

Por que fuiste desposado
Siempre desde juventud,
De vuestros hijos amado...

Recita então o paciente a sua Lição, completada com o habitual responso: e dirigindo-se logo aos anjos, depois de uma lamentosa oração, roga-lhes:

Pasadme esta alma por dios,
Por que el infierno me espanta.

ao que o anjo responde:

Si ella no viena santa
Gran tormenta correis vós.

Um arcebispo é o dignitario que a morte conduz após este, e que vem reflexionando sobre os enganos e presunções da vida, pois tudo se desfaz com a morte. E como ao convite do diabo para entrar no seu barco, diz que não ha-de ir ali, apoda-lhe aquele.

Moristes mui desatado
Con deseos de *papar.*
. . . . . .
Los menguados
Pobres y desamparados
Cuyos dineros lograstes
Deseosos, hambreados,
Y los dineros cerrados,
En abierto los dejastes.

Dita a sua Lição com o costumado responso, endereça o seu pedido ao anjo.

Dadnos alguna esperanza
Barquero del mar del cielo...
. . . . . .
Anjo E's fuerte cosa
Entrar en barca gloriosa.

Não descançou a morte, e cumprindo a sua promessa, traz agora um cardeal, pedindo-lhe desculpa de o não ter feito mais cedo, ao passo que ele se lamenta de que acabasse, perdida a esperança que o falso mundo lhe dava. O diabo ao vê-lo, presta-lhe assim as suas zombeteiras homenagens:

Domine cardinalis
Entre vuestra preeminencia
Ireis ver vuestros iguales

A las penas infernales,
Haciendo su penitencia :
Pues moristes
Llorando por que no fuistes
Siquiera dos dias papa,
Y a dios no agradecistes,
Viendo quan bajo os vistes
Y en despues os dió tal capa.
Y no quiero declarar
Cosas mas para decir;
. . . . . .
Que no teneis que arguir,
Sois perdido :
Oyes aquel gran ruido
Nel lago de los leones ?
Despertad bien el oido,
Vos seres alli comido
De canes y de dragones.

Diz o cardeal a sua Lição com o habitual responso, em seguida ao que se volta ao barco, donde á invocação que endereça aos remos e aos remadores, só lhe respondem:

Socorreos, cardenal,
A la madre del Señor.

Por fim aparece a morte conduzindo um Papa ao qual vai dizendo:

Vós padre santo pensasteis
Ser inmortal ; tal os visteis
Nunca me considerasteis
Tanto en vós os elevasteis
Que nunca me conocisteis.

Lamenta o Papa o seu esquecimento, e o ter nacido no mundo, e agora, que tudo perdeu, vê o diabo deante dele, e não tem certo o repouso. Faz-lhe o diabo a seguinte recepção:

Venga vuesa Santidad
En buen hora, Padre Santo,
Beatisima magestade
De tan alta dignidad
Que muriste de quebranto.

Vos ireis
En este batel que veis
Conmigo a Lucifer;
Y la mitra quitareis,
Y los pies le besareis :
Y esto luego ha de ser.

Papa Sabes tu que soy sagrado
Vicario en el santo templo ?

Diabo Quanto mas de alto estado
Tanto mas és obligado
Dar a todos buen exemplo,
Y ser llano
A todos manso e humano.
Cuanto mas ser de corona,
Antes muerto que tirano,
Antes pobre que mundano,
Como fué vuestra persona
Lujuria os desconsagró,
Soberbia os hizo daño ;
Y lo mas que os condanó
Simonia con engaño.
Venid embarcar
Veis aquellos azotar
Com vergas de hierro ardendo,
Y después atanazar ?
Pues alli haveis de andar
Para siempre padeciendo.

Entoada a Lição com o seu responso, glozado da mais alta e sentida poesia biblica, exclama o diabo :

Que me penan esos puntos
Después que pasa el vivir ?
Mirad, Señores difuntos
Todos quantos estais juntos
Para el infierno haveis de ir

e o anjo, apesar de toda a sua caridade e desejos de bem fazer, não poude deixar de proferir estas palavras, como que confirmando a tremenda asserção do espirito das trevas :

O' pastor,
Por que fuistes guiador
De toda la cristandad,

Habemos de ti dolor :
Plega a Jesu Salvador
Que te envie piedad.

Feita uma oração pelo Papa, ainda o anjo acrecenta:

Vuestras preces y clamores
Amigos, no son oidas,
Pésanos tales señores
Iren á aquellos ardores
Animas tan escogidas !
Desferir ;
Ordenemos de partir :
Desferir, bota batel,
Vos otros no podeis ir,
Que en los yerros del vivir
No os acordasteis del.

Assim disferem os anjos a vela, onde está o cruxifixo pintado; todos ajoelham, e Papa, Imperador, Rei, Cardeal, duque, arcebispo, conde e bispo, seguindo esta ordem dirigem áquele a sua prece; os anjos, porem, não fazendo caso de taes orações, começam a botar o batel á vara. As almas ao verem isto, entoam em volta dele, uma musica a modo de pranto, com grandes exclamações de dor; vem então Cristo resuscitado, reparte por eles os remos das chagas, e leva-os comsigo.

Gil Vicente, julgou com prudencia, salvar estas personagens da sorte que lhes estava decretada pelo espirito infernal, e tacitamente quasi confirmada pelos espiritos celestes, que deixavam a decisão final á piedade do martir sublime.

Démos mais largo desenvolvimento á exposição desta peça extraordinaria, onde Gil Vicente, soltando as velas ao seu talento, analisa com uma vista de aguia, e a firmeza de pulso de um experimentado operador, a vida, de todas as classes sociaes, quer civis, quer eclesiasticas, apontando com fino criterio os principaes vicios que as pervertem.

Certamente terá notado o leitor, que o principal papel nesta grande trilogia moral, é reservado ao diabo. E' ele, como que o severo promotor da justiça social e

divina, fulminando, sob uma forma zombadora, mas certeira e funda, cada classe com a explanação dos seus erros, vicios ou crimes. A elevada filosofia, haurida nos puros preceitos evangelicos, anima toda obra, e completa o juizo e conceito em que devemos ter o poeta.

Motivo é para duvidas, saber se o ultimo quadro da famosa trilogia foi originalmente escrito em português e vertido, pelo proprio autor para castelhano, como alguns pretendem, ou se fôi escrito neste ultimo idioma, como nos parece.

O facto certo é ter sido publicado antes da primeira compilação das obras do poeta, em varias edições castelhanas, com acrescentos, que não julgamos da mão de Gil Vicente, como já dissémos.

Havendo-nos detido um tanto na exposição deste quadro, seremos mais rapido, na consideração dos restantes. Estamos a meio da jornada, precisamos caminhar um pouco mais ligeiro.

XVII

Côrtes de Jupiter — Comedia de Rubena — Farça das Ciganas.

Em 1521 passam-se em Portugal acontecimentos importantes e de diversa natureza. Desposa-se a linda infanta D. Beatriz com o duque de Saboia; nasce a infanta D. Maria, ultimo fruto do terceiro talamo del-rei D. Manuel I, e fecha o ano com o falecimento deste monarca a 13 de dezembro.

Para solenizar o primeiro facto compoz Gil Vicente a tragicomedia — *Côrtes de Jupiter*. O argumento desta peça é que Deus querendo fazer mercê á infanta, mandou a sua Providencia em mensagem a Jupiter, rei dos elementos, para que fizesse côrtes, nas quaes se concertassem os planetas e signos afim de favorecerem a sua viagem. Não só se reunem estas entidades, mas faz-se aparecer uma moira encantada, superstição muito espalhada no país, talvez ainda hoje, a qual presentea a infanta com um anel de condão, que lhe ha-de tornar a viagem feliz.

Ha formosos trechos nesta composição, tal como um romancesinho celebrando o acontecimento. Não é das coisas menos curiosas, como Jupiter ordena que sigam a infanta as damas e varias personagens de todas as gerarchias transformadas em peixes.

Desta peça, condimentada com elementos estranhos, e uma falsa tradição, inventada não sabemos por quem, arquitetou o grande poeta do seculo XIX, Almeida-Garrett o seu lindo drama—*Um auto de Gil Vicente*—com que inaugurou o renascimento do teatro português, hon-

rando, e levantando assim por um modo tão brilhante, a adormecida memoria do seu imortal fundador.

A *Comedia de Rubena* foi representada neste ano, se não ha erro na rubrica, ao principe D. João, depois D. João III, o que mostraria ter sido antes de dezembro.

Um licenciado expõe o assunto do drama: uma donzela, Rubena, filha de um abade da terra de Campos, na Castella, namorou-se de um clerigo moço, criado de seu pae, de que resultou conceber dele. As lastimas da pobre donzela são de um lirismo encantador. A criada percebe as queixas da ama, e quer entretêl-a com contos, mas ela pede-lhe que vá chamar a benzedeira Genebra. Esta, que é parteira, entende o seu mal, e esforçando-a e consolando-a, vae chamar uma feiticeira que conjura quatro diabos, que por ordem dela tomam Rubena e levam-na pelos ares; tendo então em terra a criança, uma filha, foi-se por serras e vales.

Na segunda cena trazem os diabos a criança, a quem a mãi chamou Cismena, enviando joias e mais coisas para o seu enxoval. Ordena-lhes que lhe vão buscar um berço, ali á Trindade, que deu um frade a Joana d'Aguiar; se não achar, vão á Branca da Romeira, ou então vão pelo rasto dos curas e ministros, que todos tem creaturas em abundancia. Um dos diabos diz que tem um, certa mogueira manceba de dois abades. Manda mais a um deles que lhe traga uma honrada lavradora de bom leite para crear. Chega um que foi furtar o berço ao paço do Lumiar, que fora dado a uma dama por frei Vasco de Palmela. A ama que vem, é preciosa pela quantidade de cantigas que designa, para acalentar a criança. Então manda que vão á fada maior que lhe mande as melhores fadas. Que ha-de sofrer grandes tormentas e até a hão-de querer ferrar, para a vender por moira. Guarda ela o gado, pedem-se-lhe uns cabritos; e é depois levada a Creta pelas fadas.

Na terceira cena Cismena está em Creta onde fica herdeira de uma rica senhora que a adótou, sendo depois requestada de varios galantes, entre os quaes

um velho que sofre de gota, de dor de pedra etc. Um deles, Felicio, e assaz persistente, com o que ella se enfada, vem a morrer de desgosto. Quem ganha a partida é um principe de Siria, o qual, fingindo-se pagem, veio ali com Felicio.

Ha muitas coisas curiosas nesta comedia, tanto com relação a costumes, crendices, superstições, como a cantares, e romances então em voga.

A farça das *Ciganas*, tambem se diz representada no mesmo ano, mas é possivel que haja aqui erro typografico, ou salto de copia. Assim como na que acabamos de ver, e foi representanda em Evora, era D. João ainda principe, na rubrica desta ou falta essa circumstancia, ou algum algarismo para marcar outra data. Tendo falecido D. Manuel a 13 de dezembro e dias depois aclamado D. João III, não pode ter sido representada, nos poucos dias que restam deste mes, ao novo monarca.

A farça não tem verdadeiramente enredo. Apenas se pode julgar, como quadro de costumes, ainda hoje peculiares ao povo nomado assim designado, vagueando por entre as nações civilizadas.

Quatro ciganos, com uma linguagem mascavada lêem a *buena-dicha* a algumas damas. Naquele tempo seria facil reconhecer quaes eram aquelas, cujo destino se vaticinava, hoje seria objecto para conjecturas, que de nada servem e a ninguem aproveitam.

XVIII

Farça de Inês Pereira

A carreira dramatica de Gil Vicente tinha sido proseguida durante vinte anos sem embaraços, sem relutancias e sem duvidas, mas não póde escapar, aquele que sái da orbita da mediocridade, a ser alvo de invejas, contrastes e até ás vezes odios. Não cremos que ele despertasse estes ultimos, mas talvez a ousadia dos *Autos das barcas*, e depois a *Rubena*, meio natural meio-fantastica suscitassem certas apreensões relativas á originalidade das suas peças.

Vejamos como o proprio poeta nos refere o caso:

«*Por quanto duvidavam certos homens de bom saber, se o autor fazia de si mesmo estas obras, ou se as furtava de outros autores?*» de certo pediu ele lhe dessem tema sobre que fizesse uma peça. O tema, aliás muito consentaneo a poder ser desenvolvido em obra comica, indicaram-lho no rifão: *Mais quero asno que me leve, que cavalo que me derrube.*

Aceito o repto, o desempenho foi brilhante e decisivo. Eis a origem da farça de Inês Pereira. E' pena que não desenvolvesse um pouco mais as verdadeiras tres partes de que a farça consta, pois daria uma comedia tão agradavel, como as melhores de Molière, de Aristofanes ou de Menandro.

Inês é uma joven um tanto pretenciosa, muito fantasista, deixa-se de trabalhar, aborrece-se de estar em casa; nas discussões com a mãi deixa transparecer os seus desejos de só casar com homem discreto, e de genio que condiga com o dela.

Uma amiga da casa Leonor Vaz quer vêl-a bem empregada e promete trazer-lhe um noivo, que espera lhe agrade; ele é simples, mas tem fortuna. Conduzido Pero Marques á presença de Inês, pratica alguns destemperos, proprios de um beirão boçal, o que ela já antevia pela carta que dele havia recebido. A entrevista termina dizendo-lhe Inês que escusa de voltar. A' pergunta da mãi a esse respeito, responde que não se casará se não com homem discreto.

Que seja homem mal feito
Feio, pobre sem feição,
Como tiver discrição
Não lhe quero mais proveito.
Que saiba tanjer viola,
E coma eu pão com cebola.

E se não tiveres que comer? has-de sempre cantar e bailar?

Espera os judeus casamenteiros com quem falára na vespera. Chegam eles e indicam-lhe um escudeiro, que é quasi a imagem do já conhecido Aires Rosado. Ela aceita-o, o que põe termo á primeira parte.

Ei-los casados. O escudeiro, porem, corta-lhe logo as azas á fantasia. Proibe-lhe o cantar, o chegar ás janelas, que prega, e diz-lhe que não ha-de falar com homem, nem com mulher.

E mais sereis avisada
Que não me respondereis nada
Em que ponha fogo a tudo
Por que o homem sizudo
Traz a mulher sopeada.

Inês Que pecado foi o meu?
Por que me dais tal prisão?
Esc. Vos buscaste discrição
Que culpa vos tenho eu?
Pode ser maior aviso
Maior descrição e sizo
Que guardar o meu tesouro?
Não sois vós, mulher, meu ouro?
Que mal faço em guardar isso?

Vós não haveis de mandar
Em casa sómente um pêlo
Se eu disser, isto é novêlo
Havei-lo de confirmar.
E mais quando eu vier
De fóra, haveis de tremer;
E coisa que vós digais
Não vos ha-de valer mais
Daquilo que eu quizer.

Quereis ver o vilão metei-lhe a vara na mão, diz o proverbio, e aqui se revela bem a alma vilã do escudeiro. Mas ele quer ganhar as esporas de cavaleiro, e, ainda que lhe pêz, carece passar ás praças d'Africa. Tomada esta resolução, comunica-a ao seu moço, e dá-lhe as instruções do que ha-de fazer:

Olhai, por amor de mim,
O que faz tua senhora:
Fechala-hás sempre de fóra.

Moço Com o dinheiro que deixais
Não comerei eu galinhas.

Esc. Vai tu por essas vinhas;
Que diabo queres mais?

. . . . . .

Moço E depois de ida a vendima?

Esc. Apanha desse rabisco.

. . . . . .

Moço E o rabisco acabado
Ir-me-ei espojar ás eiras?

Esc. Vai-te por essas figueiras,
E farta-te desmazelado.

Ainda acrecenta que depois coma das favas e se conhece as tuberas da terra.

Moço I-vos vós embora á guerra
Que eu vos guardarei oitavas

Partido o escudeiro, fica o moço, e logo que lhe parece diz á ama, que não pode deixar de fazer o que o

amo lhe determinou, ao que ela responde que visto ele lhe dar de comer, faça o que lhe ordenou. Então diz-lhe que se farte ela de lavrar, que ele vai desenfadar-se lá fóra com as moças, mas que tenha paciencia, e lhe perdoe de a deixar fechada.

Ficando fechada e trabalhando canta Inês:

Quem bem tem e mal escolhe
Por mal que lhe venha não se anoje,
Renego da discrição,
Comendo ó demo o aviso,
Que sempre cuidei que nisso
Estava a boa condição:
Cuidei fossem cavaleiros
Fidalgos e escudeiros
Não cheios de desvarios,
Em suas casas macios
E na guerra lastimeiros.
Vede que cavalaria
Vede já que mouros mata,
Quem sua mulher maltrata,
Sem lhe dar de paz um dia.

sempre ouviu dizer que quem tal pratica, não é capaz de boas ações; e jura que se se tornar a ver livre, como deseja, que saberá escolher marido, de boa fé, sem engano, que seja sempre manso, que ande ao seu mandar, vingado-se assim do mal e dano presente.

Chega o moço trazendo-lhe uma carta, é de seu irmão, emboa hora venha. Deve trazer noticias do meu amo, diz o moço, — porquê já partiu de Tavira? pergunta Inês, ha já três meses, responde ele. A carta é pequena.

Muito honrada irmã,
Esforçai o coração
E tomai por devoção
De querer o que Deus quer...
E isto que quer dizer?
E não vos maravilheis
De cousa que o mundo faça,
Que sempre nos embaraça
Com cousas. Sabei que indo
Vosso marido fugindo

Da batalha para a vila,
Meia legua de Arzila
O matou um mouro pastor.

Que alivio para a pobre enclausurada! Dai cá essa chave moço; ide procurar vossa vida.

Inês Oh! que nova tão suave!
Desatado é o nó:
Se eu por ele deito dó
O diabo m'arrebente:
Para mim era valente
E matou-o um mouro só.

Com três pinceladas de mão de mestre termina esta, que diremos segunda parte. O verdugo da mulher, como um verdadeiro poltrão, estando em combate, foge dele para a vila, a meio caminho, sái-lhe um mouro pastor que o mata. Digno fim de tal vida!

Eis Inês viuva e livre. A conhecida Leonor Vaz vem visita-la, fingindo-se aquela muito anojada. Que haveis de fazer ao que deus determina? — Casei para tal desgosto! — Ficastes ao menos gravida? — Bem quizera eu dele casta. — Não vos aflijaes, que haveis de fazer? deveis casar. — Credo! tão cedo.

Quem perdeu um tal marido,
Tão discreto e tão sabido,
E tão amigo da minha vida?

Leonor Dai isso por esquecido
E buscai outra guarida
Pero Marques tem que herdou
Fazenda de mil cruzados,
Mas vós quereis avisados...
Inês Não: já esse tempo passou.
Sobre quantos mestres são
Experiencia dá lição.

Pois que já tendes esse saber, deveis querer a quem vos quer, e dai ao demo a opinião, diz a boa Leonor, e vai chamar Pero Marques. Emquanto ele se demora, reflexiona Inês assim:

Andar: Pero Marques seja;
Quero tomar por esposo
Quem se tenha por ditoso
De cada vez que me veja.
Por usar de siso mero
Asno que me leve quero
E não cavalo folão;
Antes lebre que leão,
Antes lavrador que Nero.

Casam e perguntando Inês a Pero Marques se pode sair e ir folgar fóra, que ha muito tempo que não sai, responde ele:

Ide onde quizerdes ir,
Vinde quando quizerdes,
'Stae quando quizerdes 'star:
Com que podeis vos folgar
Que eu não deva consentir?

Vem após um ermitão pedir esmola, dizendo que é ermitão de Cupido etc. Reconhece-o Inês, declara ele, que a serve ha muito ano, que por sua causa se fez ermitão e pede-lhe que o tempo passado não se conte por perdido, ao que ela responde:

Padre, mui bem vos entendo,
O' demo vos eu encomendo,
Que bem sabeis vos pedir!
Eu determino la d'ir
A' ermida, deus querendo.

Erm. Y cuando?

In. I vos, meu santo,
Que eu irei um dia destes
Muito cedo e muito prestes.

Logo ela diz ao marido que o ermitão é um anjinho de deus e deseja de ir lá á ermida em romaria. Seja logo. Como tem que passar um ribeiro, descalça-se ele, pega na mulher ás costas e pergunta-lhe se vae á vontade? como no paraizo; vendo duas lousas que lhe parecem muito boas para pôr as talhas, pede-lhe que as

tome o que ele faz. Pede-lhe mais que cantem, e a tudo o que ela cantar, ele responderá:

Pois assi se fazem as cousas. Ela então vai cantando:

Marido cuco me levades
E mais duas lousas,
Per. Pois assi se fazem as cousas.

In. Bem sabedes vós marido
Quanto vos quero;
Sempre fostes percebido
Para cervo
Agora vos tomou o demo
Com duas lousas.
Per. Pois assi se fazem as cousas.

In. Bem sabedes vós, marido
Quanto vos amo,
Sempre fostes percebido
Para gamo.
Carregado ides noss'amo
Com duas lousas,
Per. Pois assi se fazem as cousas.

Eis como termina esta engraçada farça, onde o talento de Gil Vicente desempenhou com grande mestria o tema que lhe deram, sendo este, se nos não enganamos, o primeiro proverbio glosado ou desenvolvido numa péça teatral. Este tipo de Pero Marques, servirá ainda a Gil Vicente para a farça do *Juiz da Beira*.

XIX

Autos pastoril português, Fragoa d'Amor, Juiz da Beira, D. Duardos.

Neste mesmo ano de 1523 representa-se em Evora nas matinas do Natal o *Auto pastoril português*, onde de novo se trata do nascimento de Cristo, assunto que Gil Vicente teve que variar muitas vezes.

O lavrador Vasco Afonso que faz o prologo, conta que se casou sem licença dos pais, e que lhe dizem que não ha-de erdar, mas que viesse solicitar um alvará del-rei, acrecentando:

E um Gil... um Gil... um Gil...
Que má retentiva hei!
Um Gil... já não direi:
Um que não tem nem seitil,
Que faz os aitos a el-rei,
Ele me fez,
E tirou de minha aquela,
Muito inda em que me pez,
Que entrasse cá na capela,
Previcar um antremez.

Aito cudo que dizia,
E aito cuido que é,
Mas já não aito, bofé,
Como os aitos que fazia
Quando ele tinha com quê.

Segue depois um engraçado dialogo de pastores e pastoras, mesclado de cantos, e adoram a imagem da Virgem, que uma delas trazia envolvida num feixe.

No ano seguinte aos desposorios de D. João III com D. Catarina, infanta de Castela, mas em quanto ela não chegava a Portugal, dedica ele a este facto, em Evora a tragi-comedia-*Fragoa d'Amor*.

O maquinismo desta peça devia ser importante.

Talvez no ano seguinte se representasse a tragi-comedia de D. Duardos, extraida dos romances de cavalaria.

Depois da chegada da rainha, indo os recem-casados, gosar a sua vilegiatura nupcial para Almeirim, ahi se representa a farça do *Juiz da Beira*, especie de continuação da de Inês Pereira. E' uma critica chistosa dos juizes pedaneos. Algumas respostas de Pero Marques, aos que lhe vem pedir justiça, fazem-nos lembrar o que se conta, em parte das provincias do norte, ácerca das decisões e ditos de um certo juiz de Barrelas.

No ano de 1526 foram os desposorios da formosa infanta D. Isabel com o Imperador e rei Carlos V. Não obstante o seu estado de saude o poeta não poude deixar de celebrar tão fausto acontecimento, que encheu de jubilo as duas côrtes de Espanha e Portugal. Eis como abre a peça o proprio autor, desculpando-se da imperfeição da obra:

Teniendo fiebre contina
Aquestos dias pasados
La muerte, puesta a mis lados,
Diciendome — aina, aina
Que tus dias son llegados!
Y, tomado assi entre puertas,
Me pareció que moria,
Y en despues de muerto via
Las hermosas que son muertas,

Pelas personagens, quasi todas alegoricas, se pode julgar que tal será o dramasinho. Alem do deus Apolo e do porteiro do seu templo, ha o Mundo, o Vencimento, Cetro onipotente, Templo glorioso, que figuram de romeiros que vem entregar-se ao Imperador, e Flor de gentileza, Fama, Gravidade, Sabedoria, romeiras que são apanagio da Imperatriz. Não faltam as au-

sões ás glorias de Castela e do imperador, e ás glorias de Portugal e prendas da imperatriz. Com duas cantigas, uma em português, outra em castelhano exaltando o sucesso, termina esta graciosa e elevada composição.

Ainda este ano são representadas as duas engraçadas farças dos *Almocreves e Clerigo da Beira*, onde ha muitas alusões a usos e costumes, superstições etc. Uma mulher vidente, em quem fala um certo Pedreanes, crendice muito espalhada no nosso paiz, até ha pouco tempo, e talvez ainda hoje, prediz a sorte de cada um, discorrendo pelos grandes da côrte.

Nau d'Amores é representada em Lisboa em 1527, por ocasião da entrada que na capital fizeram a rainha D. Catarina e D. João III, onde ainda não tinham vindo por causa da peste que lavrára na cidade. Um principe da Normandia atraido pela fama vem pedir licença para construir aqui uma nau, cujo patrão será o Amor, por saber que é nesta cidade que se fabricam as melhores. O maquinismo é importante, por que se poz no serão uma nau do tamanho dum batel.

Indo os soberanos a Coimbra, ahi se representa a *Divisa da cidade de Coimbra*, auto muito curioso, e pelo qual Gil Vicente interpreta a seu modo o brasão dessa cidade.

Ahi mesmo é representada a tragi-comedia pastoril da *Serra da Estrela*, na qual se reproduzem tipos, daquela importante região portuguêsa, a proposito do nascimento, na lusa Atenas, da infanta D. Maria. Ali se gabam o leite de Manteigas, os queijos de Cea, o seu gado vacum e meirinho, as castanhas de Gouvea, os panos da Covilhan, as penas daguia para cabeçaes, arminhos, e até se insinua conter ela minas de oiro. Os amores e ciumes dos seus aldeãos, os seus bailes, porfias e cantares. Estes, em geral, na forma antiga, como se encontram no Cancioneiro do Colegio dos Nobres, ou de Ajuda, e nos da Vaticana, etc.

O Auto da Historia Deus, é um engenhoso e abreviado resumo da historia biblica desde a queda de Adão e perda do paraizo, até á vinda de Cristo, sua ressur-

reição e resgate das almas dos santos que estavam esperando a sua vinda. Foi representado no mesmo ano em Almeirim, residencia muito favorita dos reis portugueses.

Segue-se naturalmente, e como complemento dessa historia, o *Dialgo sobre a ressurreição*. E' passado entre quatro judeus, que, já se vê, não acreditam que tal sucedesse, quando não, já estariam na terra que mana leite e mel, como a descreveram Caleb e Josué.

Se um diz:

Que nos calemos em nosso calado,
Quem quer que dixer que é resuscitado
Dar-lhe-ei uma figa debaixo do manto
.....
Tenhamos todos mui bem que comer
Que farte e sobeje para todo o ano:
Tratemos em cousas em que caiba engano,
E se nos perdemos não pode mais ser.

o outro logo ajunta:

Fundemo-nos todos em haver dinheiro,
Porque quer seja nosso, quer seja alheio,
E' deus verdadeiro,
E ter mão na burra.

e um outro conclui:

Façamos talmud com tantas patranhas,
Com que embaracemos tamanhas façanhas,
.....
E por simular
Ordenemos festa com algum cantar,
Por que não entendam que somos vencidos,
etc., etc.

Depois e ainda no mesmo ano, e se não ha erro na data já em Lisboa, nas matinas do Natal se representa o *Auto da Feira*. Neste auto ha a abitual mistura mitologica da gentilidade e cristianismo, pois é Mercurio quem abre a cena, dizendo, em uma longa exposição, recheada de verdades de M. La Palice, o que se encontra

pelas regiões celestes citando até o proprio geometra Francisco de Melo, então no apogeo da sua fama. Declara que vem estabelecer uma feira, visto a não ter havido até ahi pelo Natal. O Tempo é a personagem a quem Mercurio incumbe de abrir tenda. Vem um Serafim enviado por deus, convidando todos a vir á feira, por que esse mercador traz as coisas mais belas.

O diabo chega como bufarinheiro, trazendo uma tendinha deante de si. Vem então diversos a comprar desde Roma até mulheres umildes, o que promove uma critica das diversas situações.

O Triunfo do Inverno, que como já dissemos em outra parte (1) é verdadeiramente o triunfo das duas estações, por que o nascimento da infanta D. Isabel, por cujo motivo é feito o auto, sucedeu em abril de 1529, foi representado nessa ocasião.

---

(1) *Ementas historicas* — II, pag. 60.

XX

Terremoto de 1531, Gil Vicente e os frades de Santarem — Auto da Lusitania.

Em 1531 deram-se factos extraordinarios. A 26 de janeiro tremia a terra, de modo que causou um panico geral. Em Lisboa fenderam-se e cairam alguns templos, foram destruidas cerca de mil e quinhentas casas, afóra as que ficaram arruinadas. A terra abria bocas, engulindo o que jazia á superficie, e assim milhares de vitimas ficaram sepultadas nessas espantosas ruinas. O tremendo terremoto parece não ter sido inferior em terribilidade ao que duzentos e vinte e quatro anos depois arruinou Lisboa em 1755.

Achava-se então Gil Vicente em Santarem e doente, onde presenceou não só os horrores que se deram, mas os terrores que a superstição e falta de senso de alguns religiosos, derramavam entre o povo. Movido pelo seu espirito reto e claro, que, sem deixar de reconhecer a gravidade do suceso, considerava os prejuizos que daqueles erros se seguiam: pediu e obteve que os frades se reunissem no claustro do mosteiro de são Francisco, e em uma pratica singela, mas cheia de verdade e convicção mostrou os inconvenientes dos erros espalhados, quanto importava esclarecer os povos sobre as causas naturaes desses fenomenos, destruir-lhes o temor de novos cataclismos, que se dizia, deviam seguir-se, visto que ninguem pode prever, ou profetizar o que está por vir. Os frades reconheceram o bom senso e verdade da sua exortação, e nas praticas dos dias seguintes todos se-

guiram essa tenção, com o que os animos foram serenando e tudo voltou a pouco e pouco á normalidade. O poeta contando estes factos numa preciosissima carta dirigida a D. João III, declara julgar, ser este o maior serviço que lhe tem prestado.

Ora no 1.º de novembro desse anno nacia o principe D. Manuel, sucesso que era almejado por todos, por não haver ainda rebento masculino do tronco real.

G. Vicente celebrou-o com um auto que intitulou da *Lusitania*. Na Introdução que se passa em casa de um alfaiate, este com outros resolvem fazer-se foliões para festejarem o rei, rainha e principe e ver um auto que fez o poeta. Então um licenciado vem expor o argumento da obra, onde declara que:

Gil Vicente, o autor,
Me fez seu embaixador,
Mas eu tenho na memoria
Que para tão alta historia
Naceu mui baixo doutor.

E depois de desenrolar uma burlesca genealogia do poeta, entrando na sua biografia, diz que lhe apareceu uma vez o diabo em figura de donzela, de quem ele se namorou, a qual, tomando o pelos cabellos, o levou á cova Sibila, onde durante sete anos e um dia foi ensinado dos segredos do antigo Portugal e Lusitania e para maior clareza faz em prosa o argumento dos amores de um com outro, da filha Lisibea, ciumes d'esta, que depois desenvolve em verso. Vem deuses e deusas, e com elas dois diabos Dinato e Bersebú, capelães delas, os quaes parodiando primeiro as rezas canonicas, param em certa altura; dizendo logo Bersebú:

Por darmos alguma conta
Ao deus, rei Lucifer,
Põe-tu a escrever
Tudo quanto aqui se monta
E quanto virmos fazer.
.....
Pois para provar o certo
Escreve quanto passar.

Entra então um homem como rico mercador, figurando que anda em busca de alguma coisa, chama-se este sujeito — *Todo o mundo*; após ele vem logo outra figura, vestida como pobre, que se chama — *Ninguem*, o qual se dirije ao primeiro, desta maneira:

Ning. Que andas tu hi buscando?

Tod. Mil cousas ando a buscar:
Delas não posso achar,
Porem ando porfiando
Por quão bom é porfiar.

Ning. Como hás nome cavaleiro?

Tod. Eu hei nome — *Todo o Mundo*,
E meu tempo, todo inteiro,
Sempre é buscar dinheiro
E sempre nisto me fundo.

Ning. Eu hei *por* nome — *Ninguem*,
E busco a consciencia.

Berz. Esta é boa experiencia;
Dinato, escreve isto bem:
Din. Que escreverei companheiro?
Berz. Que Ninguem busca consciencia
E Todo o mundo dinheiro.

Ning. E agora que buscais lá?
Tod. Busco honra muito grande,
Ning. E eu virtude que deus mande,
Que tope com ela já.

Berz. Outra adição nos acude,
Escreve logo i a fundo:
Que busca honra todo o mundo,
E ninguem busca virtude.

Ning. Buscas outro mor bem que esse?
Tod. Busco mais quem me louvasse
Tudo quanto eu fizesse.
Ning. E eu quem me repreendesse,
Em cada cousa que errasse.

Berz. Escreve mais,

Que tens sabido?
Berz. Que quer, em estremo grado,
Todo o mundo ser louvado,
E Ninguem ser repreendido.

Ning. Buscas mais, amigo meu?
Tod. Busco a vida e quem ma dê,
Ning. A vida não sei que é,
A morte conheço eu.

Berz. Escreve lá outra sorte.
Din. Que sorte?
Berz. Muito garrida:
Todo o Mundo busca a vida,
E Ninguem conhece a morte.

Tod. E mais queria o paraizo
Sem mo ninguem estorvar
Ning. E eu ponho-me a pagar
Quanto devo para isso.

Berz. Escreve com muito aviso
Din. Que escreverei?
Berz. Escreve:
Todo o Mundo quer paraizo,
E ninguem paga o que deve.

Tod. Folgo muito de enganar,
E mentir naceu comigo.
Ning. Eu sempre verdade digo,
Sem nunca me desviar.

Berz. Ora escreve lá compadre
Não sejas tu preguiçoso
Din. Que?
Berz. Todo o mundo é mentiroso,
E ninguem fala verdade.

Ning. Que mais buscas?
Tod. Lisonjear;
Ning. Eu sou todo desengano.
Berz. Escreve, anda lá, mano;
Din. Que me mandas assentar?
Berz. Pôe ahi mui declarado,
Não te fique no tinteiro:
Todo o mundo é lisonjeiro
E ninguem desenganado.

Não se sabe o que mais se ha-de admirar neste famosissimo trecho dramatico, se a profunda analise da alma humana, se a habilissima disposição do dialogo e sua sintese. E' ele um primor de alta filosofia que se lê, se compreende, mas que dificilmente será acceito pela frivola sociedade de hoje, como o não seria pela do tempo do poeta.

Esta producção saíu para fóra do país, e foi representada na brilhante festividade, com que, no seu palacio em Bruxelas, celebrou no ano seguinte o embaixador de Portugal D. Pedro Mascarenhas, o fausto acontecimento para que ela foi composta.

XXI

Os autos da Amadis de Gaula, Romagem de agravados, da Cananea, de Mofina Mendes, Floresta de Enganos, dos Fisicos, auto da Festa, Pranto e testamento de Maria Parda; romances á morte de D. Manuel e aclamação de D. João III. A farça — Caça dos segredos.

Dois anos depois apresenta-se o *Amadis de Gaula*, extraido do celebre romance do nosso Vasco de Lobeira.

Ainda nesse ano se representa a *Romagem de Agravados*, que como o proprio autor declara, é uma satira aos defeitos de diversas classes, começando por Frei Paço, frade que segue a corte, e se conforma aos seus usos, etc.

Do ano seguinte ha duas peças de formosos quilates — *O auto da Cananea* — trecho suave de caridade cristan, bordado sobre uma bela pagina evangelica, e o auto dos *Misterios da Virgem*, conhecido pelo titulo de auto de *Mofina Mendes*, tirado de um episodio dele, que aliás nada tem com o entrecho da peça.

E' comtudo esse trecho de *Mofina Mendes*, que excita a curiosidade dos leitores do drama, pelas circunstancias que vamos resumir e que tem dado ensejo a estudos interessantes. E' o apologo ou fabula da bilha de leite, popularizada na literatura francêsa por Lafontaine.

Vão os sabios descortinar a origem do apologo á India, o que não alongaremos, bastando referir como Gil Vicente o apresentou.

Mofina Mendes é uma moça, a quem, como ao Pedro de Malasartes, tudo sucede ao revez. O patrão pergunta-lhe pelos gados, etc. e ela responde de modo que se julga tudo perdido, o que faz, com que lhe pague dando-lhe uma bilha ou pote de azeite para ir vender á feira.

Muito contente, põe o pote á cabeça a fazer estes projectos:

Vou-me á feira do Trancoso
Logo, nome de Jesu,
E farei dinheiro grosso.
Do que este azeite render
Comprarei ovos de pata,
Que é a coisa mais barata
Que de lá posso trazer.
E estes ovos chocarão;
Cada ovo dará um pato,
E cada pato um tostão,
Que passará de um milhão
E meio, a vender barato.
Casarei rica e honrada
Per estes ovos de pata,
E o dia que for casada
Sairei ataviada
Com um brial descarlata,
E deante o desposado
Que me estará namorando:
Virei de dentro bailando,
Assi dest'arte bailado
Esta cantiga cantando.

E dizendo isto e bailando, cái-lhe o pote ao chão e quebra se... Paio Vaz, o seu amo, exclama:

Agora posso eu dizer
E jurar, e apostar
Que és Mofina Mendes toda,

ao que acrescenta Pessival, outro pastor companheiro de Paio Vaz:

E se ela baila na voda
Que está ainda por sonhar,
E os patos por nacer,
E o azeite por vender,

E o noivo por achar,
E a Mofina a bailar
Que menos podia ser?

Porem a Mofina, em presença do desastre não se desconcerta, e ao retirar-se vai cantando:

Por mais que a dita m'engeite
Pastores não me deis guerra:
Que todo o humano deleite
Como o meu pote d'azeite
Ha-de dar consigo em terra.

Moralidade original de G. Vicente, assim como a substituição do pote d'azeite ao pote de leite, que é natural e razoavel, visto que o primeiro devia dar muito maior interesse que o segundo. Uma confrontação do apologo tratado por G. V. e Lafontaine foi engenhosamente elaborada pelo Snr. Axon (1).

Ainda em 1536 se exibiu a *Floresta dos Enganos*, ultima peça que fez G. Vicente. Passámos tambem pela farça dos *Fisicos*, cuja data se ignora, mas que é uma chistosa critica aos medicos do tempo.

Ha poucos anos descobriu o sr. Conde de Sabugosa em um volume de miscelaneas da sua valiosa bibliotheca, uma peça, ao que parece de Gil Vicente, impressa pelos fins do seculo XVI, principios do seculo XVII, intitulada *Auto da Festa*, no qual se encontram trechos de outra do proprio poeta.

Procedeu á sua republicação, enriquecendo-a de um interessante estudo digno de ler-se.

Ha ainda certas obras meudas, infelizmente assaz minguadas, porque a maior parte, como declara o filho do poeta, Luiz Vicente, se extraviou. Entre elas destacam-se, pela sua importancia não só poetica como historica dois romances, um á morte de D. Manuel e outro á aclamação de D. João III.

(1) *Gil Vicente and. Lafontaine*: a portuguese parellel of «La laitière et le pot au lait.» By William. E. A. Axon — London and Dorking. 1903.

Ha ainda o *Pranto e Testamento de Maria Parda*, engraçadissima peça e aproveitavel para o estudo dos costumes da época, e de algumas localidades da capital.

Em umas trovas ou memorial ao Conde de Vimioso, cuja data não se póde bem precisar, declara ele que andava então compondo uma farça mui formosa, a que chamava — *Caça dos Segredos* — peça que se extraviou, e não seria infelizmente esta a unica que teria destino semelhante. E' de lastimar essa perda, oxalá que ainda qualquer dia se encontre entre papeis perdidos nos desvãos de alguma livraria.

Antes do seu falecimento, que deve ter sucedido em 1539, principios de 1540, compoz Gil Vicente o seu epitafio, que não sabemos se algum dia foi gravado em pedra:

O GRÃO JUIZO ESPERANDO
JAÇO AQUI NESTA MORADA,
DESTA VIDA TÃO CANÇADA (1)
DESCANÇANDO.

(1) Ou, *tambem da vida cançada*, segundo outra versão.

XXII

O que se pode apurar ácerca de Gil Vicente, sua familia e descendencia.

Já de pag. 9 a 13 do presente volume deixámos uns leves traços sobre esta materia, que vamos agora ajuntar aos mais que podémos coligir.

Não ha perfeita certeza quanto aos progenitores, terra e ano que deram nascimento a Gil Vicente.

Dizia se até alguns anos ha, que fôra seu pai Martim Vicente, ourives de Guimarães; depois appareceu outra genealogia (1), mas não sendo publicos, nem faceis de examinar os documentos em que se baseia, não pode merecer maior credito que a primeira. Alem disso labora em contradições e inexactidões de vario genero e facilmente palpaveis.

Quanto á sua patria estamos no mesmo caso: Lisboa, Guimarães ou Barcelos são as que se assinalam, como tendo-lhe sido berço.

A mesma duvida subsiste relativa ao ano em que viu a luz.

Para evitar repetições veja-se o que deixámos dito a pag. 10 do presente volume, e a pag. 77 da nossa *Ementa Historica*, já citada, onde se exara a opinião de parecer plausivel que ele nascesse entre 1470 e 1475.

(1) Visconde de Sanches de Baena — *Gil Vicente* — Marinha Grande, Empreza typographica, 1894.

Foi casado, tambem não se sabe desde quando, com Branca Beserra, segundo um epitafio varias vezes publicado, e é o seguinte:

AQUI JAZ A MUI PRUDENTE
SENHORA BRANCA BESERRA
MULHER DE GIL VICENTE
FEITA TERRA.

ignorando-se se chegou a ser gravado em sepultura, ou se ficou só no papel; causando bastante estranheza que Luis Vicente, filho do poeta, não tivesse dele conhecimento, nomeadamente se fosse filho de Branca Beserra, o que não julgamos certo.

Deste consorcio parece terem nascido alguns filhos: Belchior e Gaspar, com certeza, e provavelmente um Baltasar.

Do ultimo, se chegou a havê-lo, não ficaram vestigios.

Do segundo achâmos menção no indice do livro das moradias da Casa real de 1518, e extingue-se logo. Seriam estes desaparecidos pelos rebates da peste, que deram em casa do poeta, como diz na introdução das trovas ao Conde de Vimioso? não o podemos saber visto ele ter sido tão pouco explicito sobre tal caso.

Belchior Vicente, que deve ter nascido por 1504 a 1505, e que em 1535 estava com o pai em Evora, teve o cargo de escrivão segundo da feitoria de S. Jorge da Mina por carta de 29 de janeiro de 1537, mas a 6 de novembro de 1540 renunciou-o em Afonso Castanho, com autorisação del-rei. Casou, não sabemos quando, mas provavelmente entre 1535 e 1540, com Guiomar Tavares de quem houve duas filhas, Paula Vicente e Maria Tavares, sendo já falecido a 20 de março de 1552. Essas filhas viviam, no estado de solteiras, em 1565 a 1567, em casas suas na alcaçova do castelo, na rua então chamada dos Penosinhos. Se era filho dele e irmão destas, como parece provavel, outro

Belchior Vicente que em 1567, sendo moço da Camara da infanta D. Maria, foi nomeado, por carta de 30 de abril, juiz dos orfãos da villa de Miranda de Podentes, por estar casado com Catarina Arnaa, a quem o oficio pertencia, tambem não o saberemos dizer.

O epitafio acima transcrito prova que Gil Vicente enviuvara de Branca Bezerra, e as verbas mencionadas na nota XXXI da nossa *Ementa Historica* já mencionada, combinadas com as personagens da comedia do *Viuvo*, levam-nos á convicção de que já era viuvo em 1514 e passára depois a segundas nupcias, sendo a nova esposa Melicia Rodrigues.

Parece provirem deste matrimonio os tres filhos Paula Vicente, talvez a mais velha, Valeria Borges e Luiz Vicente.

A primeira pouco antes, ou em seguida á morte do pai, 1540 a 1543, entrou na casa da infanta D. Maria, como moça da Camara e tangedora, quando teria dezoito a vinte anos (1). Deve ter falecido entre 1577 e 1590.

A segunda, Valeria Borges, cujo apelido nos leva a crer que seria este o de sua avó, mãe de Gil Vicente, já era nubil em 1552, quando a 11 de julho lhe foi prometido o oficio de juiz da alfandega de Gogala, por tempo de quatro anos, para o individuo que com ela casasse. Não tardou a realisar-se a promessa, por isso que antes de um ano, a 15 de fevereiro de 1553, já tinha desposado Pero Machado, moço da Camara del Rei, no qual se tornou efectiva a nomeação. Se Pero Machado chegou a ir a Dio a tomar posse do seu cargo, não podémos alcançar, o que sabemos é que faleceu não muitos anos depois de casado, e que a sua viuva passou a segundas nupcias com D. Antonio de Almeida *e Menezes*, provavelmente entre os anos de 1555 e 1560 (2).

(1) Vej. *Ementa Historica*, referida not. XIX.
(2) Id. id. not. XXIV, XXV e XXXII e pag. 73, que rectificamos aqui.

Deste novo enlace nasceram, segundo o geral dos genealogistas:

D. Luis de Meneses
D. Pedro de Meneses
D. João de Meneses
D. Constantino de Menezes
D. Brites (ou Beatriz) de Menezes, freira em Santos
D. Mariana de Meneses
D. Helena de Meneses, freira em Sacavem.

Paula Vicente, a quem, por intercessão da referida infanta D. Maria, tinha sido prometida uma tença de doze mil reis, solicitou e obteve, que em alvará de 17 de novembro de 1572, se lhe permitisse a transferencia dela para sua sobrinha D. Beatriz de Menezes, que acabâmos de nomear. E' provavel que fosse esta a primeira filha de sua irman D. Valeria, e por isso lhe quiz logo assegurar um futuro decente, embora modesto.

Faleceu a infanta D. Maria em 1577, e Paula Vicente, sua moça da Camara, foi de certo uma das legatarias contempladas na lista anexa ao seu testamento, que infelizmente não foi publicada, como este. Por sua morte, cuja data não podemos fixar, Paula naturalmente testaria em favor de suas tres sobrinhas, o que explica o motivo por que estas aparecem entre as tencionarias da infanta, de que tambem infelizmente o primeiro caderno das contas, escapo ao extravio, é já de 1590.

Pelo que se acaba de ver, reconhece-se a incongruencia das datas indicadas para o nascimento dos filhos de Gil Vicente, pelas genealogias em que baseou o seu trabalho o Visconde de Sanches de Baena, por que, a dar-lhes credito, D. Valeria teria em 1552, quando casou a primeira vez, já 36 anos, em 1596, os seus 80, e haveria tido as filhas depois dos 55!

E' facto, porem que estas jovens eram em 1590

menores e tuteladas de seu pai, como o continuaram a ser de sua mãi, depois de viuva, em 1593 e 1596, o que demonstra não haver nenhuma atingido ainda a maioridade dos vinte e cinco anos nessa epoca, (1) e portanto que Beatriz só poderia contar um ano de idade em 1572, rectificando aqui por esta guisa, o que haviamos suposto a pag. 73 da nossa citada *Ementa Historica*.

Dos filhos de D. Valeria, asseveram varias genealogias que D. Luiz casou e teve sucessão e que D. Constantino se matrimoniára na India, e por lá a teria tambem.

Temos noticias de que D. Valeria residia em 1574 á Graça, e provavelmente aí continuaria a residir pelo tempo adiante, e que uma sua prima Antonia Borges, (2) era então freira no mosteiro de Santos, a cuja sombra entraria ahi com toda a plausiblidade, a referida D. Beatriz. O que não podêmos esclarecer por emquanto é a razão do parentesco daquelas duas primas. Antonia Borges não aparece em nenhuma das taboas genealogicas com que Sanches de Baena procurou justificar as suas afirmações, e contudo a sua existencia e parentesco não admitem duvidas.

Disséra o Snr. Gomes de Brito, no seu trabalho, citado ha pouco, que pelo facto de D. Elena de Meneses haver trespassado a sua tença a Joana Inacia, em 1593, parecer-lhe ser ela a filha mais velha de D. Valeria Borges, supondo assim prejudicada a ordem em que haviamos colocado as descendentes da filha de Gil Vicente, na lista genealogica que extraímos de varios linhagistas; desta vez as ilações que a critica sagaz

(1) Veja-se no *Archivo Historico Português*, vol. v, vi e viii, cuja interrupção lamentamos, o luminoso e interessantissimo estudo do Sr, Gomes de Brito — *As tenças da infanta D. Maria* — donde extraímos todos estes elementos.

(2) Veja-se no mesmo periodico o estudo do Sr. dr. Antonio Baião — *A inquisição em Portugal e no Brazil* — na pag. 159 do vol. vii.

do nosso presado amigo deduziu dos factos que se lhe deparavam, tem que sofrer uma rectificação.

Sem duvida por alguns documentos encontrados ultimamente, e de que passamos a dar um extráto, confirma-se a ordem em que as deixâmos inscritas.

Em alvará de 5 de setembro de 1598 é aprovada e confirmada a D. Beatriz de Meneses, *filha mais velha* de D. Antonio d'Almeida e de D. Valeria Borges, a tença de dez mil reis, que tinha na obra pia, e por instrumento de 21 de julho do mesmo ano, nela renunciou sua mãe, *para a poder meter freira*, segundo a faculdade que lhe havia sido conferida por um alvará de lembrança de 20 de outubro de 1597 (1).

D'aqui tambem se deduz, que, apesar da cedencia da tença de doze mil reis, que lhe havia feito sua tia Paula Vicente em 1572, D. Beatriz ainda não tinha professado até 1598, quando devia contar já vinte e seis a vinte e sete anos.

Por outro alvará do mesmo dia (5 de setembro de 1598) é tambem aprovada e confirmada a D. Mariana de Meneses, *filha segunda* dos mesmos D. Antonio e D. Valeria, a tença de dois mois de trigo tambem na obra pia, que, por instrumento de 21 de junho de 1598, nela renunciára sua mãe para o mesmo fim, segundo a faculdade que lhe fôra concedida pelo alvará de lembrança do 1.º de junho de 1598 (2).

Poucas vezes os documentos são tão explicitos em certas minudencias, deixando-nos perplexos a respeito de factos que desejamos esclarecer: estes, porem, satisfazem-nos pela sua clareza.

Segue-se de tudo isto, que D. Elena de Meneses, a filha mais nova, já com toda a probabilidade se tinha recolhido ao mosteiro de Sacavem desde 1593, quando, de certo com a devida autorisação de seus tutores e curadores, havia vendido a tença que desfrutava entre as

(1) Torre do Tombo, Chancelaria de D. Felip II, Liv. 3, f. 132 v.
(2) Id. id. id. Liv. 2.º, f. 34.

legatarias da infanta D. Maria, a Joana Inacia. Esta, filha do abastado negociante Luis Gomes Angel, parece que dispunha de cabedaes que lhe permitiam comprar, como diriamos hoje, papeis de credito, pois, alem do que consta da testamentaria da dita infanta, tambem comprou pouco depois a Antonio Barreto d'Aguiar a terça parte da tença de 60$000 rs. que ele tinha, e de que se lhe passou padrão a 20 de abril de 1594 (1).

Era Joana Inacia da mesma idade de D. Elena, e por esse motivo não causaria naturalmente prejuizo a testamentaria da infanta, como poderia causar, se fosse mais nova, segundo a ordem normal das coisas.

Luis Vicente, o outro filho do poeta, aparece-nos pela primeira vez em uma denuncia do Santo Oficio de 11 de janeiro de 1546, quando poderia contar de dezaseis a vinte anos. Só tornâmos a saber da sua existencia em 1562, quando com sua irman Paula publica a Compilação das obras de seu pai.

No ano seguinte foi nomeado, a 10 de julho, escrivão do tesouro da casa real, vago por falecimento de Jorge Ferreira de Vasconcelos, isto é desoito anos depois da epoca que Sanches de Baena e Theophilo Braga (2) assinalam a esta nomeação, cargo que aliás, nunca renunciou, como o primeiro destes escritores afirma, exercendo-o até o fim da vida.

Mais depressa se apanha um mentiroso que um coxo, diz um rifão, e se Sanches de Baena tivesse procurado e encontrado o documento que inserimos a pag. 114 da nossa 2.ª *Ementa Historica*, e o que extratâmos aqui na pag. seguinte, reconheceria logo como lhe mentiam os linhagistas donde extraíra a noticia relativa á nomeação, renuncia, tempo que exerceu o cargo, e data da morte de Luis Vicente, com o que induziu em erro o sr. Theophilo Braga.

Conservava-se no estado de solteiro, de 1565 a 1567,

(1) Torre do Tombo, Chancelaria de D. Fil. II, Liv. 1.º, f. 14 v.
(2) *Gil Vicente e as origens do Theatro Nacional*, por Theophilo Braga. Porto 1898.

vivendo em casas de sua sobrinha Maria Tavares, filha de seu irmão Belchior, na Alcaçova do castelo de Lisboa, onde tambem habitavam a outra sobrinha e Melicia Rodrigues, viuva de Gil Vicente.

Continuava a viver provavelmente no mesmo sitio e no mesmo estado em 1592, quando, como procurador de seu cunhado D. Antonio d'Almeida, recebeu, a 23 de janeiro as tenças de suas sobrinhas D. Brites, D. Mariana e D. Elena de Meneses, assentadas no caderno do ano antecedente, da testamentaria da infanta D. Maria; o que se prova pela conformidade da sua assinatura nele, com a que autentica os exemplares da referida edição das obras de seu pae (1).

De certo que D. Antonio, que parece achar-se então proximo da morte, não iria passar procuração, para um áto que se havia de praticar em Lisboa, a um individuo que residisse a seis ou sete leguas da capital.

O previlegio relativo á impressão e venda das Obras de G. Vicente havia terminado em 1571, não consta que fosse renovado, sendo por isso provavel que nem Paula, se ainda existia, nem Luis Vicente interviessem na mutilada edição de 1586.

Finalmente pelos fins do anno de 1601, contando então de setenta e tres a setenta e cinco anos de idade, terminou Luis Vicente os seus dias, vagando assim o cargo de escrivão do tesouro real, que exercêra durante trinta e oito anos, sendo por esse motivo provido nele, por alvará de 10 de dezembro, Antonio Lameira (2).

Depreende-se d'aqui a inexactidão da fantasiosa existencia do modesto moço da camara de D. João III, e D. Sebastião na quinta do Mosteiro em Torres Vedras, e a sua morte em 1594, sete anos antes da verdadeira, a sua elevação a cavaleiro fidalgo, etc.

Assim se confundiram sob um mesmo nome tres

(1) Vejam-se a respeito de todos estes factos a nossa *Ementa Historica*, já citada a pag. 90 e notas correspondentes, e o referido artigo do Snr. Gomes de Brito, *As tenças da Infanta D. Maria*, no *Archivo Historico*.

(2) Torre do Tombo, Chancel, de D. Filip. II, Liv. 7.º, f. 304.

individuos distintos, por um misterio de irreflexão: 1.º, o cavalleiro fidalgo da casa do infante D. Luis, falecido em 1550; 2.º, o fidalgo da casa real Luis Vicente *de Castro* residente junto ao mosteiro de Matacães, casado em 1578, com Joana de Pina, e que se diz falecido em 1594; 3.º, o escrivão do tesouro da casa real, e moço da camara do rei, Luis Vicente, filho do grande poeta (1) e finado em 1601.

Se a edição das obras de Gil Vicente é bastante incorrecta e deficiente, como o proprio publicador em parte confessa, as letras portuguesas e a nação devem comtudo um eterno reconhecimento aos dois dedicados filhos do poeta, Paula e Luis Vicente por haverem salvado de um provavel olvido, o que poderam dessa valiosa herança, perpetuando assim a memoria de seu pai, e aumentando, com esse áto de filial piedade, a gloria da sua patria.

Não é porem facil de explicar o motivo porque tendo falecido Gil Vicente em 1539, principio de 1540, e havendo-lhe sido ordenado por D. João III o trabalho de compilar as suas obras, seus filhos se não apressassem a aproveitar-se das boas disposições do monarca, publicando-as brevemente, fazendo-o só vinte e dois anos depois, facilitando em tão longo lapso o extravio de muitas peças. A unica explicaçao plausivel, parece ser a que deixamos consignada a pag. 81 e 82 da nossa referida *Ementa*, a menoridade em que ficaram os filhos, e as perturbações que poderia causar uma mal dirigida administração testamentaria. O exemplo, em ponto grande, do que sucedeu com a da infanta D. Maria, pode elucidar-nos sobre o que aconteceria com outras de muito menor importancia.

Gil Vicente não possuia, segundo parece, bens de raiz; a sua residencia em Lisboa era em casas da rainha D. Leonor até certa epoca, (2) e depois provavelmente

(1) Vej. na nossa *Ementa Historica, Gil Vicente*, as notas e documentos XXI, XXX e XXXIV.

(2) Veja-se na nossa *Ementa Historica*, a documento XVII a pag. 106 e 107.

nos paços velhos da alcaçova, local onde encontrâmos em 1565, sua viuva, um filho e duas netas (1); a herança devia limitar se a pouco, pois a não lhe quererem passar um diploma de embusteiro dos contemporaneos, e embaidor da posteridade, não podemos deixar de crer o que elle diz, a quem decerto o conhecia muito bem.

Que o medrar
Se estivera em trabalhar
Ou valera o merecer,
Eu tivera que comer,
E que dar, *e que deixar!* (2)

mas não tinha: por que as tenças que vencia, a vestiaria que desfrutava, e as mercês particulares que lhe faziam os reis, as rainhas, os principes, o Mestre de Santiago, etc. se o não deixavam passar miserias, não lhe facultavam sobras com que podesse adquirir bens; demais a mais andando grande parte do tempo por terras desvairadas. Pedra movediça não cria bolor, diz o proverbio, que se devia aqui verificar com toda a evidencia.

Provada, como fica, por tudo que precede a inverosimihança da lenda da sua morada tranquila na quinta do mosteiro em Matacães, resta desfazer outra afirmação não menos desarrazoada.

Disse um genealogico qualquer que ele havia sido mestre de retorica: outro acrecentou que o fôra de D. Manuel, e houve espiritos elevados que não duvidaram disso. E' o apologo do homem que disse á mulher, debaixo de muito segredo, haver posto um ovo, e comunicado o segredo de visinha a visinha, ao fim do dia já o numero dos ovos se tinha elevado a cem. Esqueceu-lhes porem reparar n'uma coisa; que G. V. era mais novo que D. Manuel dois a sete anos, que ainda mesmo, quando por precocidade de talento, podesse ser mestre de alguma coisa antes dos

(1) Id. id. nota XXXI a pag. 114.
(2) *Obras de Gil Vicente* — Lisboa, 1852. vol. III, pag. 381.

vinte e cinco anos, quanto tempo passára já desde que o duque de Beja havia completado a sua educação com professores conhecidos, quando G. Vicente poderia começar a leccionar? A inverosimilhança é manifesta.

Quanto a outro filho de Gil Vicente que estava na India em 1512, de quem se não conhece quasi nada da vida e cujo fim se ignora, não podemos acrecentar mais nada ao que dissémos a pag. 74 da nossa citada *Ementa*, se é que ele era filho do poeta.

E é isto quanto temos apurado a respeito de Gil Vicente e de sua familia. Outros mais felizes e dotados de forças intelectuaes que nos faltam, acrecentarão o que poderem, e emendarão o muito em que houvermos errado.

XXIII

Tentativa cronologica á cerca de Gil Vicente e sua familia.

Não estando ainda completamente esclarecida a duvida á cerca da individualidade de G. Vicente, poeta e ourives, seguiremos nesta tentativa, o que se refere a este nome, indicando porem, o que positivamente se declara pertencer a qualquer das duas designações.

1470 a 1475? Nasce Gil Vicente em Lisboa? Guimarães?
1488 a 1490? Casa com Branca Bezerra.
1491 a 1493? Nasce um filho a Gil Vicente.
1494? Escreve a sua tenção no processo de Vasco Abul, inserta no Cancioneiro Geral de Garcia de Rezende.
1502, 6 junho. Nasce o principe D. João (depois D. João III) e a este sucesso compõe e representa Gil Vicente o seu primeiro ensaio dramatico, o auto da *Vizitação* ou do *Vaqueiro*.
1502, 24 dez.º Compõe e representa o *Auto pastoril castelhano*.
1503, 6 jan.º Compõe e representa o *Auto dos reis magos*.
1503. Chega D. Vasco da Gama com as parias de Quiloa, e encomenda D. Manuel ao ourives G. V. a construcção duma custodia.
1503? 24 dez.º Representa-se o auto da *Sibila Cassandra*.
1504, 6 junho. Representa-se nas Caldas da Rainha o *Auto de S. Martinho*.
1504? Em Lisboa, na capela real é representado o *Auto dos quatro tempos*.
1504 a 1505 Nasce o filho Belchior.
1505... Representa-se em Lisboa nos novos paços da

Ribeira a farça do *Escudeiro pobre*, que o vulgo depois denominou *Quem tem farelos*.

1506, março. Em Abrantes, diz um sermão cujo tema é — *Non volo, volo, et deficior*, por ocasião do nascimento do infante D. Luiz, a 3 de março.

1506. Acabou-se de construir a famosa custodia dos Jeronimos.

1506, 30 set.º Falece a infanta D. Beatriz, mãe de D. Manuel.

1508, 21 abril. E' representado o *Auto da Alma* em Lisboa a el-rei D. Manuel.

1509, 15 fev.º E' nomeado o ourives G. V. vedor de todas as obras de oiro e prata que se fizerem para o Hospital de todos os Santos, conventos de Belem e Tomar.

1509. Em Almada é representado á rainha D. Leonor o *Auto da India*.

1510, 24 dez.º Representa-se em Almeirim a D. Manuel o *Auto da Fé*.

1512, outubro. Encontra-se na India um filho de G. Vicente que Afonso d'Albuquerque nomea escrivão da embaixada que envia ao Hidalcão para assentar a paz.

1512. E' representada perante D. Manuel a farça do *Velho da Orta*.

1513, 4 fev.º. E' nomeado o ourives G. V. mestre da balança da casa da moeda de Lisboa.

1513, agosto. Representa-se tambem ao referido monarca a tragi-comedia *Exortação de guerra*, de 10 a 14 do mês, na partida do duque de Bragança para a tomada de Azamor.

1513, 17 out.º. E' o ourives G. V. procurador dos Mesteres na Vereação de Lisboa.

1513 a 1514? Enviuva Gil Vicente de sua primeira mulher Branca Bezerra, a cuja memoria compõe um epitafio.

1514. Representa-se a *Comedia do Viuvo*, onde figuram duas filhas Paula e Melicia, facto notado no argumento da peça.

1515, 21 set.º. E' feita mercê ao ourives G. V. de vinte mil réis para ajuda do casamento de sua irman Filipa Borges.

1515, 25 set.º. Recebe G. V. a referida quantia.

1516. Em Lisboa, e em Santos-o-Velho, é representado, primeiro á rainha D. Leonor, depois a seu irmão o rei D. Manuel o *Auto da Fama*.

1516. Tambem este anno deve ter-se representado o *Auto das Fadas*.

1516, 6 mar.º. Escreve D. Manuel á Camara de Lisboa á cerca de uns apontamentos que pelo mestre da balança G. V, lhe enviaram os mercadores, tosadores e alfaiates.

1516 a 1517? E' provavel o segundo casamento de Gil Vicente com Melicia Rodrigues.

1517, março. Representa-se na Camara da rainha D. Maria, a primeira parte da trilogia das barcas, ou *Auto da barca do Inferno*.

1517, 6 ag.º. Por carta regia é aprovada a venda que o ourives G. V., fez do cargo de mestre da balança a Diogo Rodrigues, ourives da infanta D. Isabel.

1518, 24 dez.º No hospital de Todos os Santos, em Lisboa, deante da rainha D. Leonor é representada a segunda parte da trilogia das barcas, ou *Auto da barca do Purgatorio*.

1518. Por uma inquirição de 1540, declara Belchior Vicente que n'aquella epoca era ainda moço pequeno, o que faz julgar que teria então de doze a treze anos.

1518. N'este ano figura no livro das moradias da casa real Gaspar Vicente, filho de Gil Vicente, devendo assim corrigir-se o que se lê na nota XI da nossa 2.ª *Ementa Historica*.

1518? Trovas ao Conde de Vimioso.

1518? Composição da farça — *Caça dos Segredos*.

1519, dez.º? Representa-se em Almeirim perante D. Manuel o *Auto da barca da Gloria*, terceira parte da famosa trilogia das Barcas.

1519. Escreve G. V. n'este ano umas trovas a Filipe Guillen.

1520, 29 nov.º Escreve d'Evora D. Manuel á Camara de Lisboa, dizendo que envia G. V. para por sua ordenança se fazerem as coisas neces-

sarias para a sua entrada e da rainha na capital.

1521. Representa-se nos paços da Ribeira, á partida da infanta D. Beatriz para Saboia, a tragicomedia — *Cortes de Jupiter*.

1521. Em Evora, ao principe D. João, que no fim desse ano veio a ser rei, é representada a comedia de *Rubena*.

1521. Da mesma maneira, e neste ano foi representada na dita cidade, ao referido principe a farça das *Ciganas*.

1521. A 13 de dezembro, falece em Lisboa, inesperadamente el-rei D. Manuel, sucesso a que Gil Vicente escreve um sentido e interessante romance.

1521. E' aclamado, em seguida á morte de seu pai, como rei D. João III, escrevendo logo Gil Vicente um romance allusivo ao facto, tambem interessante.

1522. Escreve Gil Vicente o pranto e testamento burlesco de Maria Parda.

1523, dep. de 8 de maio. Recebe Gil Vicente seis mil réis de mercê.

1523. Foi no convento de Tomar onde se representou o proverbio dramatico desenvolvido na *farça de Inês Pereira*, respondendo assim o poeta triumfantemente aos homens illustrados, que tinham duvidas sobre a sua orginalidade na composição dos seus autos.

1523, 24 dez.º E' representado em Evora a D. João III o *Auto pastoril português*.

1524... Supomos que de 1518 até este ano poderão ter nascido Paula e Luis Vicente, e Valeria Borges, filhos de Gil Vicente.

1524. E' talvez por esse motivo que neste ano recebe G. Vicente a mercê de uma tença de doze mil reaes, acrecentada pouco depois com mais oito mil, fazendo ao todo vinte mil reaes.

1524. Neste ano recebe G. V (?) seis mil reaes de mercê, alem de quatro mil para certas coisas que lhe el-rei mandou fazer.

1525, 19 jan.º E' feita mercê a Gil Vicente de uma tença de tres moios de trigo, por carta regia desta data.

1525. Em Evora, se celebraram os desposorios de D. João III com D. Catarina, na ausencia desta, a cujo proposito escreveu e representou Gil Vicente a tragi-comedia — *Fragoa d'Amor*.

1525. No mesmo ano em Almeirim, depois da chegada da rainha, é representada a farça do *Juiz da Beira*, continuação da de *Inês Pereira*.

1526, 1 nov.º Desposorios da infanta D. Isabel com o imperador Carlos V, e festividades na sua partida, representando-se a tragi-comedia *Templo d'Apolo*.

1526, No mesmo ano, porem já no remanso de Almeirim é representada a outra farça do *Clerigo da Beira*.

1526. Em Coimbra representa-se a farça dos *Almocreves*.

1527. Representa-se em Coimbra a comedia *Divisa da cidade de Coimbra*.

1527. Ainda este ano em Coimbra representa por ocasião da rainha D. Catarina dar á luz a infanta D. Maria, a tragi-comedia pastoril da *Serra da Estrella*

1527. Em Almeirim é representado o auto da *Historia de Deus* a D. João III e á rainha D. Catarina, e provavelmente o *Dialogo sobre a Ressurreição*, complemento natural daquele.

1527. Dirige um vilancete a D. João III, queixando-se de que na volta de Coimbra a Santarem, uns almocreves castelhanos, lhe levaram de aluguer quanto trazia, pelo privilegio que a rainha lhes havia concedido de lhes não serem tomadas bestas pela taixa, mas pelo preço que eles quizessem.

1527. Em Lisboa, e na primeira entrada da rainha D. Catarina na capital representa a tragicomedia *Nau d'Amores*,

1527, 24 dez.º Em Lisboa é representado o *Auto da Feira*.

1528. E' feita mercê de uma terça de doze mil réis a G. Vicente, alem dos vinte que já tinha.

1529, abril a maio Deu a rainha D. Catarina á luz a infanta D. Isabel, por cujo motivo Gil Vicente escreveu e representou a tragi-comedia, — *Triunfo do Inverno.*

1531, 26 jan.º Tremendo terremoto que arruinou Lisboa e grande parte do país. Gil Vicente sente os seus efeitos em Santarem, onde se acha enfermo, como ele participa a D. João III numa notavel carta.

1531, 1 nov.º Neste ano nasceu o principe D Manuel e para solenizar esse desejado sucesso, compoz e representou Gil Vicente o *Auto da Lusitania.*

1532, dez.º Representa-se em Bruxelas, o referido auto, nas festas com que o embaixador português, D. Pedro Mascarenhas celebrou aquele fausto acontecimento.

1533. Representa-se em Evora a tragi-comedia — *Amadiz de Gaula* extraida do celebrado romance do mesmo titulo.

1533. Neste ano deu a rainha á luz, em Evora, o infante D. Filipe, a cujo proposito se representou a *Romagem d'Agravados.*

1534. E' neste ano que a pedido de D. Violante, abadessa de Odivelas, escreve, e naturalmente se representou naquele real mosteiro o belo auto da *Cananea*, fundado sobre um tocante passo do Evangelho.

1534. Ainda neste mesmo ano se representa o auto dos *Misterios da Virgem*, vulgarmente chamado de *Mofina Mendes*, por causa do celebre episodio da bilha de azeite que deixámos mencionado a pag. 124.

1535, 19 junho Achava-se Gil Vicente em Evora, quando lhe foi passado um desembargo para receber do tesoureiro da casa del-rei, 8:000 reaes de sua vestiaria deste ano.

1535, 11 ag.to E'-lhe feito o pagamento desta quantia, que recebe em mercadoria por seu filho Belchior Vicente.

1536. Ainda em Evora se representa a comedia *Floresta de Enganos*, ultima peça que compoz Gil Vicente, como diz a rubrica.

1537, 29 jan.º Carta regia nomeando Belchior Vicente, moço da capela, escrivão segundo da feitoria de S. Jorge da Mina.

1539 a 1540. Falece G. V. antes de 16 de abril, achando-se ocupado em colecionar, as suas obras, como lhe recomendára D. João III.

1540, 14 m.º. Apostila, mandando passar pela chancelaria a carta que nomea Belchior Vicente segundo escrivão da feitoria da mina, posto seja passado o tempo em que se devia ter feito.

1540, 16 abril. Depõe Belchior Vicente, filho de G. Vicente, em um termo de justificação do pintor Garcia Fernandes, relativo a factos passados em 1518, declarando ser o pai já falecido.

1543. E' Paula Vicente, filha do poeta G. V., mencionada como moça de camara e tangedora, no caderno das moradias da casa da infanta D Maria.

1545, 6 nov.º Apostila declarando ter Belchior Vicente, renunciado o cargo já referido, em Afonso Castanho, moço da camara del-rei e com licença d'este.

1552, 30 m.º. Carta regia fazendo mercê da tença anual de dois moios de trigo a Guiomar Tavares, viuva de Belchior Vicente, desde o 1.º de janeiro desse ano.

1552, 30 m.º. Carta regia, fazendo mercê da tença de dez mil reaes anualmente desde o 1.º de janeiro desse ano a Paula Vicente e para mantimento dela e doutra sua irman *(Maria Tavares)*, que serão entregues todos os anos, emquanto aquela não casar, a sua mãe Guiomar Tavares.

1552, 11 jul.º. Alvará concedendo a Valeria Borges, filha de Gil Vicente, o logar de juiz da alfandega de Gogala, por tempo de *quatro anos* para a pessoa que com ela casar.

1553, 15 fev.º Carta de D. João III fazendo mercê do referido cargo a Pero Machado, seu moço da camara, por estar casado com a dita Valeria Borges.

1555 a 1556. Realisa-se provavelmente o segundo casamento de Valeria Borges, com D. Antonio d'Almeida e Meneses.

1561, 3 set.º. Alvará de privilegio a Paula Vicente para que ninguem durante dez anos, possa imprimir nem vender o volume das obras de seu pai Gil Vicente sem sua autorização.

1562. Conclue-se a impressão do dito volume e dirige Luis Vicente, filho do poeta, a dedicatoria dele a D. Sebastião.

1563, 10 jul.º E' nomeado Luis Vicente, escrivão do tesouro da casa real, por falecimento de Jorge Ferreira de Vasconcelos, que exercia o cargo.

1566 a 1567. Residem na alcaçova do castelo Melicia Rodrigues, viuva de Gil Vicente, suas netas Maria Tavares e Paula Vicente, e em casas desta, seu tio Luis Vicente.

1567, 30 ab.l. E' nomeado Belchior Vicente, moço da camara da infanta D. Maria (provavelmente irmão das referidas Maria e Paula) juiz dos orphãos da vila de Miranda de Podentes.

1572, Nascimento provavel de D. Beatriz de Meneses, filha mais velha de D. Valeria Borges e de D. Antonio d'Almeida.

1572, 17 dez.º Por alvará desta data é aprovada a renuncia que Paula Vicente, moça da camara da infanta D. Maria, fizera da tença de doze mil réis, que lhe havia sido prometida, em sua sobrinha D. Beatriz de Menezes.

1574. Reside D. Valeria Borges á Graça e tem uma prima Antonia Borges, freira no mosteiro de Santos.

1573 a 1576. Nascimento provavel de D. Mariana e D. Elena de Menezes, segunda e terceira filhas de D. Valeria Borges.

1577. Falecimento da infanta D. Maria.

1577 a 1590. Falece Paula Vicente, a dedicada filha do poeta Gil Vicente.

1590. Encontram-se contempladas, como tencionarias na testamentaria da infanta D. Maria, as tres netas de Gil Vicente D. Beatriz, D. Mariana e D. Elena de Menezes, filhas de sua filha D. Valeria Borges e de D. Antonio d'Almeida.

1592, 23 jan.º Recebe Luis Vicente por procuração de seu cunhado D. Antonio d'Almeida, as tenças das ditas tres sobrinhas, tuteladas d'este, inscriptas no respectivo caderno do ano anterior.

1592 a 1593. Falece D. Antonio d'Almeida.

1593. Vende D. Elena de Menezes a sua tença a Joana Inacia.

1593. Recebe D. Valeria Borges, já viuva e como tutora de suas filhas D. Beatriz e D. Mariana de Menezes, as tenças referidas.

1596. Idem, idem.

1598, 5 set.º Por alvarás desta data são aprovadas as renuncias que D. Valeria Borges fez em sua filha mais velha D. Beatriz da tença de dez mil réis, e em sua filha segunda D. Mariana da de dois moios de trigo, que tinha consignadas na obra pia.

1601, 10 dez.º E' nomeado Antonio Lameira, para o logar de escrivão do tesouro da casa real, que vagou por falecimento de Luis Vicente.

BIBLIOGRAFIA

Resende (Garcia de) *Cancioneiro Geral,* ordenado e emendado de... por Herman de Campos, Lisboa 1516, cum privilegio. A fl. 210, aparecem os primeiros versos impressos de Gil Vicente no processo poetico de Vasco Abul.

Idem, idem Stutgard. 1846, 1848 e 1852, 8.º tres vol.

Reprodução do exemplar que pertenceu a el-Rei D. Fernando, e deve existir na bibliotheca particular do palacio das Necessidades.

Idem, idem. New-York 1904? Reprodução fac-simile da primeira edição, em fototipia, feita por diligencia e á custa do Snr. Ascher Huntington.

Auto de Moralidade, composto por Gil Vicente per contemplação da serenyssima e muito catholica Raynha Dona Leonor, nossa Senhora, e representado per seu mandado ao poderoso principe alto Rey Don Manoel, primeiro de Portugal deste nome. *Sem logar nem data de impressão,* descreve-o Barrera y Leirado no *Catalogo biografico y bibliografico del Teatro antiguo español.* Embora sem data, deve a impressão ser anterior a 1525, ano em que faleceu a rainha D. Leonor.

Trajicomedia allegorica: Del Paraiso y del Infierno, folha volante in 4.º fol. sem data nem logar de impressão, mencionada por F. Wolf, como existente num tomo de comedias antigas espanholas, conservadas na biblioteca de Munich, reproduzida a noticia por T. Braga.

Trajicomedia alegorica d'El Paraiso y del Infierno... Fue impressa en Burgos, en casa de Juan de Junta, a 25 dias del mes de enero, año de 1539, 4.º de 12 fol. Descrito por Moratin, Gallardo, Schack e Th. Braga. Tem acrecentos, como outros exemplares, que nos não parecem feitos por G. Vicente.

Auto da Barca do Inferno, feyto por Gil Vicents... He repartido em tres Autos: este primeiro, he da viagem do Inferno: trata-se pelas figuras seguintes... Sem data nem logar de impressão. Folha de 15 pag. a duas colunas. Descrito no Catalogo da livraria de F. Palha, sob o n.º 1214.

Auto da terceyra Barca que he endereçada á Embarcação da Gloria... Sem data nem logar de impressão; 4.º de 19 pag. com uma vinheta de madeira no frontespicio. Descrito no catal. citado acima e sob o mesmo n.º.

Pranto de Maria Parda, porque vio as ruas de Lixboa com tão poucos ramos nas tavernas. E o vinho tão caro. 4.º gotico de 4 fol, inumeradas a duas col, sem data nem logar de impressão. Descrito no Catalogo referido, e sob o dito n.º.

Auto d'Amadis de Gaula... Sem data nem logar de impressão, mas já proibido pelo Index Expurgatorio, de 1549 de Valladolid, como diz Barbosa Machado, por tanto anterior a essa data, e talvez a 1525. Veja-se o que fica dito na nossa 2.ª *Ementa historica* a pag. 64.

Auto de Dom Duardos.

Auto feito novamente por Gil Vicente sobre os mui altos e ternos amores de Amadis de Gaula com a princeza Oriana, filha del Rei Lisuarte.

Auto do Fisico (sem nome do autor).

Estas tres peças vem incluidas no Catalogo dos livros proibidos espanhol de 1559, por conseguinte a censura refere-se a exemplares impressos anteriores a esta data.

Resende (André de)—*Genethliacon Principis Lusitani, ut in Gallia Belgica celebratum est, a viro clariss. D. Petro Mascaregnas, regio Legato, Mense Decembri MDXXXII.* Joannes Baptista Phaellus Bononiensis, Bononiæ impressit. Anno Incarnationis etc, MDXXXIII. Mense Januario.

Resende (Garcia de) Miscellacea de... e variedade de historias, costumes, casos e cousas que em seu tempo acconteceram. *No fin:* «Foy impressa esta Miscellanea de Garcia de Resende em ha cydade de Evora em casa de Andree de Burgos impressor do Cardeall iffante. & c. accabouse a ho fim de Mayo do anno do nacimento de nosso señor Jesu Christo de 1554.» Fol. de xxiij folh. junto á edição do «*Livro das Obras*» do mesmo autor do dito ano.

Compilaçam de todalas obras de Gil Vicente, a qual se reparte em cinco livros... Emprimiose em Lixboa em casa de Joam Alvarez, impressor del Rey nosso Senhor. Anno de M. DLXII... Acabou-se de emprimir esta compilaçam das obras de Gil Vicente em Lixboa, em casa de Joan Alvarez, impressor del Rey nosso Senhor, na universidade de Coimbra aos xij dias do mes de setembro de MDLXII annos. Vam nestes cabos assinados todos os livros por Luis Vicente, por se nam poderem emprimir nem vender outros por outras pessoas que nam tem o privilegio de sua alteza que no principio vay impresso, por que sómente os que forem assinados se conheceram serem desta impressam, e per licença da pessoa a quem se o privilegio concedeo, etc.

Fol. de 4 fl. inumer. 262 numer. irregulamente; texto em caracteres goticos a duas colunas, sendo a numeração em algarismos arabicos até f. 9, e daí em deante, romanos.

Exemplares conhecidos: Na livraria do falecido Fernando Palha, perfeito; na de Mafra, completo, mas muito aparado; na da Torre do Tombo, falto do rosto e com algumas folhas remendadas; na Biblioteca Nacional de Lisboa, faltando-lhe de fl. 245 em deante; na Biblioteca de Gottingen, falto de algumas folhas; outro que pertenceu ao Snr. Manuel Osorio Negrão.

Cõpilaçam de todalas obras de Gil Vicente... Vam emendadas pelo Santo Officio como se manda no Catalogo deste Regno. (no fim). *Foy impresso em a muy nobre e sempre leal cidade de Lixboa, por André Lobato. Anno de MDLXXXVI.*—(Mutilada pela inquisição, não só em muitos passos mas até em autos inteiros)—4º de 2 fol. inumer, 28 irregularmente numeradas, e 281. Quatro ou cinco exemplares conhecidos. Nesta compilação vem o prologo da tragicomedia *D. Duardos*, que saíra em edição avulsa, e Luis Vicente não incluiu na de 1562.

Obras de Gil Vicente, correctas e emendadas pelo cuidado e diligencia de J. V. Barreto Feio e J. G. Monteiro. Hamburgo, 1834.—8.º grande. 3 tomos: o 1.º de XLIV, 387 pag.; o 2.º de 535; e o 3.º com 404. Tem porem varias lacunas, por faltarem algumas folhas e outras se acharem estragadas no exemplar da Bibliotheca de Gottingen, de que se serviram os benemeritos editores, aproveitando-se, para suprirem algumas dessas faltas, de um exemplar da mutilada edição de 1586. Ha porem, exemplares desta edição, que aparecem com rosto diverso, declarando haver sido impressa em Paris, na Off. typogr. de Fain &. Thunot. 1843; o que é uma falsificação.

Obras de Gil Vicente—Lisboa. Escriptorio da Biblio-

theca portuguesa. Rua Augusta, n.º 110, 1852. 3 tomos; 1.º de LX — 386 pag.; 2.º 528 e o 3.º com 392, e mais uma de indice em cada um deles. Edição completa mas um tanto imperfeita.

Visconde de Sanches de Baena — Gil Vicente — Marinha Grande, 1894. — 4.º de XXVI — 168 pag. com uma gravura (pretenso retrato de G. V.) e varios quadros genealogicos.

Theophilo Braga, Historia da Litteratura portugueza: — Gil Vicente e as origens do theatro Nacional Porto. 1898, 8.º de VIII — 544 pag.

E' a refundição correcta e augmentada da 1.ª edição desta obra publicada em 1870.

J. I. de Brito Rebello. — Ementas Historicas II. Gil Vicente. Lisboa. Empresa do «Occidente» Largo do Poço Novo. — 1902. — 4.º de 129 pag. com muitas illustrações.

Visconde de Castilho, Julio, — Mocidade de Gil Vicente. Lisboa 1897 — 8.º de 291 pag. E' um bello romance onde ha quadros bem desenhados, embora fundado sobre a errada genealogia de Gil Vicente, expressa no livro de Sanches de Baena.

Gil Vicente e Evora, por A (ntonio) F (rancisco) B (arata). 1902. Minerva Commercial — Evora. 8.º de 11 pag.; 2.ª edição melhorada, idem de 16 pag.

Gil Vicente and Lafontaine: a portuguese parallel of «La laitiere et le pot au lait.» by William E. A. Axon,.. printed by Adlard and son, London and Dorking. 1903. — 8.º contendo rosto e 13 pag.

The portuguese drama in the sixteenth century — Gil Vicente — by Edgar Prestage. (Reprinted from the «Manchester Quarterly» July, 1897) de 30 pag.

José Joaquim Nunes. As cantigas parallelisticas em Gil Vicente. — Separata da «Revista Lusitana» vol. XII, n.os 3 e 4, 1809). — Lisboa — Imprensa Nacional — 1909. 4.º de 29 pag.

Gil Vicente pelo Visconde de Ouguela (Carlos Ramiro Coutinho) Lisboa 1890 — 8.º de 304 pag.

Auto da Festa, pelo sr. Conde de Sabugosa, com uma larga e interessante introducção, Lisboa, 1907.

Obras de Gil Vicente, com revisão, prefacio e notas de Mendes dos Remedios, tomo primeiro — Coimbra, França Amado editor 1907 — 8.º de LIX — 400 pag. e uma de indices.

Almeida-Garrett (J. B. S. L. de) Merope e um auto de Gil Vicente, Lisboa. Typ. de J. B. Morando 1841 — 8.º de 311 pag. formando o 3.º vol. das obras do grande escritor, e o 2.º do seu teatro. E' a primeira edição do engenhoso e lindissimo drama, com que se inaugurou o teatro de D. Maria II, e se abriu uma nova epoca á literatura dramatica portuguêsa. Tem sido repetida a sua impressão em varias edições não só em Portugal mas tambem no Brazil.

Michaelis de Vasconcellos (D. Carolina) *Pratica de tres Pastores.* 8.º de 52 pag. Braunschweig — Druck Westermann. 1881. Tanto na introdução como no glossario e nas notas a ilustre escritora se refere a G. V.

Michaelis de Vasconcellos (D. Carolina) um artigo na revista — «Literaturblatt per germanische und romanisch Philogie.

Castilho (Visconde Julio de) e Freire (Anselmo Braamcamp) Indices do Cancioneiro de Resende (*da edição de Stuttgard*) e das obras de Gil Vicente (*edição de 1834*) Lisboa, Typographia de Francisco Luiz Gonçalves, 80, rua do Alecrim, 82 — 1900. 4.º de 116 pag. Edição de luxo em papel velino, tiragem de 20 exemplares. Eis a curiosa inscripção final da pag. 113: «*Acabousse de empremyr a tauoada de todalas cousas que estam no cançyoneyro geeral & nos aytos* (sic) *Foy ordenada & emedada per Julio de Castilho & Anselmo Freyre fidalguos da casa del Rey nosso senhor. Começouse & acabouse na muyto nobre & sempre leal çidade de Lixboa. Per Françisco Gonçalvez empremydor. Aos xij dias de novebro da era de nosso senhor Jesu cristo de mil & noveçent' anos.*» E' pena que neste formoso voluminho se não corregissem alguns erros de datas, de que estão inquinadas as edições de Gil Vicente, e se acrecentassem, por inadvertencia, outros.

Sousa Viterbo (F. M. de) Gil Vicente. Dois traços para a sua biographia no Archivo Historico Portuguez.

Sousa Viterbo (F. M. de) Gil Vicente. Outro artigo, em via de publicação, na Revista dos Estudos Historicos.

Revista de Educação e Ensino, — Anno XII — n.º 4 de 1897 e seguintes, começo de um estudo meu.

Gil Vicente, Auto da Alma seguido *do Pranto de Maria Parda*, e da carta a El Rei D. João III sobre o terremoto de 1531 — 4.º centenario do Theatro portuguez; o auto tem o fac-simile do frontespicio da edição de 1586 e um estudo critico pelo Visconde de Ouguella; o Pranto tem tambem o fac-simile do frontespicio da edição de 1665 e o retrato da actriz Adelina Ruas, em caracter. — 1902.

Gil Vicente — Quarto centenario do Theatro Portugues —A festa no Conservatorio—A recita no D. Amelia. 1902.

—*Auto da Barca do Inferno*, Adaptação representada com um Prologo por Afonso Lopes Vieira — 1517-1911.

Monologo do Vaqueiro ou da Vizitação, vertido e adaptado por Afonso Lopes Vieira, 8.º peq. de 33 pag. com um prologo e uma nota final.

Gil Vicente—Farça de Inez Pereira com uma carta de Theophilo Braga.

O Palco, anno 1.º, n.º 2, 20 janeiro 1912. *O retrato de Gil Vicente*. Este retrato, reprodução do que foi publicado pelo Visconde de Sanches de Baena, no opusculo acima mencionado sem indicação do Cod. M.ª da Bibliot. Nacio onde se encontrava, a qual foi dada por mim em 1902 a pag. 93 da minha 2.ª *Ementa Historica*, onde expuz as razões porque se não podia julgar autentico, que são pouco mais ou menos as que se aduzem no artigo que acompanha o retrato.

Em Faria e Sousa, Diogo de Barbosa Machado, João Baptista de Castro, Innocencio Francisco da Silva, Bouterweck, Gallardo, Salvá, Barrera y Leirado no periodico *O Occidente*, em M. Menendes y Pelayo, em Theophilo Braga, etc. se podem procurar mais elementos bibliograficos que alongariam demasiado este trabalho de vulgarisação.

INDICE

A

Abade, pae de Rubena..... 100
Abissinia, embaixador da 61
ABRAÃO, figura no Auto da Sibila Cassandra..... 27
Abrantes, Vila de Portugal 33
ACOMPANIADO *(Vej. Bonamis)*.
Açores, arquipelago dos..... 53
ADÃO 113
Aden, possessão no mar roxo..... 68
AFONSO (D. principe, filho de D. João II..... 16
AFONSO V (D.) rei de Portugal..... 23 e 53
Africa 27, 37
» navegações ao longo da costa 53
» sua conquista..... 53
» (praças d')..... 105
AGOSTINHO (Santo)..... 36
AGUIAR (Joana d') 100
Alcacer Ceguer, sua tomada..... 53
Alcaçova, paços da.... ..... 30 e 35
Alcoviteira, figura do auto da Barca do inferno. 78
Alma (Vej auto da).
Almada, Vila de Portugal..... 37
ALMEIDA *(Vej. D. Antonio d')*.
ALMEIDA-GARRETT, sua acção no theatro nacional... 99
Almeirim 45, 87, 112
» representa-se ahi o auto da Historia de Deus.... 114
Almirante (o grande)..... 27
Almocreves (farça dos)..... 113
Amadis de Gaula, tragicomedia..... 54, 123
AMBROSIO (Santo)..... 36
America..... 38
ANIBAL 57
ANTONIA BORGES, prima de D. Valeria Borges freira em Santos..... 131

ANTONIA BORGES, não aparece nos quadros genealogicos do opusculo de V. de Sanches de Baena 131
ANTONIO (D.) D'ALMEIDA E MENEZES, segundo marido de Valeria Borges 129
» seus filhos 130
» falece em 1592 ou 1593 131
APOLO, personagem da tragicomedia *Templo de Apolo* .. 112
AQUILES, figura na tragi-comedia, *Exortação de guerra*. 57
Arcebispo, figura no auto da Barca da Gloria 93, 96
Archivo Historico Portuguez, é citado 131, 134
Armada de Tristão da Cunha 39
ARNAA (CATARINA) mulher de Belchior Vicente 129
Arzila, sua tomada 53
Atenas lusa *(V. Coimbra)*.
Auto da Alma 35, 36, 45
» » » seu lirismo 61
Auto da Fé 45
» *da Feira* 114
» *da Festa (Vej. Conde de Sabugosa)*.
» *da Historia de Deus* 113
» *da India* 37
» *pastoril castelhano* 19
» » *portuguès* 111
» *dos Quatro tempos* 47
AXON *(William)* paralelo do apologo da bilha de leite de Lafontaine com o da bilha de azeite de Gil Vicente. 125
Ay de la noble ville de Paris, cantiga francesa no auto dos Quatro tempos 30
AZAMBUJA (Diogo d') 54
Azamor, praça d'Africa 54, 68, 71

B

BAIAO (Dr. Antonio) A inquisição em Portugal e no Brazil 131
Bairro da pedreira 35
BALTAZAR VICENTE, suposto filho de Gil Vicente. 13 e 128
BARATA (Antonio Francisco) 13
Barcas (Auto das) trilogia dramatica famosa 74
Barcelos (Vej. Gil Vicente).
Barrelas (Juiz de) 112
BARRETO DAGUIAR (Antonio) vende parte de uma tença a Joana Inacia 133
BRAGA (Dr. Theophilo) Gil Vicente e as suas origens do theatro 133
» » é induzido em erro pelas declações do V.º de Sanches de Baena 133

BRAGANÇA (Duque de) 54
» (Duquesa de) 15
BRANCA BEZERRA, mulher de Gil Vicente 128
» GIL, alcoviteira na farça do Velho da Orta 51
BEATRIZ (D.) infanta, mae delrei D. Manuel .... 15, 16 e 17
» » seu falecimento 34
» » filha d'el rei D. Manuel 59
» » desposa o duque de Saboia 99
» (D.) de Menezes, filha de D. Antonio de Almeida e D. Valeria Borges 130
» sua idade provavel em 1572, rectificação 131
» confirma-se-lhe a renuncia de uma tença que nela fez sua mãe 132
Beja, cidade do Alemtejo 16
BELCHIOR VICENTE, filho de Gil Vicente ..... 11 e 12
» » seu nascimento, data provavel ... 128
» nomeado segundo escrivão da feitoria de S. Jorge da Mina 128
» renuncia este cargo em Afonso Castanho 128
» em 1535 acha-se em Evora com o pai 128
» sua mulher e filhos 128
» moço da camara da infanta D. Maria 128
» nomeado juiz dos orfãos de Miranda de Podentes 128
» sua mulher *(V. Arnaa)*.
BENTO, pastor, personagem do Auto da Fé 45
BERZEBU é esconjurado 55
» *(Vej. Dinato)*.
BEZERRA *(Vej. Branca e Epitafio)*.
Bethlem 25
Biblia 21
Bibliografia 149
Bispo, figura da Barca da Gloria ..... 92 e 96
Boa Esperança, cabo da 53
BOCAGE 38
BONAMIS e seu irmão 7
BORGES *(Vej. Antonia, Filipa e Valeria)*.
BRAS, pastor, no auto pastoril castelhano 20, 21, 23
» » no auto da Fé 45
BRIZIDA VAZ *(Vej. Alcoviteira)*.
Burgos, onde se passa a Comedia do Viuvo 61

C

Cabo Verde, arquipelago de 53
Caça dos Segredos, farça desaparecida 126
Çafim ou Safim praça d'Africa 54
Caldas, vila 29

CALEB 114
CALISTO e MELIBEA *(Vej. Celestina).*
Camarão, ilha de..... 70
CAMÕES 38
Campos, terra de..... 100
Cananea, auto da 123
Cancioneiro do Colegio dos Nobres ou d'Ajuda 113
» da Vaticana 113
Cantares, ou Cantico dos Canticos (livro). 21
Cantiga, ensoada por G. Vicente..... 27
Çapateiro, figura no auto da barca do inferno..... 77
Cardeal, figura no auto da barca da gloria..... 93, 96
CARLOS V, imperador, seus desposorios 112
Carta de Gil Vicente a D. João III..... 118
» do irmão d'Inez Pereira á irmã..... 106
CASSANDRA (auto da Sibila) 26, 27
CASTANHO Afonso *(Vej. Belchior Vicente).*
Castela 6, 67, 70 100
» suas glorias 113
Castelhano, personagem nos autos da India e da Fama ..... 38, 70 e 71
Castello Real (Vej. Mogador).
» de S. Jorge..... 35
CASTRO (Luiz Vicente de) fidalgo da casa real..... 135
Cata-que-farás, sitio em Lisboa..... 35
CATARINA (D.) rainha,. ..... 112 e 113
Cavaleiro, personagem no auto dos Reis Magos..... 26
Cavaleiros de Cristo (quatro)..... 81
Cea, seus queijos, gado vacum e merino..... 113
CELESTINA celebre personagem na Comedia de Calisto e Melibea..... 8
Cetro onipotente, figura alegorica do Templo d'Apolo.... 112
Ceuta, sua tomada 53
Ciganas, farça das 101
Cimeria, sibila 26
CISMENA, filha de Rubena 100
Clerigo nigromante na Exortação de guerra 55
» personagem na Comedia do Viuvo 62
» *da Beira,* farça..... 113
Coimbra, os soberanos ali 113
» nasce ahi a infanta D. Maria, filha de D. João III. 113
» o seu brasão interpretado por Gil Vicente..... 113
Compadre, personagem na Comedia do Viuvo..... 63
Conde Almirante.. 35
» personagem no auto da Barca da Gloria..... 88, 96
» (Vej. Sabugosa e Vimioso).
Corregedor, figura no auto da Barca do inferno..... 79

Corpo cronologico, coléção de documentos na Torre do Tombo 11
Corpus Cristi, festividade 25
CORTE REAES..... 35
Cortes de Jupiter, tragi-comedia..... 99
Covilhan, seus panos 113
Creta (ilha de) onde é levada Cismena..... 100
CRISTO (Jesus) ..... 18, 17 e 113
CUNHA Tristão da *(Vej. Armada).*

D

Damas e galantes da corte, referencia a elles..... 66
DANOR, diabo na Exortação de guerra 55
DAVID..... 30
Dekala, ou Duquela..... 54
Diabo, sua importancia na trilogia das Barcas..... 96
Dialogo, sobre a Ressureição..... 114
DINATO e BERSEBU, figuras no auto da Lusitania..... 118
Divisa da cidade de Coimbra (comedia) 113
Donatarios da ilha de S. Miguel 35
DUARDOS (D.) tragi-comedia ... . 54 e 112
DUARTE (D.) rei..... 53
Duque, figura no auto da Barca da Gloria..... 89 e 96

E

ELENA (D.) de Meneses, filha mais nova de D. Antonio d'Almeida e D. Valeria da Borges 130
» trespassa a sua tença a Joana Inacia..... .. 131
» freira em Sacavem..... 132
Ementas historicas, II, G. V.to.. 10, 12, 32, 115, 127, 129, 131, 133
ENCINA (Juan del)..... 8, 19 e 25
Enforcado, figura no auto da Barca do inferno..... 80
Epitafio de Branca Bezerra..... 128
» » não foi conhecido de Luiz e Paula Vicente, filhos do poeta. 128
» de Gil Vicente 126
Ermitão, personagem no auto dos Reis Magos e na farça de Inês Pereira ..... 25 e 108
ERUTEA, sibila..... 26
ESCHILO..... 19
Escudeiro pobre ou Quem tem farelos (farça)..... 31
» desposa Inês Pereira e como procede 104
» parte para a Africa e que instruções deixa ao moço..... 105
» é morto por um pastor mouro.. 107
Espanha..... 8
» (côrte de) 112

Espirito Santo 41
Estrela dos Magos, sua descrição 26
Evangelho da infancia, apocrifo 26
Evangelhos canonicos 26
Evora, cidade 13, 101, 112
Exortação de guerra, tragi-comedia 54

F

Fadas (auto das) 65
Fama (auto da) seu argumento 67
» personagem no auto desse titulo 68
» figura alegorica na tragi comedia Tempo d'Apolo .. 112
FAUSTO de Goethe 37
Fé (Vej. auto da).
» personagem do auto dessa denominação, fala em portugues ..... 45 e 47
» figura alegorica no auto da Fama ..... 67 e 76
Feiticeira, personagem no auto das Fadas 65
FELICIA, personagem na comedia de Rubena 101
FERNANDO (D.) infante 16
» I, rei 35
FERREIRA DE VASCONCELOS, (Jorge) sucede-lhe no cargo de escrivão do tesouro real L. Vicente 133
FIGUEIREDO CORREIA (Jorge de) 11
Fisicos (farça dos) 125
Flor de gentileza, figura alegorica do Templo d'Apolo 112
Floresta de Enganos, comedia, ultima peça de G. Vicente. 125
Fortaleza, figura alegorica no auto da Fama ..... 67 e 71
Frade, personagem no auto da Barca do inferno 78
Fragoa de Amor, tragi-comedia 112
França ..... 30 e 67
» colegio dirigido por portuguêses 47
» (enselada que veio de) 47
Francês, personagem do auto da Fama 86, 70, 71

G

GAMA (Vasco da) 38
Garça (nau) 39, 41
GARRETT *(Vej. Almeida Garrett e Um auto de G. Vicente).*
GASPAR VICENTE filho de G. Vicente ..... 12, 13 e 128
GILBERTO *(Vej. Rosvel e Viuvo).*
GIL VICENTE .. 8, 9, 10, 11, 13, 15, 16, 17, 19, 23, 24, 25, 29, 30, 31, 36 e 37
» » doente 112
» » e Evora 13
» sua genealogia burlesca deduzida no auto
» da Lusitania 118

GIL VICENTE em Evora em 1535, com seu filho Belchior 128
» » seu casamento com Branca Bezerra 128
» » seu segundo casamanto *(Vej. Melicia Rodrigues)* e sua familia 127
» » seu falecimento 126
» » seu epitafio 126
» » sua patria 127
» » enviuva de Branca Bezerra 129
» » nascimento dos filhos 130
» » onde residiu até certo tempo 135
» » improbabilidade da sua residencia em Matacães 136
» » impossibilidade de ser mestre de retorica del-rei D. Manuel 136
» » o que diz a respeito dos seus haveres .. 136
» » um filho se encontrava na India em 1512 137
Gloria, barco para a 74
GOETHE 37
GOMES ANGEL (Luiz) abastado negociante, pai de Joana Inacia 133
GOMES DE BRITO (J. J.) e o seu estudo ácerca das tenças da infanta D. Maria 131
» » 134
Gouveia, suas castanhas 113
Graciosa, tentativa infrutifera 58
Granada 70
Gravidade, figura alegorica no Templo d'Apolo 112
GREGORIO, pastor no auto dos Reis Magos 25
Guimarães patria de Gil Vicente 9, 127
Guiné e India (casa de) 35

H

Hamburgo, edição das Obras de Gil Vicente feita nesta cidade 10
HENRIQUE (D.) infante dirige a empresa de Tanjer 53
» » fidalgo no auto da Barca do inferno 74
Hespanha 71
Historia de Deus (auto da) 118

I

Imperador, figura do auto da Barca da Gloria 90, 96
» *Carlos V* 112, 113, 170
Imperatriz 113
India *(Vej auto da).*
» (noticias da ?) 27

India 37, 38
» onde se encontra a origem do apologo da bilha de leite 123
INÊS PEREIRA (farça de) sua origem 103
» suas lastimas 106
» sua cantiga 109
» sua continuação 112
Introdução ao Auto da Lusitania 158
ISABEL (D.) infanta, depois imperatriz, ... 59
» seus desposorios 112
» filha de D. João III, seu nascimento 115
» rainha, viuva do principe D. Afonso 16
ISAÍAS, no Auto de Sibila Cassandra 27
ISMAEL 71
Italia 67, 70
Italiano, personagem no Auto da Fama ..... 68 a 71

J

JAIME (D.) duque de Bragança 54
JERONIMO (S.) 36
JOANA INACIA, quem era 133
JOÃO, personagem dum auto d'Encina 19
» (D.) I, sua politica 53
» » II 16, 29, 53
» » alusão a ele 23
» » sua viuva 71
» » principe e depois rei 8
» » intervem na Comedia do Viuvo 64
» » III 10, 11, 100, 101, 111
» » , sua entrada na capital com a rainha D. Catarina 113
» » romance de G. Vicente á sua aclamação 125
JOSUÉ, ... 114
Jubileu de Amor, auto desaparecido 169
Judeu, figura no Auto da Barca do Inferno 79
Judeus, casamenteiros 104
Juiz da Beira, (farça do) 109, 112
JUPITER, no Auto dos Quatro Tempos 30
» na tragicomedia, Côrtes de 99

L

LAFONTAINE, e o apologo da bilha de leite 123
LAMEIRA (Antonio) sucede no cargo de escrivão do tesouro real a Luis Vicente 134
LA PALICE (M.r) verdades de 54, 114
Lavrador, figura do Auto da Barca do Purgatorio 83

Lavradora, idem, idem 83
LEMOS, personagem do Auto da India 38
Lendas apocrifas do novo testamento 26
LEONOR (D.) rainha, viuva de D. João II, . 29, 33, 37, 71, 82
» » » terceira mulher del-rei D. Manuel I 87
Lião (rei de) 6
Licenciado, expõe o assunto do Auto da Lusitania 158
Lisboa, patria de G. Vicente? 127
» terremotos de 1531 e 1755 117
LISIBEA, filha de Portugal e Lusitania, alegoria 158
Livro de Marinharia 54
LOBEIRA (Vasco de) autor do romance de cavalaria Amadiz de Gaula 123
LOBO (D. Rodrigo) Vedor da fazenda 11
LOPES DE MENDONÇA (H.) 74
» » SEQUEIRA (João) 54
LUCAS, personagem de um Auto d'Encina 19
» pastor no Auto pastoril castelhano 20, 21
LUCIFER, é esconjurado 55
LUIS (D.) infante, seu nascimento 33
» VICENTE, filho de G. Vicente 12, 16, 74, 125, 129
» » primeira noticia da sua existencia 133
» » escreve o prologo da primeira edição das obras do pai 133
» » é nomeado escrivão do tesouro da Casa Real 133
» » reside na alcaçova do Castelo de Lisboa 134
» » como procurador de seu cunhado D. Antonio recebe em 1592 as tenças das sobrinhas 134
» » falece pelos fins de 1601 134
» » confusão sob este nome de tres individuos diversos 135
» » *(Vej. Epitafio)*
Lumiar (paço do) 100
Lusitania (auto da) 118
LUTHERO, seu catecismo 26
LUZ (Nossa senhora da) 41

M

MADANELA, moça a que se alude no auto da Barca do Purgatorio 84
Madeira (archipelago da) 53
Madre Santa Igreja 36
MAFOMA 6
Malaca tomada 68

MALAQUIAS, profeta..... 21
MACHADO (Pero) casa com Valeria Borges..... 129
» » é falecido..... 129
MANUEL D. (principe) seu nascimento..... 118
» I rei..... 8, 15, 16, 29, 35, 45, 47, 53, 54, 71, 87
» falece sua mãe..... 34
» sua morte..... 29, 101
» romance de Gil Vicente a este facto..... 125
Manteigas (vila) seu leite..... 113
MARCOS personagem dum auto d'Encina..... 19
MARIA (D.) infanta, ultima filha del rei D. Manuel, seu
» nascimento..... 99
» » alcança uma tença para Paula Vicente, sua moça da Camara..... 130
» » seu falecimento..... 130
» » seu testamento e legados..... 130
» » filha de D. João III, nasce em Coimbra..... 113
» » rainha..... 8, 15, 16, 74
» » » seu falecimento..... 65
» (Virgem) invocada por Cassandra..... 27
» PARDA *(Vej. Pranto)*
» (D.) DE MENESES, filha de D. Antonio d'Almeida e D. Valeria Borges..... 130
» » confirma-se a renuncia de uma tença que nela faz sua mãe..... 132
MARQUES (PERO), figura na farça de Inês Pereira e na do Juiz da Beira..... 107, 109, e 112
Marrocos..... 71
MARTA, pastora, alude-se a ela..... 10
» GIL *(Vej. Lavradora)*..... 8
MARTIM VICENTE..... 9, 127
MASCARENHAS (D. Pedro) embaixador portugues, festeja em Bruxellas o nascimento do principe D. Manuel..... 121 e 170
Mazagão, praça d'Africa..... 54
Meca..... 41, 68
MELICIA filha do Viuvo na comedia desse titulo..... 62, 64
» coincidencia relativa a este nome..... 65
» RODRIGUES, segunda mulher de Gil Vicente. 129
» » viuva, onde residia..... 134
MELO (FRANCISCO DE) notavel geometra..... 115
MENENDES Y PELAYO (D. Marcelino)..... 74
MENESES (D. Constantino) filho de D. Antonio d'Almeida e de D. Valeria Borges..... 130
» (D. JOÃO) idem idem..... 130
» (D. LUIZ) idem idem..... 130
» (D. PEDRO DE) idem..... 130

MENESES *(Vej. D. Beatriz, D. Elena e D. Mariana)*....
Menino, figura no auto da Barca do Purgatorio..... 85
Menoridade provavel dos filhos de Gil Vicente ao tempo da sua morte..... 135
MERCURIO, no auto da Feira..... 114, 115
MICHAELIS DE VASCONCELLOS (D. Carolina)..... 170
MIGUEL (D) principe..... 17
Mina (S. Jorge da) castelo..... 53
MIQUEAS, profeta..... 21
Misterios da Virgem (Vej. Mofina Mendes)
MOFINA MENDES..... 123, 124
Mogador (castelo real do)..... 54
Momos..... 7, 35
Moinho de Vento..... 35
MOISES..... 27
Moradias da casa real..... 128
Morte, figura da Barca da Gloria..... 88
Moura, vila..... 16
MULEI SIDAN, sua traição..... 54
Mundo, personagem do Templo d'Apolo..... 112
Musica do autor perdida..... 71

N e O

Natal (matinas do)..... 45
Nau d'Amores, tragicomedia..... 113
Ninguem (Vej. Todo o-mundo)
Normandia (principe de) personagem da Nau d'Amores... 113
Nota á pag. 121..... 170
Notas Vicentinas..... 170
Novo Testamento (lendas apocrifas relativas a elle)..... 26
Obidos (auto de)..... 29
» vila..... 41
Onzeneiro, figura no Auto da Barca do Inferno..... 76

P

PAÇO (Frei) figura no auto Romagem de Agravados..... 123
Padre Nosso, glozado..... 47
PAIO VAZ, figura no Auto de Mofina Mendes..... 124
Palmela (Vej. frei Vasco)
PANTASILEA, aparece na Exortação de Guerra..... 56, 57
Papa, figura no auto da Barca da Gloria..... 94, 96
Parvo, idem, idem, idem do inferno..... 77, 80, 81
Pastor, figura do auto da Barca do Purgatorio..... 84
Pastora menina, idem, idem..... 84
PAULA, filha do Viuvo na comedia desse titulo..... 62, 64

PAULA, filha do Viuvo coincidencia a seu respeito..... 65
» VICENTE, filha de G. Vicente..... ...12, 129
PAULA VICENTE, cede uma tença em sua sobrinha D. Beatriz de Meneses..... 130
» » legataria da infanta D. Maria..... 130
» » seu falecimento..... 130
» » provavelmente testa em favor de suas sobrinhas, filhas de sua irmã D. Valeria Borges 130
» » e seu irmão Luis Vicente publicam a compilação das obras de seu pai.. 133
» » filha de Belchior Vicente, neta de Gil Vicente 128
PEDRO DE MALASARTES, figura lendaria 124
Penosinhos (rua dos) na alcaçova do Castelo de Lisboa... 127
PERESICA, sibila.... 26
PESSIVAL, pastor no auto de Mofina Mendes 124
Peste em casa de G. Vicente 128
PINA (Joana de)..... 135
PIRES (Aspão) escrivão..... 11
PLATÃO 5
PLAUTO 31
POLICENA, aparece na Exortação de Guerra.. 55
Portugal 6
» (côrte de)..... 112
» e **Lusitania**,..... 118
Pranto e testamento de Maria Parda 126
PRESTAGE (Edgar). 37
PRESTE JOÃO..... 53
Principe perfeito..... 23
Privilegio para a publicação das obras de Gil Vicente.... 134
Procurador, figura no auto da Barca do inferno 80
PROMETEU..... 19
Providencia, figura no auto das Côrtes de Jupiter..... 99
Purgatorio..... 74
» (auto da Barca do)..... 82

Q e R

Quatro tempos (auto dos)..... 30
Quem tem farelos..... 31
Rastelo (sitio do)..... 39
Ratinho, jornaleiro..... 48
Rei, figura do auto da Barca da Gloria..... ... 90, 96
Repelon (auto del) de Encina..... 15
Retoques feitos por Gil Vicente na tragicomedia da Exortação da guerra..... 59

Revista da Universidade de Coimbra..... 170
Ribeira (paços da)..... 35
ROJAS *(Fernando de)* 8, 31
Roma, figura no auto da Feira.. 115
Romagem de Agravados, tragicomedia..... 123
ROMEIRA (Branca de) alusão a ela..... 100
ROSADO (Aires) personagem da farça Quem tem farelos..... 32, 104
ROSVEL (D) principe da Huxonia, personagem da comedia do Viuvo..... 63, 64
RUBENA, personagem na comedia d'este titulo..... 100

S

Sabedoria, figura alegorica do Tempo de Apolo..... 112
SABUGOSA (Conde de) a sua biblioteca e o Auto da Festa..... 125
SA DE MIRANDA (Francisco de)..... 35
SALOMÃO, pastor no auto da sibila Cassandra 26
SANCHES DE BAENA (Visconde de)..... 127, 133
» » incongruencia das datas que apresenta para o nascimento dos filhos de G. Vicente..... 130
» » (*Vej. Antonia Borges*)
SANCHO (D) I, rei..... 7
Santa Cruz do Cabo d'Aguer ou Agadir (castelo de)..... 54
Santarem (estava nela G. Vicente em 1531)..... 117
« (seus frades) o que passou com elles G. Vicente 117
Santo (*Vej. Agostinho*)
São Francisco (sitio em Lisboa)..... 25
SÃO MARTINHO (auto de)..... 29
SÃO MIGUEL (capela de)..... 30
SÃO ROQUE (sitio de)..... 35
SÃO TOMAZ..... 33, 36
SATANAZ é esconjurado..... 55
SCIPIÃO, aparece no auto da Exortação de Guerra..... 57
SCOTO..... 33
Serafim, figura no auto da Feira..... 115
Sermão, no nascimento do infante D. Luis..... 33
Serões de Portugal..... 35
Serra da Estrela, tragicomedia pastoril..... 54, 113
» » arminhos e penas que dela vem..... 113
» » minas de ouro que nela se suspeitam... 113
Sibila (cova)..... 113
» *Cassandra (Vej. Cassandra)*

SILVESTRE, pastor no auto pastoril castelhano..... 21
» pastor no auto da Fé..... 46
Siria (principe da) desposa Cismena..... 101
SOARES d'ALBERGARIA (Lopo) e a sua grande armada 27
SOCRATES..... 5
SOUSA VITERBO (F. M. de)..... 170

T

Taful, figura no auto da Barca do Purgatorio..... 85
Tanger, desastre de..... 53
» tomada..... 53
TAVARES (Guiomar) mulher de Belchior Vicente..... 128
» (Maria) sua filha..... 128
Tavira..... 106
Templo d'Apolo, tragi-comedia..... 112
Templo glorioso, figura alegorica na precedente tragi-comedia..... 112
Tempo, personagem do auto da Feira..... 115
Tenças (as) da infata D. Maria *(Vej. Gomes de Brito)*.....
Tentativa cronologica á cerca de G. Vicente e sua familia. 139
TERENCIO..... 31
TERESA, noiva de Silvestre no auto pastoril castelhano.. 21
Terremoto de 1531..... 117
TERRON (Gil) figura no auto pastoril castelhano 20, 21, 23, 24
Todo o mundo e Ninguem, figuras do auto da Lusittania, famoso trecho filosofico-dramatico..... 119
Triunfo do inverno, tragi-comedia..... 113

U. V. X. Z

Um auto de Gil Vicente, drama d'Almeida Garrett..... 99
VALERIA BORGES, filha de Gil Vicente..... 12, 123
» » desposa Pero Machado..... 129
» » enviuva e passa a segundas nupcias
» » com D. Antonio d'Almeida e Meneses 129
» » reside á Graça em 1574..... 131
» » seus filhos..... 130
» » enviuva segunda vez e é tutôra de suas filhas em 1593 e 1596..... 131
» » renuncia umas tenças em duas filhas 131
VALERIO pastor no auto dos Reis Magos..... 25
Vaqueiro (Vej. Visitação)
VASCO AFONSO, lavrador, faz o prologo do auto pastoril português..... 111

VASCO DE PALMELA (Frei)..... 100
VAZ (Brisida) *(Vej. Alcoviteira)*
» (Leonor) figura na peça de Inês Pereira..... 104, 107
VELHO (Manuel) tesoureiro da casa real..... 11
Velho da Orta (farça do)..... 47
Vencimento, figura alegorica do Templo d'Apolo..... 112
VERGILIO (eglogas de)..... 8
VICENTE (Vej. Baltasar, Belchior, Gaspar, Gil, Luiz, Martim e Paula)
VICO NUÑO..... 20
VIMIOSO (conde do) trovas dirigidas a ele por Gil Vicente 126
» » 128
Visitação, (monologo da) ou do Vaqueiro, primeiro ensaio dramatico de Gil Vicente..... 19, 25
Viuvo (comedia do)..... 61
» » seu lirismo..... 61, 62
» » alude-se a ela..... 129
Xabregas (mosteiro de)..... 26
Zaire (rio) seu descobrimento..... 55
ZEBRON, diabo no auto da Exortação de guerra..... 35

Nota á pag. 121

O presente opusculo, que eu me comprometera a entregar em certo prazo, e que por favor dos benemeritos editores teve a precisa prorogação, foi escrito achando-me sob o peso de crueis desgostos, acompanhados de duas mudanças de domicilio em curto espaço de tempo. Por este motivo tresmalharam-se-me apontamentos anteriormente tomados, que a minha gasta reminiscencia me não poude suprir. Só ha poucos dias me voltou á mão o trabalho do meu falecido amigo Sousa Viterbo — *Dois traços para a biographia de Gil Vicente*, e quando revia as provas das ultimas paginas, recebi o 2.º fasciculo da *Revista da Universidade de Coimbra* onde a eruditissima Sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcélos, enceta as suas preciosas *Notas Vicentinas*, das quais a 1.ª rectifica, amplia e completa a noticia dada por aquelle desaparecido escritor.

Em presença desses valiosos elementos, o ultimo paragrafo da pagina a que se refere a presente nota, deve ser substituido pelo seguinte :

O facto que deu motivo a esta producção foi festejado não só no paiz, mas fóra delle. Em Bruxellas o imperador Carlos V, solenisou-o com pompa, e o nosso embaixador, que alli se achava, D. Pedro Mascarenhas, em dois dias sucessivos o celebrou com uma brilhantissima festividade, a que assistiu o proprio imperador, o legado do papa, outras altas personagens, e alguns distintos portugueses. Não é certo se o auto da *Lusitania* ahi foi representado, como alguns tem pretendido, o que se sabe hoje, por uma carta do referido legado, é que o auto ali exibido de Gil Vicente se intitulava — *Jubileu de amor*, talvez infelizmente perdido, e cujo assunto nenhuma analogia podia ter com aquele.

ERRATA

pag.	lin.	erro	emenda
5	18	aviam	haviam
6	24	avia	havia
9	8	á	ha
12	18	1525, dez	1515, vinte
16	33	averem-se	haverem-se
17	1	aviam	haviam
20	1	A'	Ha
31	26	mesmo	mesmas
32	10	averes	haveres
»	16	abitos	habitos
37	nota	Cy	by
38	33	noite	a noite
66	2	re	refere
100	35	pedem	perdem
112	ultima	au	alu
118	11	alfaiate	alfaiate judeu
»	35	põe tu	põe-te tu
144	1	terça	terça
»	12	ano	dia
»	16	1532	1531
»	»	referido auto	*Jubileu de amor*

Acabou-se de imprimir na Tipografia da Livraria Ferin
aos vinte e dois dias do mês de novembro
do anno de mil novecentos e doze.

Vol. III

AFFONSO D'ALBUQUERQUE

POR

ANTONIO BAIÃO

(Trabalho fundado principalmente nas cartas do grande heroe)

SUMMARIO

I — **A familia:** Ascendentes e descendentes.

II — **A aprendizagem do grande capitão.**

III — **Na India:** A primeira expedição; Regresso a Portugal — Segunda expedição sob o commando de Tristão da Cunha; Albuquerque no cruzeiro do Mar Vermelho e costa da Arabia; A tomada de Ormuz — Um tratado escripto em folha de ouro — Como o rei de Portugal pagava os seus tributos — A porta do requerimento; A insubordinação dos capitães da armada — Como o abandono d'alguns d'elles obrigou Albuquerque a levantar o cerco d'Ormuz — Novamente em Socotorá, na costa da Arabia e Ormuz — Partida para a India — D. Francisco d'Almeida e Albuquerque — Prisão d'este.

IV — **O Governador da India:** Partida de D. Francisco d'Almeida para Portugal — O desastre de Calicut e morte do marechal — As *cocegas* d'Albuquerque — Rendição de Goa e sua tomada — Descripção official d'esta; Tomada de Malaca — Narração official — As uvas que Albuquerque lá comeu — Submersão de ricos despojos, entre os quaes, anneis de diamantes e rubis destinados a Ruy de Pina — Goa em perigo — Tomada de Benestarim, o baluarte de Pangim feito com cal tirada de cascas d'ostras; Missão de D. Garcia de Noronha a Calicut — Albuquerque novamente no Mar Vermelho — Narração official do accomettimento de Aden — *O açoute na casa de Mafomede* — Regresso á India — A fortaleza de Calicut — Accordo commercial com este monarcha — A expedição de Pero d'Albuquerque; Regressa Albuquerque gravemente doente á India e morre — Ultima carta escripta a D. Manuel I, suas versões; Os inimigos de Albuquerque especialmente Gaspar Pereira, Antonio Real, Lourenço Moreno e Jorge de Mello — Critica de Albuquerque aos portuguezes que iam á India; Os amigos de Albuquerque, especialmente Duarte Galvão e Antonio Carneiro — Suas relações com Duarte Pacheco, Fernão de Magalhães e Pedro Alvares Cabral; O auge do poderio na India — Embaixadas dos reis orientaes — Os seus presentes — Albuquerque *cavalleiro grande e forte leão dos mares* — Os seus projectos; Armamento usado na India — Soldos — O commercio — A ambição da riqueza — Ideias coloniaes de Albuquerque; Mercês concedidas a Affonso d'Albuquerque — Presentes que da India mandava para Portugal.

V — **A Memoria d'Albuquerque:** O seu testamento — Onde param os seus restos mortaes e a urna que os encerrou? — A sua successão na India — Generosas compensações ao filho; **Uma estatua de Albuquerque até agora desconhecida mandada apear pela Inquisição de Goa** — A lapide da quinta do Paraiso — O monumento de Belem — Albuquerque e os inglezes.

VI — **Bibliographia.**

VII — **Chronologia.**